

**Vera Lúcia de Magalhães Bambirra**

**AS FRONTEIRAS DO IMAGINÁRIO DE  
CONQUISTA: AS VOZES DE OCUPAÇÃO NA  
LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA EM  
*MAKALOPA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Acre, como  
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em **Letras:  
Linguagem e Identidade**, área de Estudos da Linguagem, em  
Rio Branco - AC, 2008.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Carvalho (Universidade  
Federal do Acre – UFAC).

**Rio Branco**

**Universidade Federal do Acre**

**Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade  
2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Vera Lúcia de Magalhães Bambirra**

**As Fronteiras do Imaginário de Conquista: as Vozes de Ocupação na  
Literatura de Expressão Amazônica em *Makaloba*.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Acre, como  
requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em **Letras:  
Linguagem e Identidade**, área de Estudos da Linguagem, em  
Rio Branco - AC, 2008.

Data da aprovação: 06/05/2008

---

Prof. Dr. João Carlos de Carvalho (Orientador) –  
Universidade Federal do Acre/UFAC

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Olinda Batista Assmar –  
Universidade Federal do Acre/UFAC

---

Prof. Dr. Gentil Luiz de Faria  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Rio Branco - Acre

Ao meu esposo, Reinaldo, e aos meus filhos, Olintho e Vicente, pela paciência e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte da força que me sustenta, principalmente nos momentos difíceis.

Ao meu orientador, Prof. Dr. João Carlos de Carvalho, pela dedicação incansável, apoio e incentivo durante a pesquisa e elaboração desta dissertação, uma vez que mais do que indicar caminhos, comportou-se como um grande amigo durante toda a caminhada.

Ao meu esposo, pelo amor, estímulo e auxílio que tornam possível a concretização das minhas aspirações.

A meus pais, Terezinha e Vicente, e meus irmãos, Reginaldo, Gleisson e Cleber, pelo apoio nesta jornada, sem o qual o sonho jamais seria realizado.

Aos Professores Doutores Vicente Cerqueira, Simone Lima, Socorro Calixto, Gerson Albuquerque, Margarete Lopes, Marisa Khalil, Rosário Gregolin e Luciana Marino Nascimento, pelo aprendizado e atenção dispensados durante a convivência harmoniosa que deixou saudades.

Aos meus amigos pelo carinho e força que também me serviram de sustentáculo diante dos óbices desta empreitada, ao mesmo tempo sofrida e prazerosa.

Ao Professor Doutor Milton Chamarelli pelo apoio e auxílio na revisão desta Dissertação.

A todos que de algum modo me auxiliaram a tornar realidade este momento tão almejado.

Os discursos sobre a Amazônia, portanto,  
poderiam desembocar em várias amazônias.  
João Carlos de Carvalho

## AS FRONTEIRAS DO IMAGINÁRIO DE CONQUISTA: AS VOZES DE OCUPAÇÃO NA LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA EM *MAKALOBA*.<sup>1</sup>

**RESUMO:** as vozes de ocupação presentes em *Makaloba* são ecos reveladores das fronteiras do imaginário de conquista, esses interstícios onde se inscrevem as marcas da literatura e das identidades produzidas na Amazônia, região que desde o primeiro momento que esteve sob o olhar alienígena, se mostra como produto de fabulações, de imagens que a laçaram pelo mundo como lugar prodigioso ou como espaço de tormentas insuportáveis. Desse modo, a finalidade desta pesquisa é, a partir da análise do livro de Edílson Martins, compreender de modo mais eficaz essa ficção que nasceu e cresceu a partir de um grande espanto, este que tem resistido por intermédio da sua capacidade de transmutar-se de modo que continua a ser força capaz de mover homens e mulheres pelos recantos amazônicos em busca de sentidos e razões talvez inalcançáveis. A metodologia adotada é a que se mobiliza a partir do geral, da contextualização constituída por reflexões acerca das fronteiras, da identidade, das narrativas de viagem, das diásporas e da ficção amazônica a partir de um amplo espectro de reconhecimento, seguindo rumo ao particular, neste caso, representado por *Makaloba*. Neste sentido, o livro de Martins funciona como um pretexto para a busca de uma maior compreensão a respeito da ficção de expressão amazônica, procurando entender como ela reproduz as marcas seculares que sempre marcaram a região. Assim, essa criação ficcional, ao mesmo tempo, se constitui no registro de uma época, testemunha do surgimento de idéias que deram origem ao movimento ambientalista que evoluiu, se radicalizou e se transformou em preocupação central dos grandes debates internacionais acerca do futuro do planeta.

Vera Lúcia de Magalhães Bambilra

**PALAVRAS-CHAVE:** ficção, Amazônia, fronteira, identidade, diáspora.

---

<sup>1</sup> “Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Carvalho – Universidade Federal do Acre/UFAC”.

## THE BORDERS OF THE IMAGINARY CONQUEST: THE VOICES OF OCCUPATION INTO AMAZON EXPRESSION LITERATURE IN MAKALOBA<sup>2</sup>

**ABSTRACT:** the voices of occupation in *Makaloba* are meaningful echoes from the borders of the imaginary conquest, and so these gaps where it is subscribed these marks from literature and even from the identities created in Amazon, region that since the first time was upon the unknown spectacle, thus it shows as product of fables, from images that have spread around the world as a prodigious place or yet a as a set of unbearable torments. Like so, the purpose of this research is, bringing up an analysis from Martins' book, to comprehend from the most efficient manner this fiction that born and grow up from a great happening, at the same time resisting by the intermediation of its ability of changing, so that keep on to become the strength able to move men and women around the amazonic surroundings in searching of senses and reasons perhaps unreachable. The methodology applied moves from the general idea, from the contextualization established by thoughts related to borders, from the identity, from travel narratives, from diasporas and from amazon fiction through a vast spectrum of appreciation, following to a particular, in this case, represented by *Makaloba*. In this way, Martins' book works as a pretext to the searching of a great understanding following to the particular in this case represented by *Makaloba*. In this sense, Martins' book works as a pretext to a search for a bigger comprehension about fiction of amazon expression, searching to understand how it repeat the secular marks that always marked the region. So the fictional creation, at the same time in the register of an epoch, witness of emerging ideas, which originated the evolution environmental movement, it radicalized and transformed in main worrying of immense international discussions concerning the future of planet.

Vera Lúcia de Magalhães Bambirra

**KEYWORDS:** fiction, Amazon, borders, identity, diaspora.

---

<sup>2</sup> “Advisor: P. h. D. Prof. João Carlos de Carvalho – Federal University of Acre/UFAC”



## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>09</b>
<b>2. Fronteiras humanas e geográficas na ficção de expressão amazônica.....</b>	<b>28</b>
2.1. A Amazônia e uma ficção de fronteira.....	28
2.1.1. Fronteira e identidade .....	28
2.1.2. Fronteira e narrativas de viagem .....	50
2.1.3. Fronteira e diásporas .....	59
2.2 As vozes de ocupação na literatura de expressão amazônica .....	69
2.2.1. Ficção amazônica no Brasil .....	69
2.2.2. <i>Makaloba</i> : o quase-romance e as vozes de ocupação .....	84
<b>3. Conclusão.....</b>	<b>113</b>
<b>4. Referências bibliográficas.....</b>	<b>115</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Aos sete anos de idade, tive meu primeiro contato literal com a Transamazônica. Esse grande empreendimento que procurou ligar a Amazônia ao Nordeste e assim salvar os miseráveis e flagelados que fugiam da seca. Meus dois irmãos, minha mãe e eu, que tivemos toda nossa existência ligada a este chão, em um comboio de caminhões do 7º BEC, saímos de Cruzeiro do Sul rumo a Feijó para encontrarmos meu pai, à época um militar que trabalhava na construção daquela que deveria ter sido a maior rodovia do Brasil.

A viagem foi extremamente cansativa, por várias vezes interrompida por causa de um mal-estar que se abateu sobre mim, provocado pelo calor insuportável e pelos movimentos daquele imenso veículo automotivo. Movimentos esses que embrulhavam o estômago e causavam uma tontura incrível. Parece que aquela experiência iria me dar a medida de questões que até hoje não sabemos responder ainda sobre o futuro que nos aguardava em relação ao nosso destino regional e a tontura talvez me fosse o difícil passaporte para tentar compreender as tantas estradas que eu iria ainda percorrer, dentro e fora de mim.

Finalmente chegamos à margem do rio Envira. Tamanha foi a surpresa, acompanhada de um grande temor, ao deparar-me com uma aldeia indígena, constituída por um número significativo de nativos (homens, mulheres, crianças, algumas transportadas em *sacotelos* colocados às costas de suas respectivas mães). Todos nos olhavam curiosamente, talvez mais temerosos do que eu. O pânico, a certa altura, tomou conta de mim, uma vez que, devido aos

filmes americanos e às histórias que ouvimos desde a nossa infância, acreditava firmemente que esses indivíduos eram seres perigosíssimos que comiam carne humana. Naquela época, não suspeitava que testemunhava a maior tentativa do Estado brasileiro, em plena ditadura militar, de estender as fronteiras em nome da Segurança Nacional. A Transamazônica era o início e o fim de uma era de grandes projetos para a região, repercutindo séculos de tentativa de assimilação e progresso.

Fiquei um ano em Feijó, retornei para Cruzeiro do Sul, onde mais tarde cursei Letras e fiz a especialização, oportunidades de galgar os primeiros passos na literatura, especialmente a de expressão amazônica, isso já nos idos dos anos 90. É fato que tentei resistir à imensa paixão pela literatura, percorri outros caminhos que acabaram inevitavelmente me trazendo de volta ao contato com o mundo literário. Durante a minha “fuga” percorri outras regiões, outros estados, convivi com outras culturas que eu ingenuamente julgava conhecer. É bem verdade que nessas idas e vindas descobri também que boa parte de mim era completamente desconhecida, enquanto ser nativa da Amazônia. Assim como “este narrador”, personagem de *Makaloba*, obra que escolhi como principal objeto de estudo da presente pesquisa, tive a oportunidade de sair e de retornar (felizmente permaneci) ao local de origem. Quando estive por quase cinco meses no estado de São Paulo, mesmo com tantas novidades, aprendizagens e bons amigos, fui assolada pela dor da saudade e do estranhamento e, com o passar do tempo, sentia saudade de tudo, até dos cheiros, do calor, das pessoas, dos rios, dos igarapés de água preta. Quando saí de São Paulo fui para uma belíssima cidade amazonense, então, imaginei, já estou voltando, aproximando-me de casa, mas foi um equívoco. É curioso, na época não entendia bem o motivo, mas o único livro que levei comigo foi um que contava a história do Acre, era como se eu levasse comigo um pouco da minha origem. Contraditoriamente, a distância me aproximou ainda mais do meu estado.

Nesse período, minha forte ligação com a água (herança talvez das diásporas que também atravessam minha identidade) me deixava por horas a fio olhando para as correntezas do rio Negro que emitiam o barulho do mar. Ficava olhando para aquela paisagem paradisíaca que, como fundo, possuía um conjunto de montanhas chamado Bela Adormecida, pela semelhança de uma silhueta feminina e que me levavam a desejar que, como a Bela, eu dormisse e acordasse somente no momento de retornar aos meus queridos familiares. Descobri que eu também era dona de um imaginário construído por mim mesma, desde o estágio especular, com quimeras e representações, a fim de me proteger do real, este que a todo instante ameaça as minhas certezas e o meu mundo idealizado. Assim como a personagem de *Makaloba*, não compreendia porque não me sentia em casa, uma vez que me encontrava em uma cidade amazônica com algumas semelhanças com a cidade de onde viera, visto que lá também o acesso se dá pelo rio ou via aérea, pela sua localização geográfica que também se dá em região de fronteira. Os costumes, as construções e lojas de artesanato lembram a grande marca indígena daquela receptiva comunidade, já bastante influenciada pelo convívio de várias décadas com um número considerável de militares oriundos de diversas regiões do país e, antes disto, é claro, por todo o processo anterior de ocupação, desde a conquista e a colonização, perpetradas principalmente por portugueses.

Naquela época, encontrava-me num turbilhão de contradições promovido por sentimentos confundidos, embaralhados, no qual o da saudade de casa era o que mais me atormentava. Por que não me sentir em casa, se tudo a lembrava, por que não me sentir um membro da sociedade local, se sou como os seus componentes, o resultado de uma grande miscigenação, cujas veias são percorridas pelo sangue de negros, brancos, índios, seringueiros, coronéis de borracha, regatões, ribeirinhos? Por que eu era tudo e não era nada ao mesmo tempo naquela situação limite? Ao retomar os meus estudos de literatura regional essas

questões jamais deixaram de me perseguir e foram o ponto de partida para que eu pudesse iniciar a trajetória da minha investigação que levou a este trabalho.

Meu grande interesse pela literatura, especificamente pelo romance, se justifica pelo fato deste ser um gênero multiforme, pois assimila várias formas, como a de diário (caso do livro que me servirá de objeto); é móvel, reciclável, nasceu na dissolução e permanece nela. Todo romance perfaz uma travessia, *Makaloba* é quase uma travessia, é um romance estranho, diferente, e a temática da viagem que funciona como pano de fundo, como ocorre também em tantas outras produções da ficção de expressão amazônica, lembra alguns episódios da minha vida, principalmente aqueles em que precisei viajar para outras regiões, ou mesmo quando transitei dentro dela mesma, fato que me motivou a escolhê-lo como objeto da presente pesquisa. Nesses movimentos de idas e vindas, testemunhei fatos que sempre me levaram a crer que a região onde vivo, bem como toda Amazônia, esteve sempre predestinada a um futuro promissor que nunca se concretizou de fato e que a questão identitária vive à mercê de uma mobilidade que segue movimentos dispersivos, diaspóricos, o que lhe proporciona uma faceta despedaçada.

O objeto deste trabalho, *Makaloba: diário lítero-alucinógeno de brancos e índios*, romance de Edilson Martins, conta a aventura de uma equipe que veio produzir um filme sobre a região, uma mistura de ficção com documentário, para uma TV alemã. O autor, por meio de um enredo que segue uma rigorosa seqüência cronológica e que está dividido em quatro partes (“Gênesis”, “As rodovias”, “Os rios” e “A selva”), convida o leitor a segui-lo nessa viagem pelo mundo amazônico. De certa maneira, sua proposta convida-nos, sobretudo, a retomar a Amazônia por suas partes constitutivas e pensar o todo a partir delas. Durante essa empreitada, ele deixa transparecer a visão de ambientalista, algumas vezes preocupado mais com o espaço do que com o ser humano que nele vive. Também adota o tom alarmista e, assim

como muitos estudiosos, apocalipticamente, prevê um futuro sinistro para a imensidão verde e para o planeta, uma vez que nessa época ela era tida como o “celeiro e o pulmão do mundo”. Por outro lado, o *tour* de seus personagens repete inevitavelmente tantas situações claustrofóbicas em relação à grande floresta, retomando indiretamente as vozes de tantos outros viajantes que diante da monumentalidade e do inesperado faziam reverberar os fantasmas de uma ocupação mal alinhavada, porque mal compreendida pelas óticas colonizadoras.

A ficção de Martins deixa ecoar as vozes que desvelam a Amazônia, onde claramente está explícita a preocupação com os seus recursos naturais e com as implicações de sua devastação para o agravamento de problemas ambientais, questões tão em voga nos dias de hoje. O romance é útil na medida em que possibilita uma compreensão mais ampla da região, do nascimento do pensamento ecológico, cultural e político durante a década de 70 e que adentrou a de 80, sem mencionar toda a problemática que envolvia o tiroteio ideológico naquele momento. Assim, trata-se de fonte enriquecedora para aqueles dispostos a dedicarem-se ao estudo da retórica ambientalista e de como isso foi se formando ao longo dos tempos até o presente momento.

Nesta dissertação, optei por adotar uma metodologia que se movimenta partindo do geral, da contextualização constituída de partes reflexivas, e seguindo num sentido que converge para o particular, neste caso, representado por *Makaloba*. Diante disso, visando à construção de um contexto eficiente no sentido de ele servir como suporte para a exploração do objeto, a intenção é trabalhar as fronteiras, a identidade, as narrativas de viagem, as diásporas e a ficção amazônica a partir de um amplo espectro de reconhecimento. Assim, o objetivo geral deste trabalho é realizar, por meio desse embasamento, a análise da criação ficcional de Martins que funcionará como suporte, ou de pretexto, para a busca de um maior

entendimento acerca da ficção de expressão amazônica que se mostra, na minha perspectiva, cada vez mais atraente.

Como primeiro objetivo específico, a intenção é trabalhar as fronteiras, não só levando em conta as geográficas, mas também as literárias, étnicas, humanas e históricas. Dessa maneira, as reflexões a respeito das fronteiras surgem como uma oportunidade de percorrer o espaço ficcional a partir de um olhar que alcança um campo visual privilegiado, capaz de permitir o vislumbramento de seus interstícios e a partir deles captar a sua funcionalidade, tanto no aspecto ideológico ou como produção artística.

A idéia de fronteira geralmente acaba seguindo por caminhos sinuosos que principiam na discussão acerca dos processos de ocupação. Neste sentido, a Amazônia tem sido cenário de diversos capítulos da ocupação humana, onde foram perpetrados muitos movimentos executados pelos atores dessa trama (os vários grupos que se deslocaram e se deslocam de outras regiões, de outros países) e que, a cada momento, graças a essa gama de ricas e imprevisíveis transformações, proporcionam diferentes tons culturais, étnicos e religiosos aos processos de construção identitária da região.

No século XX, mais precisamente na década de 70, a vasta região recebeu uma nova leva de imigrantes, motivada por um projeto desenvolvimentista implementado pelo Estado Militar Brasileiro que, ao estimular sua ocupação e colonização, tirava o foco das “tensões sociais” do Nordeste e do Sudeste promovidas pelas infundáveis lutas pela posse da terra, além de manter o controle da região e de suas fronteiras, preservando assim sua forte influência no âmbito continental. Nessa época, em que as portas brasileiras se encontravam abertas ao capital estrangeiro, foram construídas diversas rodovias, dentre elas, a própria Transamazônica. Assim, o desenvolvimento da região tinha como alicerce a idéia da mesma como uma espécie de fronteira de povoação intimamente vinculada à ótica de fronteiras de

recursos. Dentre as riquezas possíveis, na ocasião, a terra ocupava lugar privilegiado. Tal visão fica bem definida através do *slogan homem sem terra para uma terra sem homens*. Destarte, neste período, o projeto de colonização oficial do Estado Militar patrocinou a colonização de grandes áreas localizadas às margens da grandiosa rodovia e com isso abriu espaço para uma série de incursões imaginárias. O que se revelou não foi uma, mas várias amazônias, todas mal compreendidas por meio de tantos discursos extremos, construídos em torno do seu potencial, às vezes muito mais imagético do que efetivamente empírico. Desse modo, para legitimar as diversas políticas de caráter social e econômico, muitos governantes brasileiros utilizavam o discurso defensor da modernização. Esta, por sua vez, seria a solução para o atraso da região, mas trouxe, por outro lado, inúmeros problemas sociais, obrigando diversas famílias a evadirem-se de seu etos original para a favelização de cidades mais atraentes.

Outro objetivo é refletir a respeito da identidade que, como já é possível perceber, como algo uno e coerente, apresenta-se improvável. Diante disso, a intenção da presente pesquisa é tentar compreender a maneira como foram produzidas as várias identidades que transitam no universo de *Makaloba*, a partir, primeiramente, de uma contextualização que dê uma idéia de como as concepções inerentes à modernidade, mais especificamente à pós-modernidade, guiadas por forças instáveis e paradoxais, interferem no comportamento e no pensamento do homem que vive no espaço amazônico. Este que, como todo ser humano, subjetivamente falando, já se apresenta como um manancial de inquietudes e contradições. Trata-se do segundo passo, quando recorrerei, principalmente, a alguns conceitos da psicanálise para tentar apreender, neste aspecto, os principais mecanismos de construção literária utilizados por Edílson Martins.



As narrativas de viagem participaram da gênese da ficção de expressão amazônica e ajudaram a perpetrar toda uma tradição de abordagem dessa temática na literatura regional. Assim, a hiléia, ao longo dos séculos, tem sido inventada e reinventada discursivamente por desbravadores brasileiros e estrangeiros que ingressam na aventura de tentar desvendá-la a qualquer custo. Com o relato do frei Gaspar de Carvajal que participou da expedição de Orellana, em 1549, inauguraram-se os primeiros mitos fundadores. A partir de então, viajantes, naturalistas, geógrafos, aventureiros, jornalistas, escritores e pesquisadores com os mais diversos interesses vinham para a Amazônia, seja para inventariar suas potencialidades econômicas e registrar em seus relatórios, seja em busca de inspiração para a produção de livros, matérias para revistas e jornais. Dessa maneira, constituía-se o tecido discursivo que a inventava como local paradisíaco ou assustador, tudo na medida em que correspondesse às expectativas importadas. Martins também é um deles, pois transita na fronteira entre a posição do jornalista e a do romancista filósofo. *Makaloba* ocupa o espaço entre o documento jornalístico e a criação literária, mas que faz ainda ecoar vozes de ocupação capazes de revelar as fronteiras do imaginário de conquista.

Alguns estudiosos da retórica de expressão amazônica trilharam discursivamente pela vasta região procurando apreendê-la. Dentre eles, encontramos Neide Gondim que, em *A Invenção da Amazônia* (1994), pautou um número relevante de narrativas de viagem, partindo de Carvajal, no século XVI até os relatos naturalistas do século XIX. Porém, também incluiu, nesse bojo, obras literárias como *A jangada*, de Júlio Verne, e *O mundo perdido*, de Conan Doyle. Dessa maneira, a partir da perspectiva de Gondim, a Amazônia foi inventada pelos europeus a partir dessa junção das narrativas de viagem à ficção, da ciência à arte. A produção literária, então, é como uma herdeira dessa união, pois essa preocupação em documentar,

registrar, mesmo no ato da criação ficcional, tem sido uma constante ao longo da trajetória literária da região e que tem persistido até os dias atuais.

Márcio Souza (1994), no capítulo “Soldados, cientistas e viajantes”, é bastante esclarecedor ao realizar um profundo estudo sobre a maneira como esses elementos contribuíram para a construção da vasta planície por meio da palavra. É ele que nos diz:

Afinal, muito mais do que com os gestos desesperados dos conquistadores ou com a tenacidade dos colonos, foi através de formas culturais que o imaginário do Ocidente se convenceu da existência de um território chamado Amazônia, legitimando-se uma possessão geográfica com imagens surpreendentes de submissão e essência européia redentora. (75)

Em *Amazônia Revisitada: de Carvajal a Márcio Souza*, de João Carlos de Carvalho, é possível viajar seguindo também os caminhos discursivos da expressão amazônica. O autor defende a idéia de que na historiografia há lacunas que podem ser preenchidas pela ficção. Isto porque, enquanto o historiador não ultrapassa os limites dos fatos, devido ao compromisso com a “verdade”, a *ótica ficcionalizante da história, bem mais flexível, permitiria uma ambigüidade sem desprezar os fatos, mas os tornaria relevantes e passíveis de serem reorganizados por novos matizes* (259). Então, não é intenção procurar simplesmente na criação de Martins um retrato da década de 70, apesar de isso às vezes ser possível dependendo do foco de interesse de quem a aborde, mas, sobretudo, mostrar como texto e contexto se complementam por meio da suas capacidades de se autoquestionarem. Como isso ocorre é o meu desafio como crítica e pesquisadora que acredita que a literatura é uma expressão capaz de produzir interrogações infinitas sobre os valores de uma sociedade em construção. A Amazônia, nesse caso, surge por meio de um tiroteio discursivo impressionante nesse romance em que a palavra de ordem é justamente organizar os vários estratos sociais de uma região efervescente de motivos que compõem a sua eterna trama narrativa. Nos anos 80,

com o término da ditadura militar, houve a necessidade de falar, de se discutir mais abertamente as questões que antes eram censuradas principalmente nos veículos jornalísticos, e não é gratuito o fato de esse aspecto jornalístico ser relevante em *Makaloba*. Ali se desenha pelo menos uma década e meia de silêncio, em que as vozes se unem para registrar mais que a região factível, porém aquilo que a transformou num objeto de cobiça e de inquietações filosóficas e ambientais. Uma nova fase se abriria para a literatura brasileira, o país se mostraria pronto para ser rediscutido de maneira ampla. Mas isso não aconteceu da maneira como estava prevista, por uma série de entraves; no entanto, romances como *Makaloba* registram um momento estratégico, em que tudo podia começar a ser falado e denunciado, expondo as contradições de uma nação, ou uma região, sempre predestinada ao futuro.

Como mais um escopo desta pesquisa, surge o interesse de trabalhar com a questão das diásporas, que, de uma forma ou de outra, fazem parte dos intricados processos de construção das identidades, bem como os da ficção de expressão amazônica. Deste modo, neste primeiro momento já se evidencia o fato de que as diásporas são claramente percebidas na própria estrutura do romance de Edílson Martins, haja vista que numa viagem dentro das viagens perpetradas nesse universo literário criado por ele, e dando atenção, enquanto leitora, aos interstícios entre os capítulos, entre os parágrafos ou mesmo entre as frases, é possível perceber, através desses *entre-lugares*, que as personagens de *Makaloba* são atravessadas por movimentos diaspóricos.

A ficção amazônica será abordada numa tentativa de compreender melhor como ela se constrói nos interstícios, num romper de fronteiras entre a história e a ficção, entre o texto informativo e o literário, entre a realidade e a utopia; uma vez que a Amazônia configura-se, desde a sua fundação discursiva com o frei Gaspar de Carvajal, em uma teia intrincada de vontades de afirmação. Dentro de um imbróglio muito particular, a região converteu-se em um

pasto fértil para todo tipo de incursão imaginária. Algumas fantasias descritas pelo frei, na famosa expedição de Francisco de Orellana, jogaram as sementes de um mundo predisposto à fabulação ao mesmo tempo em que se permitia uma intenção de veracidade. A descrição das Amazonas, índias guerreiras descobertas no curso da viagem, permitiu a primeira tentativa de dar um alcance verídico a algo que jamais conseguiu comprovação em expedições ulteriores. No entanto, é esse esforço de traço realista que vai marcar a passagem de tantos viajantes pelos séculos adentro na grande planície verde. A Amazônia, sendo assim, perseguirá, enquanto produto de visões, uma grande gama de incursões imaginárias que procurará dar a ela condições de existência a qualquer custo em um plano factível e ao mesmo tempo exagerado. Esta existência dependerá, sobretudo, dos humores e dos contextos sócio-econômicos que estarão sempre ligados a um esforço de superação por parte daqueles que chegam e tentam desvendar a região como esfinge, terra sempre predestinada a um futuro grandioso.

A voga ecológica e preservacionista que se inicia nos anos 60, mas que se torna mais intensa principalmente a partir dos anos 70 do século XX, implicará toda uma mudança de expectativa quanto ao destino da Amazônia propriamente dita. Vista até então sob um foco predatoriamente civilizatório e depois predominantemente desenvolvimentista, desde os fins do século XIX, o que contribuiu para um conflito de interesses em determinadas áreas de ocupação, a Amazônia acordaria como a grande ameaçada do novo milênio. Dessa maneira, tal contexto era propício a toda uma controversa discussão em torno das mais variadas questões, entre elas, de um lado, os que defendiam o desenvolvimento a qualquer custo, e, do outro, os que chegavam a privilegiar a natureza selvagem em detrimento do homem. Essa forte preocupação com o meio ambiente levou à efetivação de minuciosos estudos condizentes aos

prejuízos causados pela construção da Transamazônica, pelo desmatamento, queimadas, garimpo e seus poluentes, dentre outros, os principais inimigos do eco-sistema da região.

Betty Meggers, em sua obra *Amazônia: a ilusão de um paraíso*, publicada pela primeira vez na década de 70, demonstra os resultados de seu estudo realizado sobre a imensidão verde e não deixa de alertar sobre os problemas ecológicos que ameaçam a região. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, selecionou cinco tribos indígenas, duas das planícies e três da terra firme, e esforça-se para evidenciar cientificamente que, graças aos seus respectivos *modus vivendi* originais, na qual impera uma relação harmoniosa entre esses grupos e o meio ambiente, os mesmos não colocam em risco a preservação da hiléia. Porém, com relação à colonização branca, que vinha crescendo muito nos últimos anos, a coisa é bem diferente. Então, por meio de uma retrospectiva que remonta os primeiros contatos com os europeus, fica evidente que, para Meggers, na medida em que o índice demográfico é elevado, maiores e mais catastróficos serão os danos à floresta tropical (inclusive, então, chega a fazer catastróficas projeções para um futuro breve). Além disso, por mais que se empenhe em deixar claro o caráter científico de seu trabalho, não consegue se desvencilhar de uma posição também extremista, encabeçada por ecologistas de sua época.

Seguindo a mesma trajetória que Betty Meggers, Robert Goodland e Howard Irwin, autores de *A selva amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho*, no mesmo período, também dão seu grito de alerta com relação ao equilíbrio ecológico da região, veiculando um verdadeiro assombro diante do crescimento populacional, especialmente mediante a abertura da Transamazônica. Para os pesquisadores, tal como em Meggers, a região deve ser preservada a qualquer custo e para isto o homem não é bem-vindo, com exceção do índio, adepto de práticas de subsistência que não ameaçam seu eco-sistema.

Já Djalma Batista, em *O complexo da Amazônia*, também no mesmo período, deixa transparecer uma certa visão de preservação ecológica entremeada das promessas do Governo militar, que nos primeiros anos de ditadura, queria expressar uma visão integracionista com relação à região. O ensaísta evidencia em seu estudo o anseio por vê-la (a partir de uma ótica de médico e professor), modernizada e desenvolvida o suficiente para a superação de seus problemas sociais e econômicos, chega inclusive a dar sugestões práticas para elucidar alguns problemas básicos.

Arthur Cezar Ferreira Reis, autor de *A Amazônia e a cobiça internacional*, apresenta a vasta planície como sendo a última fronteira ainda por ser conquistada no território nacional. A partir de Reis, devido à sua grandiosidade e riquezas, ela sempre chamou a atenção de nações estrangeiras. Portanto, para evitar que a região fosse invadida e internacionalizada levantou uma série de dados históricos para mostrar que, desde a sua descoberta, sempre esteve sob a ameaça da cobiça internacional. Ele defendia a idéia de integração e desenvolvimento na hiléia, mas que isto fosse provido principalmente pelo governo brasileiro, assumindo claramente uma postura xenófoba.

O livro *Transamazônica*, com título bastante sugestivo, é composto por três ensaios. O primeiro, escrito por Fernando Moraes, relata as aventuras vividas durante a viagem pela vasta região, quando percorreu alguns trechos via terrestre, de carro, e outros de avião, de Recife à Altamira, tentando refazer o trajeto da imensa rodovia ao mesmo tempo em que foi constatando os problemas da saúde, isolamento e miséria. O segundo, de autoria do jornalista Ricardo Gontijo, se constitui em uma declaração consistente e contrária à construção da Transamazônica, pois ela nada mais seria que a inútil ligação da “miséria seca” à “miséria úmida” (101), o autor chega a chamá-la de *Transmiseriana*. O terceiro, escrito por Roberto de Oliveira Campos, Ministro do Planejamento e Coordenação Econômica na época, também se

posiciona contra a construção, especialmente pela inviabilidade econômica e pela grande possibilidade de ser obra fracassada e de caráter populista.

Nessa época começava a germinar uma nova política, a que se voltava para questões ambientais, num contexto no qual a Amazônica surge novamente como criatura de um novo olhar, ou melhor, de um novo espanto. Ela surge como último espaço que abriga uma imensa floresta, por conseguinte, capaz ainda de propiciar ao homem a possibilidade do devaneio, do sonho, da esperança, de ser o lugar no qual o imaginário possa transitar livremente. Assim, nesse período, alguns estudos apontam para uma preocupação exacerbada com relação à fauna, flora, rios e outros, em detrimento do homem que vive nesse espaço, chegando às vezes a ser tido como elemento indesejável e ameaçador, assumindo em alguns momentos uma postura misantrópica. Abrem exceção para o nativo, mas, ao fazê-lo, deixam transparecer uma aura de sedução voltada para a imagem idílica na qual somente os índios, os caboclos e os homens da floresta possuem a capacidade de manter, de modo harmonioso, uma relação entre o ambiente e os meios de sobrevivência. A partir dessa época, começou a ser divulgado, até como bom exemplo, esta boa interação entre natureza e modos de subsistência adotados pelas sociedades autóctones, fato este que servia para legitimar um humanismo “de última hora” adotado por uma enxurrada de órgãos não governamentais que pretendiam preservar esses povos naturais e a Amazônia, ao mesmo tempo que iam exercendo grande influência sobre os mesmos. Entretanto, apesar das tantas verbas e dessas inúmeras organizações, responsáveis em boa parte por uma espécie de profetização escatológica, isto não se converteu em melhoria de vida, nem nas cidades, muito menos nas florestas; a hiléia continua relegada ao esquecimento, com boa parte de sua população cada vez mais pobre e isolada. Por outro lado, há aqueles estudiosos que defendem o desenvolvimento do espaço natural, mesmo que isso represente não só o desaparecimento das riquezas naturais, mas o seu fim enquanto hiléia; sem dúvida,

nesse caso, ecoam-se ainda séculos de imposição do discurso apropriador e colonialista europeu.

O homem surge, a partir desses embates, como o salvador ou o algoz, capaz de perpetrar o paraíso ou o inferno a qualquer momento. Em face disto, dependendo da posição de quem observa, o mesmo homem que pode promover o paraíso amazônico por meio das suas máquinas da modernização, é o mesmo que, por este mesmo motivo, pode dizimá-la. A ausência do homem, da civilização, que transformava a Amazônia de Alberto Rangel num verdadeiro inferno, é a mesma que, na perspectiva de ambientalistas radicais, pode transformá-la num paraíso. Nesta fronteira na qual entram em jogo a presença e a ausência, a civilização e a natureza, o inferno e o paraíso, surge um grande desafio que persiste nos dias de hoje: o de encontrar um meio termo (nem apenas o ser humano com todos os confortos da vida moderna, nem tão somente a natureza intocada), por meio de algumas justas medidas para começar a pensar a região mais seriamente, principalmente a partir de nós habitantes que temos de começar a dizer o que realmente importa para nós. O que mais interessa na presente pesquisa, porém, é perceber em *Makaloba* o modo como o imaginário reage a esses tantos impasses impostos de modo frenético pela realidade multifacetária legada por milhares de viajantes e suas leituras do ambiente confrontado. O modo como o ser humano se relaciona com o seu meio é algo que exige uma boa reflexão, João Carlos de Carvalho foi feliz ao discorrer sobre essa temática:

O meio-ambiente é a percepção do homem na própria arena criada por ele. O respeito pelo que o cerca dependerá das condições de desenvolvimento que o sistema de vida possibilita. O sacrificio nas sociedades primevas contém em germe a necessidade de restabelecer a ordem no mundo, segundo um estudo de Roger Caillois. No mundo contemporâneo, a banalização dos rituais levou-nos a um afastamento da própria capacidade perceptiva dos nossos



limites. E é justamente por não reconhecermos essa impotência que deslocamos, para o universo em torno de nós, a fúria caricatural de nossas próprias imperfeições. Estamos inelutavelmente envolvidos com a necessidade de atravessarmos o espelho, ainda. O meio-ambiente é o reflexo do homem e do tributo que este paga a fim de se manter vivo no seu imaginário. (130-1)

Deste modo, o homem é fruto de um conjunto de representações chamado imaginário, criado por ele próprio, com a finalidade de continuar vivendo no seu meio. Entretanto, o tapete sob os seus pés, o tempo todo se encontra sob a iminência de ser puxado pelo real, restando-lhe uma busca do elo perdido na história, a sua origem ou algo com o qual ele possa identificar-se, lembrando uma relação especular, como forma de sobrevivência nesse universo imaginário.

Atualmente, no mundo contemporâneo, tudo está diluído, embaralhado, indefinido, as certezas absolutas já não são possíveis. Diante disso, a “ecologia”, enquanto ciência, movimento social e político, apresenta-se como sendo uma proposta de avaliação alternativa de compreensão da Amazônia, mas que sofre todas as intempéries de julgamentos às vezes precipitados, principalmente por previsões apocalípticas que não se concretizaram da maneira originalmente formuladas, o que reforça os aspectos de sua entidade como construção discursiva tributária também de longos séculos de gestação. Porém, há, no contexto da narrativa ambientalista, a ecocrítica, uma modalidade de análise do espaço natural de caráter político, literário e cultural bastante interessante e que oportuniza uma reflexão maior acerca da temática ecológica.

Greg Garrad (2006) desenvolve um profundo e instigante estudo sobre as diferentes posturas diante da crise ambiental. Elas estão divididas em dois grupos básicos: um que defende, sobretudo, o homem, em primeiro plano, e o outro que coloca a preservação da

natureza acima de qualquer coisa, inclusive do próprio ser humano. Os ecocríticos, por sua vez, defendem a leitura de uma relação equilibrada do homem com a natureza. A proposta deste trabalho perpassa naturalmente a necessidade de compreensão da obra literária dentro do tiroteio de vozes e valores que ajuda a construir uma visão de mundo, limitada pela sua própria época. Neste sentido, o romance de apelo claramente político, muitas vezes, é uma tentativa de desafiar e colocar exposto os valores contraditórios que alimentam várias matrizes discursivas. O papel do romancista é o de tentar possibilitar o encontro mais ou menos estável dessas vozes, carregando num ou noutro aspecto, mas, sobretudo, permitindo o confronto e as indeterminações que poderão ser preenchidas pelo leitor e sua avidéz por informações, como era no caso o perfil da recepção no início dos anos 80.

A narrativa apocalíptica, tal como caracterizou boa parte da produção literária e ensaística, dessa época, é portadora de uma visão que prevê o crescimento exponencial da população com as implicações ambientais que lhe é inerente e que provocaria o fim do planeta. De acordo com esta perspectiva, no futuro não haveria alimentação suficiente para tantas pessoas. Entretanto, isto não aconteceu, pois com o avanço de estudos, como por exemplo, a descoberta de vacinas, novas tecnologias agrícolas, a longevidade passou a ser uma realidade e o crescimento populacional se tornou cada vez mais intenso, bem como o esforço para que a produção de alimentos fosse compatível com esse crescimento. O aquecimento global, tão em pauta nas discussões dos anos 90 para cá, proporciona um novo viés, e talvez novas narrativas e ensaios alarmistas, que também caracterizaram a retórica atual, com a vantagem de acompanhar sucessivas catástrofes que comprovariam as implicações do aquecimento global. *Makaloba*, sem dúvida, se insere no contexto da retórica escatológica, apesar de não se afastar da claustrofobia em relação à ausência civilizacional dentro da selva. Naquele momento, a questão empírica era valorizada na medida em que o contato com a

Amazônia revelasse as estratégias de ocupação. A denúncia, por outro lado, pode se apresentar vazia a partir do momento que não evidenciar qualquer saída que não seja a simples deslocação do projeto civilizatório. Interessam-me, sobretudo, a maneira como se pensou a ocupação e como de fato a literatura, na voz de Edílson Martins, contribui para este ou aquele aspecto mais relevante para se pensar a região como um todo a partir dali e que matrizes são essas que alimentam ainda as fabulações discursivas em torno do potencial imagético da região.

Entre outros aspectos dos discursos que se tecem em torno da região, a partir da década de 70 do século passado, meu objetivo é o de fazer falar as vozes que configuram *Makaloba*, como já mencionei, esse estranho romance que mistura propositadamente vários gêneros, no qual um grupo de pessoas perfaz um *tour* pela Amazônia a fim de produzir um filme sobre a mesma. Neste contexto, a voz do autor se confunde com outras, uma vez que Martins, utilizando personagens oriundos de diferentes origens, tendo como herança toda a controvérsia gerada até a década de 80, tenta compreender o que está intimamente ligado a questões de constructo discursivo de um livro que, no fundo, procurava ser registro de uma época. Índios, brancos, estrangeiros e alucinógenos entram numa espécie de barafunda ficcional na qual o narrador, muitas vezes confundido com o ensaísta, procura definir e decidir os caminhos de construção de um imaginário da vasta planície, reunindo tantas realidades seja possível para que a região funcione semanticamente. Minha proposta, portanto, perpassa a necessidade de compreender as etapas de construção de valor e de como o romance, enquanto discurso ficcional, lida com a possibilidade de expressão e leitura de um tempo controvertido e fundamental para a consciência que temos hoje de nossa região. Obviamente que me interessa o alcance que essa obra terá, discursiva e ideologicamente falando, a partir mesmo do papel que ela procura ocupar com relação a esse tempo.

Um dos desafios deste trabalho é dar conta desses campos discursivos como produtores de valores que poderão ou não confirmar a força de certas estratégicas. A tarefa de um escritor que, na agonia da ditadura militar, publica um texto como esse, de fato proporciona uma certa reflexão em torno das questões que envolvem a região e o país como um todo, a partir de um olhar que examina sobretudo as repercussões políticas, ideológicas, culturais e literárias de uma memória que não quer se esconder. O autor cumpre o seu papel como intelectual ativista e escritor propriamente dito? As questões históricas envolvidas na narrativa se transformam em arte literária?

Desse modo, parto da hipótese de que através das vozes de ocupação presentes em *Makaloba* é possível chegar a uma compreensão mais aprimorada de que a literatura de expressão amazônica se construiu e ainda se constrói a partir de um imaginário de conquista que conseguiu sobreviver a séculos de esperanças e frustrações, num processo marcado pela persistência quase obsessiva, seguindo uma tradição que conseguiu romper séculos, segundo a qual a ficção é produzida para estabelecer uma espécie de concorrência com a história, para ocupar os espaços vazios deixados por ela. Desse modo, toda essa discussão a respeito do contexto histórico, da identidade, das narrativas de viagem, das diásporas, da trajetória de construção da retórica amazônica, das questões ecológicas e ambientais, é de incomensurável importância para a ampliação do entendimento do objeto da presente pesquisa, pois a partir disto será mais fácil compreender as construções ficcionais na vasta região portadoras de evidências que apontam para um imaginário de conquista e que também pulsa de um modo ou de outro ainda nos dias de hoje sem um “antídoto” definitivo.

## **2. FRONTEIRAS HUMANAS E GEOGRÁFICAS NA FICÇÃO DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA**

### **2.1 A Amazônia e uma ficção de fronteira**

#### **2.1.1. Fronteira e identidade**

Geralmente fronteira é tomada como sinônimo de limite. Na presente pesquisa, porém, entendo limite como algo resultante de acordos, estudos e documentos oficiais assinados por países vizinhos, o que exige habilidade técnica e política; como uma linha que delimita, que separa e indica até aonde vai o espaço terrestre no qual uma nação pode exercer sua soberania. Os marcos geográficos, visíveis e concretos servem para definir a concepção linear e perfeita que contorna o território da nação em questão. Já a fronteira, que não é um traço contínuo desenhado num mapa, é compreendida como uma faixa de terra entre duas pátrias, mas que, em vez de separar, pelo contrário (dependendo das inter-relações), pode ser lugar por onde transitam pessoas, culturas, mercadorias, línguas, no qual podem ocorrer fusões, intercâmbios e transformações através de relações que se acabam estabelecendo quando dois povos vivem em regiões próximas. Justamente, devido a esses aspectos, a fronteira geralmente é vista como um lugar que precisa ser cuidado, vigiado; caso contrário, ela corre o risco de se mover, de avançar ou recuar, rompendo, assim, os limites acordados e podendo inclusive ser motivo de conflitos. Desse modo, devido a essa mobilidade, as questões e esforços voltados para as fronteiras e limites são infundáveis, já que tais assuntos, de responsabilidade de comissões

mistas, das quais fazem parte técnicos dos países em foco, estão continuamente precisando ser revistos.

Etimologicamente, o vocábulo fronteira significa “o que está na frente”. Contudo, essa palavra passou por um processo histórico bastante instigante. Primeiramente, surgiu de modo natural como orla, borda de terras povoadas. Com a evolução das civilizações, os espaços entre as regiões habitadas, as fronteiras, transformaram-se em locais onde ocorria comunicação e, em decorrência disto, passaram a ter cunho político. A Fronteira, sob este ponto de vista, era dotada de um sentido positivo, como local onde nascia o Estado, para onde ele se desenvolveria, cresceria. Assim, à época das grandes navegações, quando uma nação conquistava “novas terras”, os “espaços vazios”, quer dizer, quando ela expandia suas fronteiras, isso era motivo de muita alegria e orgulho para o país desbravador. Destarte, a fronteira para alguns escritores, que se dedicaram a escrever sobre essa temática, viram-na como oportunidade de crescimento, desenvolvimento, portanto, sob uma ótica carregada de positividade. Entretanto, nem sempre a fronteira foi tomada como algo positivo. No caso do Brasil, nação dotada de uma imensa região fronteiriça, ela quase sempre apresentou uma mobilidade impulsionada pelas mudanças econômicas e de acordo com os interesses de empresas privadas. Dessa forma, dependendo do contexto da época, alguns escritores acabaram tomando o termo a partir de uma perspectiva dotada de uma certa negatividade, geralmente atribuída, ao longo da evolução histórica brasileira, à heterogeneidade de povos nativos, à vida insalubre, às densas florestas, à falta de infra-estrutura, às grandes distâncias e outros.

A título de exemplo, com relação a essa mudança de olhar para a fronteira, é plausível a seguinte reflexão: no início do processo de colonização do Brasil, no século XVI, a ocupação das grandes “áreas livres”, no intuito de avançar os espaços fronteiriços, era vista

como beber em fonte inesgotável de riquezas. Já no século XIX, essa mesma atitude seria entendida como um enorme sacrifício, uma vez que essas regiões, nesse período, eram vistas como um pesado fardo a ser carregado pelos estados litorâneos, mais desenvolvidos economicamente. Mais recentemente, principalmente a partir da década de 60, as grandes extensões de terra que antes eram motivo de contentamento, no século XX, representavam um grande problema a ser resolvido com ações e projetos desenvolvimentistas, colonizadores e integracionistas, como a “Marcha para o Oeste”, a construção de Brasília, a colonização da Amazônia etc. Estes, por sua vez, foram elementos que corroboraram mais intensamente as “frentes pioneiras” em várias regiões e em épocas distintas, num período em que a idéia de alargamento da fronteira ganhava um forte aspecto negativo por conta de movimentos ambientalistas que começavam a ser colocados em prática.

Diante de uma realidade tão plural como a do espaço brasileiro, com os seus diversos matizes culturais, sociais, étnicos e geográficos, as expansões das fronteiras ocorreram de modos diferentes nas diversas regiões e acabaram gerando uma espécie de rica e surpreendente barafunda no processo de formação identitária nacional. Por este motivo, a fronteira, de um modo geral, é fenômeno carregado de complexidades que mantém relação com movimento, transição, fusão, miscigenação, conflito, vícios, virtudes, invasões, tensão, viagem, encontro e desencontro; é lugar por onde passam pessoas de mundos diferentes, o que gera situações inusitadas e às vezes desconcertantes para os que residem ou aqueles que estão de passagem por ela, mas, sobretudo, é local onde pulsa vida, com tudo de bom e ruim que isto possa representar, que foi e continua sendo de grande importância no desenvolvimento econômico, social e cultural de uma nação.

Nos países em que foram transferidas as ações e qualidades épicas dos grandes heróis nacionais à imensidão anônima, essa questão da conquista de novas fronteiras, de expansão

territorial, conseguiu ser assimilada pelo imaginário popular. Porém, no Brasil, apesar dos grandes esforços de alguns governantes em criar mitos fundadores de identidade nacional como, por exemplo, o caso dos bandeirantes e dos pampas gaúchos, isso não aconteceu. Assim, devido às dimensões continentais e na ausência de acontecimentos que encontrassem respaldo em todo o território nacional, essas figuras históricas conseguiram encontrar legitimidade regional, mas jamais adentraram no imaginário do povo brasileiro porque nem todas as regiões se viam representadas por tais figuras míticas. Dessa forma, em virtude da ausência de heróis que fossem capazes de fomentar uma identidade nacional, a iminência da fragmentação surge como um fantasma que assombrou o governo central durante todo o processo de formação do Estado brasileiro.

Numa tentativa de compreender melhor a dificuldade de encontrar um símbolo da identidade nacional, é pertinente parar para pensar que, no século XIX, a ciência passou a ser considerada como a única maneira de se entender e ver o mundo. Nesse período, George Cuvier utiliza pela primeira vez o termo “raça” e demonstra que há entre os diversos grupos humanos heranças físicas. Nesse contexto, e já legitimada como a garantia de verdade, a ciência passou a estudar a origem e a diversidade humanas. Tal estudo foi realizado por dois grupos distintos e opostos: o daqueles que acreditavam numa origem única para todos os homens – monogenistas – justificativa defendida pela Igreja e outro composto por estudiosos – poligenistas – que, a partir de estudos biológicos, defendiam a existência de grupos humanos, cujas origens eram diversas. Tais circunstâncias propiciaram o surgimento de disciplinas e sociedades com tendências que se opunham, como, por exemplo, a antropologia criminal que defendia a idéia de que a tendência a cometer crimes era de origem genética e a frenologia e a antropometria que relacionavam a boa desenvoltura do homem às dimensões de seu cérebro, entre outras. O embate torna-se mais intenso com a publicação do livro *A Origem das Espécies*



de Charles Darwin em 1859, quando o vocábulo “raça” rompe as fronteiras da Biologia e adentra nos universos culturais e políticos. A Referida obra também acabou gerando um ambiente propício para o surgimento da escola evolucionista que influenciou os estudiosos dos dois grupos mencionados anteriormente que, por sua vez, em alguns casos, “adaptaram” as teorias darwinistas de acordo com suas conveniências.

A partir de então, passa a se falar do gênero humano com suas diferenças identificadas como distinções entre espécies. Diante disso o homem passou a ser classificado em conformidade com suas diferenças e de acordo com o pensamento em voga na época, essas espécies deveriam manter-se o mais distante possível umas das outras. Não obstante, surge um impedimento para os estudiosos – a miscigenação. Para eles, em sua maioria, europeus e norte-americanos, esse fenômeno era visto como algo negativo, degenerativo das “raças puras”.

Dessa maneira, surge o determinismo geográfico, com laços mais fortes ligando-o ao poligenismo, defensor do princípio segundo o qual o progresso de um país dependia do meio natural, material. Ignorando completamente a mestiçagem, essa escola dividia a humanidade em três raças hierarquizadas. Esta divisão influenciou a estruturação cultural do mundo ocidental e o imaginário de muitos escritores e pensadores. Nesse contexto, surge a eugenia que se pautava na crença de que somente as sociedades puras, isentas de miscigenação, poderiam progredir. Esses ideais serviram para legitimar os povos expansionistas que se consideravam puros, sem traços de hibridismo e, por isso, “superiores”.

Há casos de nações que, mesmo na condição de ex-colônias, mantiveram os escravos negros separados dos colonizadores, evitando assim que houvesse grande mistura entre as raças. Já no Brasil, onde a miscigenação é o próprio tecido que compõe a formação do nosso povo, este cruzamento inter-racial acabou sendo encarado como um óbice à tarefa de definir

uma identidade nacional assumida por escritores e estudiosos fortemente influenciados pelo pensamento acima descrito, tão propagado no século XIX. Por causa disto, os pensadores brasileiros encontravam-se completamente desorientados e confusos diante de tanta diversidade cultural e étnica. Como colocar em prática todas essas concepções advindas da ciência e ignorar os incontáveis miscigenados que povoavam a nação?

Havia no Brasil uma dispersão regional impressionante. Era necessário conhecê-lo melhor, pois se vivia sob o medo de que ele fosse tomado pelas nações expansionistas e isto provocasse a perda de autonomia ou a diminuição do seu território. O litoral e o sertão, por exemplo, eram mundos distintos que apresentavam imensas dificuldades de interligação. Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões*, tentou, imaginariamente por meio de uma escrita nervosa, a junção dessas regiões, o que justifica a utilização de uma linguagem cheia de antíteses, antinomia, hipersensibilidade, uso excessivo de superlativos e adjetivos, e nesse caso a conciliação, claro, se apresentou como sendo impossível. Esse escritor, que pode ser caracterizado como homem das oposições e dos contrastes, já que vai da postura determinista (presa aos fatos) à denúncia e à queixa por deparar-se diante de uma Canudos dizimada. Em sua obra, o positivismo embalado pelos ideais republicanos dá lugar à denúncia dos sofrimentos dos habitantes da cidade que serviu de cenário do conflito.

À época em que Euclides da Cunha viveu, o Brasil procurava a definição de seu tipo antropológico e ele se propôs a fazê-lo através de intenso estudo a respeito desses intrincados cruzamentos raciais que compõem o povo brasileiro. O autor quase logrou êxito em sua missão, pois o insucesso só se deu porque ele não se desvencilhou do olhar do civilizado, já que ao longo de sua viagem foi vendo o Brasil paulatinamente como se fosse um deserto. Euclides que usou termos como “sub-raça sertaneja”, deparou-se com uma incoerência sem tamanho que foi a Guerra de Canudos. Para ele o clima era a questão. Enquanto, o sul atraía o

homem, o norte o repelia. O colonizador europeu no norte foi corrompido pelo clima quente, o do sul adquiriu qualidades superiores graças ao clima ameno, um vivia no passado e outro na modernidade.

Entretanto, é bom lembrar que o Euclides que conheceu a Amazônia, é outro, pois com as produções literárias e as cartas deste autor, do período em que o mesmo veio à hileia e que foram organizadas após sua morte, sob o título dado por ele mesmo, *Um paraíso perdido*, é possível perceber a transformação desse escritor que promoveu uma linguagem que conseguiu assimilar e expressar a essência da vasta planície, esta, que, até século XIX, era representada por viajantes, pesquisadores, escritores e ou seus discípulos, a partir de perspectivas eminentemente européias: “Esses escritos são celebrados por Leandro Tocantins no prefácio do próprio livro, pois, segundo ele, foi a Amazônia que converteu Euclides da Cunha à veracidade total do Brasil” (Carvalho: 103). Desse modo, trata-se de um Euclides que vislumbrava um futuro para uma região perpetrada pelos seus próprios habitantes, principalmente pelos nordestinos que a ocuparam movidos pela indústria gomífera. Este assunto, porém, será retomado adiante, no momento que discorrerei com mais profundidade sobre a ficção amazônica e alguns de seus autores ilustres.

Desse modo, a existência da fronteira está condicionada à ocupação humana, e acaba sendo, assim como o próprio homem, que internamente é múltiplo e constituído por um emaranhado de relações internas e externas, um amálgama de toda uma série de contradições insolúveis, vida e morte, guerra e paz, selvageria e civilidade, progresso e miséria, presente e passado, mas que acaba se transformando, a partir desses tantos descaminhos que a constituem num universo de ambivalências, num lugar onde cada pessoa, por isso mesmo, pode simplesmente ter a sua identidade, ou as suas várias identidades.

Refletir sobre identidade é romper fronteiras inscritas entre indecifráveis subjetividades antagônicas, complexas e móveis. Diante de fenômeno tão difícil de definir, existem concepções que tendem a simplificá-lo, fazendo dele uma bandeira, uma causa nobre pela qual vale a pena lutar. Desse modo, não é de estranhar que atualmente sejam corriqueiras expressões como identidade feminina, identidade negra, identidade religiosa, identidade homossexual, identidade política, etc. Contudo, se for levado em consideração, por exemplo, que um mesmo indivíduo pode identificar-se como político, como homossexual, como religioso, como negro, é possível perceber facilmente que conceituar a identidade não se traduz em tarefa tão simples assim. Neste caso, o máximo que pode ocorrer é que essa pessoa mencionada se identifique de forma mais acentuada com uma dessas causas em detrimento das demais, mas que todas elas, de uma forma ou de outra, são significativas para o seu processo de formação identitária. Esta que, dependendo do foco, da perspectiva na qual se coloca o observador, pode surgir como uma questão social, política, ideológica, cultural, ou mesmo como uma questão que se aventura de modo vertiginoso, num processo ambivalente de vida e morte, nos abismos da mente e da alma humana, onde a morte signifique talvez a descoberta do ser, da própria vida.

Numa perspectiva mais voltada para a questão da linguagem, a identidade transita entre a positividade e a negatividade. Primeiramente, a tendência mais comum entre as pessoas é tentar consolidar o “ser” como algo positivo, por intermédio de uma afirmativa como “eu sou acreana”. Entretanto, neste caso, eu só posso fazê-lo porque internamente há mecanismos inscritos em minha memória que me servem de parâmetro para que eu possa me perceber diferente dos gaúchos, dos cariocas e de outros. O que me permite então concluir que “sou acreana” porque “não sou carioca”, “não sou gaúcha”. Dessa maneira, a identidade surge como um produto desse embate entre a afirmação e a negação, que se realiza ancorado pelas

estruturas oscilantes da linguagem, através de representações. Sendo assim, as construções identitárias, como legítimas herdeiras de uma estrutura que balança, da mesma forma move-se seguindo por caminhos tortuosos em direções imprevisíveis. O universo constituído de representações, no qual a língua está inserida, movimenta-se de forma autônoma, mas não deixa de sofrer interferências da estrutura social que também se encontra em constantes transformações.

Na tentativa de compreender melhor as construções identitárias das últimas décadas e de preparar o terreno para a análise de *Makaloba*, objeto da presente pesquisa, convém fazer algumas reflexões a respeito de movimentos que pautam o pensamento dessa época. Assim, no século XX, no momento em que veio a compreensão da modernidade como o passado de um porvir, o homem foi conduzido a romper com o passado e a viver o presente de modo fugaz e efêmero, embalado por sonhos utópicos realizáveis somente no futuro, passando a fugir de qualquer coisa que o aprisionasse. A modernidade, dessa maneira, que estava pautada pela valorização da razão, fortemente influenciada pelo Iluminismo, pelo avanço científico e tecnológico, pela libertação do homem representada pelo progresso e pelo aperfeiçoamento contínuo, depara-se com fenômenos inexplicáveis. Assim, com as grandes descobertas na área da física, como a teoria da relatividade e da mecânica quântica, o mecanicismo e o determinismo adentraram num processo de declínio, passando inclusive a ser alvo de diversas críticas. Depois disso, a ciência com um método cujas bases sólidas estavam fixadas na experimentação, o que era visto como garantia do conhecimento verdadeiro e irrefutável, que se encontrava em franco progresso, entrou em crise, uma vez que ela não cumprira a promessa de ser força catalisadora de uma vida melhor para a humanidade. Contraditoriamente, ela enveredava por caminhos cada vez mais tortuosos e caóticos, aparentemente sem saídas. Assim, a ciência que acreditava ser capaz de resolver todos os problemas, de compreender e

prever os fenômenos físicos e sociais do universo, passou a lidar com o incerto, com fenômenos multidimensionais e contraditórios. Era o fim das especialidades, em seu lugar, a interdisciplinaridade aos poucos foi ganhando força, o que permitia que o objeto de estudo passasse a ser estudado e trabalhado a partir de suas várias dimensões.

Dessa maneira, a ciência não promoveu a emancipação, mas em vez disso, agravou a situação de dependência econômica, ideológica e política do homem sob muitos aspectos. Com relação aos avanços tecnológicos, por exemplo, aos poucos se foi dissipando a certeza sobre os seus benefícios, uma vez que todas essas máquinas sofisticadas que fazem a vida ficar mais “moderna”, com as facilidades inquestionáveis que elas promoveram, não conseguiram amenizar as angústias internas que vêm assolando gradativamente a humanidade como, por exemplo, o das grandes síndromes humanas (depressão, ansiedade, pânico, insônia, dentre outras). Neste sentido, a cada momento, passou a ser lançado pela mídia um novo modelo, mais aprimorado, mais eficiente, procurando convencer a maioria das pessoas de que se trata de algo indispensável em suas vidas e nesse processo, o objeto de desejo (nem sempre possível de ser conquistado) é rapidamente substituído por um outro, seguindo uma seqüência que parece interminável. Eis que tudo isso acabou se tornando o substrato do desengano, do relativismo e do niilismo, tão presentes em dias atuais.

Nas décadas de 60 e de 70, no que concerne às relações humanas, acreditava-se ter descoberto a fórmula da felicidade, uma vez que tudo era permitido. Diante disso, sexo, drogas e *rock in roll* dão a tônica desse momento em que o homem se considerava livre para experimentar os prazeres da vida, sem o fardo da culpa. Tudo isso, em pouco tempo se apresentou como um grande engano, haja vista que homens e mulheres aos poucos foram se dando conta que algo sempre lhes faltava e a busca continuou, mas desta vez sem as certezas da liberdade absoluta para lhes amparar, sombras e dúvidas passaram a ser suas companheiras

nesses caminhos fascinantes e torturantes que tecem a vida diante de um futuro sempre provável. Assim, nessa época, especialmente nos primeiros anos da década de 70, aos poucos vai se percebendo uma crise que atinge em cheio os principais conceitos do período moderno, como o de identidade, o de verdade absoluta, razão, sujeito, progresso, legitimidade etc. Em lugar deles outros surgiram, como a diluição, a fragmentação, a alteridade, a multiplicidade, o que pôs termo às fronteiras e catalisou uma sociedade global, pautada no consumismo.

No caso específico da identidade, seu conceito passou por uma evolução que acompanhou as grandes transformações sociais do século XX, como a passagem do nacionalismo para a globalização, época em que tudo se volta para o “mercado” sob o domínio das nações ditas hegemônicas. Desse modo, com o advento da globalização, passaram a transitar pelo mundo uma gama incomensurável de informação e cultura, gerando um “centro de referência”, o que abalou de forma irreversível as identidades “exclusivas”. Nesse processo, os meios de comunicação, em constante processo de evolução, tiveram participação preponderante, já que através deles, as pessoas têm acesso a bens gerados por povos donos de culturas distintas da sua, o que pode propiciar a incorporação de valores vindos delas no seu dia-a-dia. Tudo isso torna tênue a sua ligação com o seu meio cultural, bem como os conceitos a respeito de regionalismo e nacionalismo.

Desse modo, hoje, diante de um mundo constantemente em processo de transição, há quem defenda a urgência da junção do conhecimento científico ao subjetivo, numa tentativa de encontrar uma concepção que seja capaz de explicar as inquietudes humanas e desse modo sobrelevar o mecanicismo, o determinismo e o positivismo. Na dúvida dessa possibilidade, eis que incertezas, transição e complexidade indicam um novo tempo, o pós-moderno, um fenômeno da própria modernidade, que não rompe definitivamente com ela, mas se apresenta como um fenômeno desta, já que o criticismo, posição metodológica própria do kantismo e

inerente à modernidade, sempre implicou na existência da dúvida. Neste sentido, é bom lembrar que os primeiros traços de niilismo já se faziam presentes desde o princípio do Iluminismo. As posições, os conhecimentos, mais fortemente fundamentados, eram acatados até o momento em que surgissem as contestações. Assim, a falta de perspectivas, a dúvida, o caos, a relatividade já apresentavam marcas desde o nascimento da modernidade. O que ocorreu foi um processo de asseveramento de tais inquietudes que culminou no que hoje, então, costuma chamar-se de pós-modernidade, ou modernidade tardia, fenômeno que, como veremos adiante, talvez tenha funcionado como pano de fundo do cenário no qual atuam os “heróis” de *Makaloba* e as construções identitárias que eles representam.

A partir dos estudos de Bauman, na modernidade tardia tudo se confunde, pois as identidades, sejam elas sociais, profissionais, culturais, sexuais ou religiosas, são afetadas constantemente por mudanças. Diante disso, o indivíduo sai em busca de relações marcadas pela efemeridade, saindo delas com o saldo do sofrimento provocado por esse tipo de relacionamento. Assim, tais circunstâncias desordenadas, além de colocar em xeque os valores, acabam afetando as relações afetivas dessa pessoa, uma vez que movimentar-se de modo incessante, saiu do campo da opção e caiu no da condição. Tudo isto, é óbvio, se reflete nas construções identitárias na contemporaneidade.

Para a área do psicossocial, o homem tem a identidade definida pela religião, cultura, família, costumes, enfim, pela realidade social na qual está inserido que, por sua vez, mantém relação estreita com as atividades que ele desempenha, o que lhe confere a aparência enganosa de algo que não muda. Contudo, ele é membro de várias organizações, conseqüentemente, sua ação é de caráter fragmentário, ele é resultado de um “fazer” que a cada momento adquire um aspecto diferente, como profissional, marido, esposa, religioso, religiosa, filho, filha, pai, mãe, enfim, em cada situação, ele assume um papel conveniente ao contexto no qual está envolvido.



Nesta perspectiva, portanto, a identidade se constitui numa mobilidade incessante, o que epidermicamente parece estar imune às transformações, internamente é um metamorfosear-se constante.

Na psicanálise, o conceito que o indivíduo constrói a respeito de si mesmo é dependente da relação com seus pais, desde a gestação. Ele é resultado de relações afetivas e de identificação com eles. Na infância, luta pelo amor de um deles e procura identificar-se com o que o outro representa. No processo de formação desse sujeito a partir dessas influências, experimentadas principalmente no ambiente doméstico, dessa introjeção de identificações da época de criança, serve de mola propulsora para que ele, ao longo da vida, e na convivência com outras pessoas, possa ser a residência de uma identidade, ou de várias identidades, que se constroem e se transformam nesses tantos contatos, sejam eles de entendimento ou de conflito.

Neste sentido, Lacan com seus três registros, o Imaginário, o Real e o Simbólico, também denominados categorias conceituais da realidade humana, podem servir de base para uma discussão sobre a identidade. Esses registros psicanalíticos, no entanto, se inter-relacionam de modo bastante intrincado. O imaginário, está relacionado ao ego (eu) do sujeito. Freud, em *Introdução ao narcisismo*, constatou que, no princípio, não há um eu e que este precisa ser “produzido”. Então, a partir disto, Lacan, ao escrever a respeito do estágio do espelho, consegue desenvolver com eficiência um estudo sobre a constituição do eu e sobre a função do sujeito na relação especular. Dessa maneira, o eu pode ser comparado a Narciso, haja vista que está seduzido, apaixonado por si mesmo, pela própria imagem que só pode ser vislumbrada no outro.

O estágio do espelho implica no período entre o sexto e o décimo oitavo mês de vida da criança, ocasião em que se mostra totalmente atraída pela própria imagem no espelho. Ao

nascer, ainda é fisiologicamente prematura, dependente, fragmentada. Então, quando se depara com uma imagem através da qual passa a se ver completa através da forma especular, antecipação daquilo que tinha como ideal alcançar, o espanto e o encantamento vêm à tona. A imagem é sua e também a de um outro, uma vez que está em dívida com ela. Esse espaço fronteiro entre a criança e esse outro permite à imagem detê-la, apreendê-la. A partir deste fato, Lacan deduziu que identificar-se com a imagem de um outro, a alienação imaginária, faz parte da constituição do eu e que, além disso, todo o processo de evolução do homem ocorre sob o véu produzido por identificações idealizadas. Trata-se de uma evolução marcada pelo imaginário, que vai, portanto, além do desenvolvimento físico. (Miller, 1977: 16-17)

Durante o estágio do espelho, esse eu que se forma principia um reconhecimento da própria identidade por meio da imagem especular, num processo fortemente marcado pelo paradoxo onde o eu e o outro flutuam alternadamente. Diante disso, o ego, ao mesmo tempo, dominando e sob o domínio do imaginário, constrói representações que o refletem voltadas para a natureza, para o corpo, para a mente, para as relações sociais. Desse modo, cria-se um ambiente que descamba para o mítico, no qual a condição humana se realiza metaforicamente, já que cada pessoa busca algo que a complete, algo este que jamais será alcançado e tudo que ela consegue são sentidos ilusórios, onde sentido não há. Toda identificação é, por assim dizer, imaginária, uma vez que identificar é destruir a diferença entre o sujeito e o objeto da identificação, é dizimar a “fronteira” entre o ego e o outro. A identificação anseia a completude, a autonomia. O imaginário, desta forma, se nutre da imagem ilusória que está prestes a se dissolver, a desaparecer. Nesse jogo, o perigo se apresenta como algo sempre iminente, pois ser eu, no mesmo instante, sendo o outro, é um doce sonho, mas também se encontra na beira do abismo, uma vez que um dos eixos imaginários tende a esquivar-se furtivamente.

Nas relações humanas, o imaginário se sobressai, uma vez que cada indivíduo busca ver no outro aquilo que se assemelhe a ele próprio, que ratifique a sua imagem, o que é garantia de ausência de sustos que venham por ventura despertá-lo dos seus sonhos. Caso isto aconteça, é necessário acordar para afugentar o real para então dar prosseguimento às quimeras. Sair da condição de criatura a criador, em sujeito, implica produzir a própria história e abandonar papéis imaginários pensados por outras pessoas. É necessário, pois, largar as histórias que a determinaram, mesmo antes de seu nascimento. Porém, como costuma ocorrer, nenhuma pessoa consegue satisfazer uma idealização do outro. Diante disso, a sensação de frustração se torna inevitável para ambos os lados. Fernando Pessoa, por intermédio de seu heterônimo, Álvaro Campos, revela:

Queriam-me casado, cotidiano, fútil e tributável?  
 Queriam-me o contrário disso, o contrário de qualquer  
 coisa?  
 Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.  
 Assim, como sou, tenham paciência!

A literatura anseia, por intermédio da ficção e do imaginário, tendo como parceira a linguagem, ultrapassar essa alienação especular e propiciar ao homem a possibilidade de descortinar o que está por trás das doces ilusões, o real, este que vem desmontar as certezas, ameaçar as crenças imaginárias. Ele exige uma nova organização e nesse processo algo é perdido deixando espaços vazios e, neste caso, esse homem não poderá ser mais o mesmo de outrora. O escritor feliz é aquele que consegue realizar a travessia, partindo do imaginário, passando pelo simbólico e atingindo o real, ou melhor, por intermédio de sua labuta com o signo, como o intuito de expressar, pode ao mesmo tempo dizer-se como sujeito do desejo que é.

Cada pessoa é o resultado de entrecruzamentos, da junção de pedaços, na qual tudo e todos estão embaralhados, o que lhe confere uma imagem multifacetada. Dessa maneira, identificar ou produzir o nosso desejo se constitui em tarefa que exige muito esforço, seguindo um movimento que oscila entre construções e desmoronamentos. Ricardo Reis, outro heterônimo de Fernando Pessoa, declara:

Tenho mais almas que uma.  
Há mais eus do que eu mesmo.  
Existo todavia indiferente a todos.  
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados  
Do que sinto ou não sinto  
Disputam em quem sou.  
Ignoro-os. Nada ditam  
A quem me sei: eu escrevo.

A ficção revela o real, este que é uma ausência que insiste em se fazer presente, a falta de um significante no outro, a impossibilidade de existir um objeto que consiga dar conta de suprir o vazio existencial que há em cada ser humano. Insistentemente ele retorna ao lugar do espanto, para então ser esconjurado pelo verbo. O homem também está sempre retornando a este lugar de perplexidade, de silêncio, na tentativa de encontrar o seu elo perdido, algo que faça com que ele compreenda o incompreensível. Lacan se deu conta de que o real é o que restou do imaginário e que a percepção simbólica deixou escapar. O real, portanto, é o impossível, é aquilo que não pode ser jamais simbolizado, por mais próximo que se chegue dele.

A partir de uma releitura de Freud, Jacques Lacan diferencia o real da realidade. Ele conseguiu explicar esta estrutura psíquica composta pelo real, pelo simbólico e pelo imaginário, presos uns aos outros, como num nó envolvendo três cordas, tirando uma delas, desfaz-se o nó, a estrutura. Neste sentido, o real não é essa realidade que está organizada pelo

simbólico, que a filosofia denomina “representação do mundo exterior”. Ele sempre retorna ao lugar da realidade no qual só é possível percebê-lo pela força da alucinação, da paranóia, de drogas, do jogo ou do sonho, casos em que o simbólico varre o real para fora da realidade. O real pode manter-se em silêncio pela força do simbólico. Este que permite ao sujeito expurgar o real da sua área de representação e produzir a sua realidade. É, pois, o simbólico que propicia a sensação de alívio ao sujeito, uma vez que ele consegue afugentar o real, deixando-o do lado de fora, à margem. Dessa maneira, o real tem sua existência ladeada pelo simbólico, mas preso a ele pela força do imaginário.

O conceito de identidade perseguido durante esta longa explanação me leva a percebê-la como fenômeno dependente da relação do sujeito, dono de complexa estrutura psíquica, com o objeto (mundo) marcado pelo fenômeno da pós-modernidade, portanto, em constante ebulição, sempre escapando da compreensão, do imaginário construído por este sujeito. Entretanto, diante do fato de o homem habitar esse cosmo onde tudo tende a se diluir, onde tudo é muito rápido como, por exemplo, as relações pessoais, os negócios, os modismos, as informações, os avanços tecnológicos e outros; onde as certezas absolutas já não têm mais espaço, esta relação, ou seja, a identidade segura, una e coerente surge como algo improvável, impossível. Assim, diante de tanta instabilidade e insegurança, em meio a tantas contradições, a identidade que tem se apresentado ora como uma “ilusão”, ora como uma “invenção”, é um fenômeno de caráter móvel, transitório, com tendência a diluir-se, fruto de uma vida pós-moderna cada vez mais “acelerada”, que segue um ritmo que acaba lhe conferindo um aspecto pueril, responsável por uma mesclagem infinda de sentimentos, valores e culturas.

Se pensar sobre esse intrincado conjunto de elementos que compõem as identidades não é tarefa fácil, tal empreitada torna-se ainda mais árdua se a reflexão acerca destas construções tem como cenário a Amazônia, uma imensidão marcada profundamente pela fragmentação,

dona de várias faces. Tamanha aventura exige uma viagem no tempo e nas páginas da História, a fim de tentar apreender um pouco dessa essência complexa que de alguma forma marca o modo de ser de cada um que nasce ou vive na hiléia, esta que ainda guarda cuidadosamente muitos segredos.

Assim, diante da Amazônia a reação do viajante, independente de sua nacionalidade, raça ou nível cultural, foi sempre a de um grande espanto, a começar pela sua vastidão territorial. Capaz de conduzir o visitante à perplexidade, essa imensidão verde se constitui numa região em que transcenderam as suas várias identidades. Principalmente, se for levado em conta que, durante o processo de sua ocupação, houve a transposição de várias fronteiras: além das geográficas e produtivas (do gado, por exemplo), das agrícolas (cana-de-açúcar, café, algodão, etc.), da mineração e das de coleta (borracha, drogas do sertão, madeira e outros), também foram transpostas as fronteiras culturais e até mesmo as fantásticas fronteiras da imaginação.

A gigantesca e misteriosa hiléia, além de provocar esse sentimento de espanto, sempre foi perseguida por uma espécie de mobilidade constante. Assim, superada a sensação de assombro e encantamento, era momento de conhecer, inventariar e verificar as potencialidades, principalmente as econômicas, da região que provocou e provoca tanta curiosidade, além de incursões imaginárias. “Conhecer”, “inventariar”, “verificar”, todos implicam ação, o que exige movimentação. A própria situação geográfica, com uma região imensa de fronteira com os países vizinhos, proporcionou uma movimentação de sua extensão territorial ao longo de dois séculos e meio, desde a chegada dos primeiros desbravadores europeus até o fim do período colonial.

Como exemplo dessa mobilidade e também como uma curiosidade, convém lembrar que a utilização de marcos definidores de limites de uma nação teve início no século XVIII e

justamente na América do Sul, com os tratados de Madrid (em 1750) e Santo Ildefonso (em 1777) que objetivavam apartar as terras espanholas das portuguesas. Com o primeiro tratado, a Amazônia ocidental passa a ter oficialmente fixada sua fronteira e conseqüentemente uma acréscimo de 1.500 milhas em seu território, graças a Pedro Teixeira que, sob ordens do governador Jacomé de Noronha, se aproveitando do momento em que as duas coroas encontravam-se unidas, em 1639, partiu de Belém com o intuito de redefinir, através da implantação de fortes e povoações, os limites da Amazônia que, antes disto, em sua maior parte, pertencia à Espanha.

A própria anexação do território do Acre, por exemplo, dá uma medida dessa mobilidade, já que num momento pertencia a Bolívia, em outro era um império independente e em outro era Brasil. Movimentação impulsionada e até mesmo alimentada pela exploração da borracha, na época (final do século XIX e início do século XX) um produto valioso que marcou intensamente a história da região, causando grandes transformações, tanto nos meios de subsistência do homem que vivia na Amazônia, como também no seu próprio *modus vivendi*. Sem falar que também atraiu muitas pessoas para a região, principalmente oriundas do Nordeste e que acabou chamando a atenção do governo central, graças ao seu valor de mercado. Após o apogeu da seringueira, veio a desilusão, porém, muitos nordestinos jamais conseguiram voltar, principalmente porque não conseguiam quitar suas dívidas no armazém do patrão. Em meio à decadência, uma luz se acende, por ironia do destino, com a Segunda Guerra Mundial. Novamente os nordestinos – os soldados da borracha – são conclamados para uma nova etapa desse processo repleto de tantos altos e baixos, que alegrou a poucos e foi sonho de tantos. Mas o segundo advento da borracha durou pouco, e novamente a solidão. Depois, foram os projetos de colonização, com ofertas de terras baratas, incentivos

governamentais em prol da agropecuária, que embalaram a coreografia do processo de ocupação do território acreano.

A imensidão verde parece-me um universo constituído por inúmeros microcosmos, que parecem reproduções desse mundo tão grandioso que é a Amazônia. E é por isso que em muitos aspectos a história de Cruzeiro do Sul, a segunda maior cidade do Acre, em termos demográficos, faz lembrar metonimicamente a da Amazônia. Um desses aspectos é o isolamento, motivo de queixas de tantos escritores e políticos. Cruzeiro do Sul, por muito tempo tinha maior ligação com Manaus do que com a capital, Rio Branco. Isso se devia em grande parte à possibilidade de haver o transporte fluvial (que poderia durar meses dependendo do nível das águas) até a capital do Amazonas, enquanto que a capital acreana encontrava-se inacessível. Na década de 60 e início da de 70, a vida era permeada de provações inusitadas, como a alimentação que muitas vezes só era comprada se o consumidor estivesse disposto a executar, sob a penumbra das madrugadas, os movimentos sinuosos das *cobrinhas* (como eram chamadas as filas para comprar carne). Após a vinda da Varig para Cruzeiro do Sul, passou-se a ter um tímido vínculo com a capital acreana, mesmo assim, não havia, como se diz nos dizeres de hoje, um sentimento de *acrianidade* em toda a extensão das terras do Juruá. Somente nos últimos oito anos, por meio de uma política de integração do governo local, é que os habitantes do vale do Juruá passaram a expressar uma relação simbólica de pertencimento ao estado do Acre. Tal particularidade faz recordar que a população das cidades mais prósperas da hiléia, Manaus e Belém, no tempo do império tinham mais contato com a Europa do que com o governo central brasileiro. Como consequência disto, no auge da produção da borracha, por exemplo, a intenção dos governantes era transformar a cidade de Manaus numa Paris dos trópicos e os filhos dos coronéis da borracha iam para França em busca do conhecimento dos “povos civilizados”.



A história da vasta planície foi profundamente marcada por essas idas e vindas, principalmente no que concerne ao seu processo de ocupação. Mais recentemente, no momento em que o governo brasileiro resolve, em nome do progresso e da integração nacional, construir diversas rodovias como a Transamazônica (iniciada em 1970 e jamais concluída), a Belém-Brasília (totalmente asfaltada em 1973) e outras, os projetos de colonização vieram à tona e junto com eles as promessas de terras para aqueles que quisessem nela trabalhar. Novamente milhares de homens e mulheres carregados de esperança adentraram no misterioso e atraente universo verde. Também neste aspecto me vem à mente que em Cruzeiro do Sul hoje, assim como na Amazônia na década de 70, vive-se a expectativa da integração, da prosperidade, da modernização, diante da pavimentação do trecho da BR-364, parte final da imensa Transamazônica, que liga Cruzeiro do Sul a Rio Branco, o que representa a ligação dos vales do Acre e do Juruá. Desse modo, se vence a última fronteira que tem sido o óbice que impede a integração completa da população acreana. Antes mesmo da conclusão da referida rodovia, muita coisa já mudou, pois durante boa parte do ano, à época das poucas chuvas, o tráfego é possível, até porque metade dela já se encontra concluída. Rompem-se fronteiras econômicas, temporais e culturais. Quando a tão sonhada BR-364 estiver totalmente construída quantos benefícios virão? Qual o preço a ser pago por todas essas transformações? De que forma isso afetará as identidades locais? O mais importante em tudo isso é o que imaginariamente vai se fundando entre os dois pólos regionais do estado, mostrando que sem o ingrediente da fantasia, da projeção para o futuro, o rompimento de fronteiras antes inimagináveis é que vão tornando possível uma realidade regional do Acre como um todo.

Bella Jozef, especialista em literatura latino-americana, desenvolve algumas idéias em “Memória e identidade cultural da pan-Amazônia” que ajudam a compreender o que ocorre na

hiléia, no que concerne às edificações das identidades culturais. Ao longo da História da Amazônia, as diversas culturas que romperam suas fronteiras, motivadas por interesses econômicos e expansionistas ou por outras causas, passaram por grandes transformações ao entrarem em contato com as culturas locais. A cada traço cultural do povo conquistador, a Amazônia aferiu um novo significado, gerando dessa maneira uma pluralidade de tantos outros que em nada deixam a desejar em questão de originalidade e criatividade. Nesse contexto, a linguagem desempenhou função essencial, pois que foi por seu intermédio que houve a união de perspectivas, de definições, de sonhos, de verbos e que também serviu de ponte para que línguas orais atravessassem para o mundo da escrita, não sem trazer com elas contribuições, desmoronamentos e principalmente renovação, numa rica e fértil simbiose mestiça. Em face disto, o que ocorreu não pode ser traduzido na mera aculturação, pois a tradição européia ao ser transladada para a hiléia, principalmente pelas missões religiosas portuguesas e espanholas, apesar dos conflitos e resistências e até mesmo devido a eles, transformou-se com os ganhos advindos das culturas autóctones. Assim, através dessas mutações amazônicas, presentes tanto em âmbito lingüístico quanto identitário, cuja marca tem sido a de um povo mais ligado ao passado e ao futuro do que com o momento presente, produto de incalculáveis ligações e associações entre etnias, crenças religiosas e países distintos, que é possível falar hoje não de uma, mas de várias culturas e identidades amazônicas, no sentido de que tudo está sendo palmilhado, na tentativa de surpreender a si na imagem do outro. Isso pode ser explicado pelo fato dessas tantas heranças culturais e identitárias terem germinado em trânsito, entre fronteiras, nos interstícios, irrigadas pela tinta que foi usada para produzir o conjunto de obras chamado literatura de viagem, criado sob o impacto de um grandioso assombro.

### 2.1.2. Fronteira e narrativas de viagem

As narrativas de viagem, tanto no período da conquista como durante a colonização, foram utilizadas como a forma de representação literária da região amazônica, bem como hoje representam fonte valiosa para pesquisadores da área de Sociologia, Antropologia, Economia, Geografia e História. Se esses relatos, enquanto registros documentais, eram permeados de descrições, notícias e informações, a linguagem utilizada pelos cronistas, por sua vez, incorporava o sobrenatural, o maravilhoso, num tom marcado pelo espanto, pelo idilismo, pela veneração e espanto diante de tanta grandiosidade e exuberância, frutos da engenhosa natureza e do olhar ganancioso do homem. Os europeus renascentistas, carregando ainda com eles a herança cultural da Idade Média na qual imperavam as lendas de regiões idílicas, tinham seu imaginário habitado por realidades utópicas.

A partir do século XVI, diversas expedições inventariaram todas as potencialidades da região amazônica, tanto no que diz respeito à imensidão das “terras livres”, como também com relação às potencialidades agrícolas e de coleta; e foi desse modo que a hiléia foi, de modo paulatino, sendo construída discursivamente como uma fronteira mitológica. Todas as informações, impressões e dados coletados foram divulgados por meio de relatórios, livros, revistas, jornais, o que despertava a ambição e a curiosidade dos conquistadores estrangeiros que vieram para Amazônia e que acabaram participando de modo decisivo e irreversível de suas intrincadas construções identitárias. Assim, os imaginários geográficos corroboraram o seu surgimento.

Tudo começou quando Gonzalo Fernandez de Oviedo y Valdez escreveu uma carta ao cardeal Pedro Bembo com o objetivo de informar-lhe a respeito da proeza de Francisco Orellana, o primeiro europeu a estar à frente de uma expedição pelo imenso rio, ocasião em que se inaugurou a escrita a respeito da extensão do rio Amazonas, na época *Santa Maria de*

*la Mar Dulce*<sup>3</sup>, e da potencialidade econômica da região. Era o início da literatura de exageros e de assombro sobre a hiléia e que ainda persiste, de uma maneira ou de outra.

Frei Gaspar de Cavarjal, que foi o responsável por realizar o registro da expedição de Orellana, descreveu o contato com uma tribo de mulheres guerreiras, as quais ele nomeou de “Amazonas”, inspirado nas amazonas da mitologia grega que eram capazes de retirar um seio para o melhor manuseio de suas armas. Diante disso, quando o livro de Carvajal – *Relacion del Nuevo Descubrimiento del Famoso Rio Grande de las Amazonas* – ficou conhecido, e mediante o grande impacto que ela causou nos europeus, tornou-se impossível chamá-lo de *Mar Dulce* e o vasto território transformou-se no rio das Amazonas.

Eis que surge no imaginário dos europeus a irresistível Amazônia. Nem mesmo homens de ciência, intelectuais, como Spruce, La Condamine e Humboldt, foram capazes de resistir a tanta tentação. Muitos desbravadores, em viagens que exigiam esforços titânicos, completamente seduzidos, vieram em busca de seus tesouros. Gonzalo Pizarro foi um deles, organizou uma expedição pela selva impulsionado pelo desejo de encontrar canela e um território especial chamado El Dorado. Márcio Souza o descreveu como um

país fabuloso, situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico. (1994: 23)

Tal descrição justifica-se pelo fato de a mesma permitir uma compreensão mais aprimorada sobre o poder daquilo que era escrito e falado sobre a Amazônia. Ela que, desde o primeiro momento em que esteve sob o olhar do conquistador, mostrou-se capaz de encantar homens cegos pela ambição, como uma bela jovem ainda em processo de formação, numa

---

<sup>3</sup> O primeiro nome do imenso rio, deferido por Vicente Yañes Pizon.

lembança de Euclides da Cunha, ornada por rios cheios de curvas sensuais, recoberta por um dossel carregado de mistérios e encantos.

Os relatos mostravam ao mundo a existência de um novo mundo pronto para ser conquistado pelos desbravadores ibéricos, uma oportunidade de recomeço num lugar que se figurava paradisíaco, repleto de riquezas incalculáveis. Era necessário, pois, romper fronteiras em busca desse recanto inexplorado, desse novo mercado, de povos desconhecidos e desse novo território, berço de tantos devaneios, construído no imaginário europeu e do mundo sob os caprichos da imaginação. Assim, durante todo o processo de expansão política e econômica das nações consideradas hegemônicas, a literatura de viagem foi instrumento poderoso e eficaz de legitimação utilizado pela empresa colonizadora. Entre os relatos e o processo de colonização existiam várias afinidades, dentre elas está a própria linguagem, a mais importante e eficaz arma utilizada neste processo.

Os conquistadores, tanto os portugueses quanto os espanhóis, com maior ênfase nos primeiros, usaram sabiamente a bandeira da propagação da fé cristã para implementação do mercantilismo, fato que limitou em demasia o olhar dos cronistas, estes que se mantiveram distantes das influências do Iluminismo, numa espécie de fidelidade teológica. Desse modo, assim como a região com sua exuberante natureza estava predestinada pelas forças divinas a servir aos ideais mercantilistas, do mesmo modo ela serviria aos interesses dos relatores e cronistas. Estes, em seus textos, compactuando com a visão dos conquistadores, defendiam a idéia de que os indígenas, como parte desse ambiente natural, deveriam fazer parte da Aliança de Deus, o que significava transformá-los em força de trabalho a ser utilizada em prol da evolução econômica da empresa colonizadora.

Portugueses e espanhóis, no romper dessas tantas fronteiras geográficas, culturais e lingüísticas portaram-se de forma distinta. Os espanhóis mantiveram conflito com povos como

os maias, os incas e os astecas, cuja organização militar representava grande obstáculo aos projetos expansionistas. Os portugueses, por sua vez, chegavam às novas terras com a crença de que elas estavam disponíveis e que, diante disto, eles poderiam transformá-las em suas propriedades. Dessa maneira, enquanto os primeiros chegavam ao território das amazonas desgastados e fragilizados pelos conflitos (muitos deles assolados por alucinações durante as viagens pela selva), os últimos pisavam no solo da terra maravilhosa como senhores proprietários, com a objetividade própria do mercantilismo.

Durante a conquista e a colonização constata-se dois lados: o do índio que concebe o mundo a partir de uma perspectiva mítica, e o dos lusitanos que não abrem mão de seus preceitos teológicos, chegando às instâncias da belicosidade. Os relatores, inseridos nessa fronteira conflituosa, e servindo-se dela como fonte de inspiração e de informação, produziram, por meio da escrita, a representação responsável pela transformação dos portugueses em conquistadores legitimados. No entanto, esses desbravadores não se enquadram nem sempre no papel de vilões nem no de heróis, mas naquele em que suas ações, boas ou ruins, estavam voltadas para o cumprimento da missão de expandir as fronteiras extrativas e agrícolas de suas respectivas nações.

Os bandeirantes no século XIX, por exemplo, na visão de alguns, são bandidos, na de outros, são verdadeiros heróis nacionais. Porém, numa reflexão mais aprofundada acabamos encontrando-os no meio termo, exatamente no conflituoso espaço fronteiro, uma vez que eles percorreram distâncias incomensuráveis a pé em busca de ouro, e em sua maioria, não falavam o português, mas sim o tupi-guarani, escravizaram muitos índios e conseguiram também realizar um reconhecimento mais aprimorado da região. Dessa forma, nem vilões nem heróis, nem lusitanos nem indígenas, suas marcas advêm justamente do hibridismo, fato que

os elege como aqueles que acabaram, inconscientemente, definindo o retrato brasileiro tecido justamente pela heterogeneidade.

A análise crítica e criteriosa dos aspectos culturais – relatos etnográficos, discursos políticos, poesias, romances, projetos de urbanização e de arquitetura, relatórios científicos – podem ajudar na compreensão das relações entre os conquistadores e os outros subjugados, tendo em vista que foi justamente por intermédio desses aspectos culturais que o imaginário ocidental tomou conhecimento da existência da Amazônia, com sua posse respaldada pela submissão e pela essência européia redentora.

Os autores da literatura de viagem, ao comungarem da mesma linguagem e de algumas perspectivas de conquista e de colonização, restringiram o poder de observação do rompimento das diversas fronteiras como as culturais, étnicas e sociais, tendo em vista que esse universo que aparecia nos relatos como pronto a receber os conquistadores, ignorava a existência de milhões de indígenas, donos de culturas, línguas, religiões muito bem estruturadas. Mensurar o resultado desse imenso choque entre brancos e índios é missão impossível, o que justifica o fato de seus segredos permanecerem ainda indecifráveis.

Essas narrativas são acusadas, algumas vezes, de perpetrar uma consciência fantasiosa no homem da Amazônia e de despertar a cobiça internacional. Então, a partir do século XVII, mediante essa literatura de divulgação que funcionava como um veículo publicitário, surgem a cobiça e os interesses e em nome deles vieram à tona os conflitos étnicos, militares e as alterações diplomáticas, as aplicações econômicas que renderiam grandes lucros. Os responsáveis pela *mídia setecentista* sobre a hiléia foram os viajantes e cientistas que por ela percorreram em nome do conhecimento científico ou dos interesses de seus respectivos países, mas que acabaram gerando o embrião daquela que, mais tarde, seria denominada literatura de expressão amazônica.

Após a conquista, a empresa colonial começa a dar os primeiros passos e com ela nasce a racionalidade mercantil que vem dar termo aos relatos e à similitude teológica da contra-reforma e, graças à sua objetividade inerente, consegue elevar esses textos à categoria de poesia, ciência e romance. Nessa época, a partir de 1750, os europeus perceberam que criaram um mundo novo, já que as lendas amazônicas estavam disseminadas pelo mundo, a diferença que elas agora não eram tidas como verdadeiras. O conhecimento, com seus métodos e teorias, principiava o seu império no universo selvático. Apesar de que o material dissecado, observado, estudado, avaliado, empacotado e enviado ao Velho Mundo não implicava retorno em forma de melhoria de vida do habitante da terra recoberta de floresta.

Deste modo, principalmente cientistas, naturalistas, sob a ética da aventura e das viagens, nos séculos XVIII e XIX, ocuparam papel de destaque na história da vasta região verde. Durante suas andanças, o tempo era dividido entre as tarefas de observar, caçar, dissecar e empacotar tudo o que era considerado importante para ser enviado para a Europa. Esses viajantes, a serviço da ciência, ignorando o fato de que nessa época já existia uma sociedade característica amazônica, fruto da mistura da empresa colonial com os nativos indígenas, propagaram a imagem equivocada e distorcida de uma Amazônia desabitada e que, devido às condições insalubres e a existência de indígenas com costumes rudes, somente o homem civilizado seria capaz de “cuidar” de forma adequada da mesma. Desse modo, a visão desses argonautas, geralmente acabou descambando para o pragmatismo. Alfred Russel Wallace, por exemplo, não foge à regra e acaba deixando isso transparecer:

Quando fico pensando no quanto é fácil transformar esta floresta virgem em verdejantes campinas e produtivas plantações, exigindo-se para tanto uma concentração mínima de trabalhos e esforços, dá até vontade de reunir meia dúzia de amigos entusiasmados e diligentes e vir para cá tirar desta terra tudo aquilo que ela nos pode propiciar com fartura. Juntos, mostraríamos à gente do país como seria possível criar aqui um



verdadeiro paraíso terrestre a curto prazo, abrindo-lhes os olhos para uma realidade que eles até então jamais conceberam que fosse capaz de existir. (208)

Para Wallace, em particular, apesar de os portugueses continuarem no século XIX com a mesma perseverança e espírito aventureiro de antes, pois nesse período continuam viajando por lugares impérvios em busca de ouro ou com propósitos mercantis, não têm o menor interesse em atividades agrícolas e mecânicas, o que para ele justifica o fato de Portugal nunca atingir o progresso onde quer que tenha ido durante a empresa expansionista. Talvez isto justifique, em parte, o fato de a Amazônia ter permanecido resguardada, preservada durante tantos séculos e de ter enfim se tornado o último lugar, com a sua imensa floresta, como uma espécie de última fronteira que ainda é capaz de provocar tantos devaneios aos novos viajantes.

Os cronistas e relatores, à mercê dessa força resultante que os impulsionava e que era composta pela curiosidade, desejo de aventura e desafio imposto pelo mistério, produziram o discurso colonial e este apresenta, em alguns aspectos, semelhanças com o discurso em defesa do preservacionismo atual. Do mesmo modo que os cronistas e relatores viajaram observando e inventariando, os ambientalistas e jornalistas, além de escritores, nas últimas quatro décadas, também fizeram o mesmo, só que avaliando e denunciando os danos causados ao meio ambiente pela ocupação humana. Então, uma espécie de novo espanto tem afetado os novos viajantes desde o final da década de 50 do século XX, passando pela preocupação com o uso de inseticidas, pela transformação do ambientalismo em bandeira política, pela defesa do desenvolvimento econômico sustentável, pela fundação de entidades de proteção como o Greenpeace, por eventos internacionais como a Eco 92 e o Protocolo de Kioto e chegando aos dias atuais como uma preocupação obsessiva com o aquecimento global devido à emissão de

dióxido de carbono. Tudo isso, muitas vezes expresso por meio de uma linguagem marcada por previsões catastrofísticas. Porém, atualmente as opiniões dos especialistas são divergentes, já que enquanto um grupo prevê um final sinistro para o planeta, o outro defende a idéia de que há um exagero em tais previsões. Uma das causas dessa divisão de opinião é que muitas previsões escatológicas, realizadas principalmente na década de 70, não se concretizaram. Entre um extremo e outro dessa questão crucial e contemporânea, ficam esquecidos milhões de pessoas que morrem em decorrência de problemas de saúde provocados pela poluição localizada em grandes cidades, os oceanos que estão morrendo pelo excesso de uso de seus recursos naturais, a escassez de água potável para um terço da população mundial, o combate à fome, à malária e à dengue, entre outros. Nesse contexto em que interesses políticos são evidentes, a Amazônia, mais uma vez, é alvo desses olhares obcecados e desse novo assombro que poderia ser chamado de neo-assombro. A hielia agora é fruto desse olhar que a transforma numa espécie de sistema de ar-refrigerado do planeta e que deve ser preservado sob pena de se tornar em pouco tempo numa área de cerrado e de ajudar a provocar a consumação da Terra.

A relação viajante estrangeiro-íncola é permeada de contradições. O visitante, numa posição privilegiada de quem não tem vínculos com as comunidades visitadas, com o intuito de registrar tudo para posteriormente relatar a seus compatriotas, é capaz de perceber aspectos que o habitante é impedido de ver pela naturalização e pelas repetições que ao longo do tempo transformam-se em coisas corriqueiras, graças à banalidade dos fatos cotidianos. O morador, no afã de resolver os problemas pequenos com os quais se depara no dia-a-dia, numa atitude que vislumbra apenas o imediatismo, não pensa sobre a sociedade na qual está inserido, nem como ela funciona com suas instituições, suas inter-relações, bem como sobre outros aspectos da cultura local que ele simplesmente adere, desprovido de uma visão totalizante desse universo do qual ele também faz parte. Por outro lado, no entanto, o viajante tem um olhar

comprometido com o mundo civilizado, o que pode levá-lo a ver no Outro o retrato do subdesenvolvimento, uma vez que ele usa uma linguagem diferente e é proveniente de um meio cultural e econômico estranho à vivência do morador. Destarte, a análise do viajante, cujos valores entram geralmente em conflito como os dos visitados, é constituída por observações fracionadas, próprias daqueles que enquanto olham continuam em movimento. O problema é que esse olhar pode gerar imagens distorcidas de valores, sentimentos e culturas. O viajante não consegue desprender-se de sua cultura, recorre às comparações entre os costumes de seu povo e o do visitado em qualquer época e lugar, nessa busca incessante perpetrada por todo ser humano pelo que se assemelha a ele, tentando ver no outro algo que lhe confirme, que lhe dê segurança do que ele supõe ilusoriamente ser. Nesse imbróglio, visitante e morador acabam padecendo perante uma série de equívocos promovidos pela colisão de imaginários que se apresentam, devido a tais circunstâncias, ameaçados pelo real que ninguém controla.

As narrativas de viagem, situadas na fronteira entre o registro documental (levantamentos de riquezas, diversidades étnicas, biodiversidade e outros) e a ficção, não só deixaram marcas profundas nas criações literárias da grande planície verde, como também a inventaram tal qual ainda vemos hoje. Esses relatos desempenharam e continuam desempenhando papel preponderante nas construções identitárias e nos processos culturais na imensidão verde; “foram eles [os viajantes] os perscrutadores do fantástico e do maravilhoso, que permitiram o conhecimento de coisas visíveis e invisíveis, anunciando a futura expressão do enigma regional numa peculiar escritura.” (Souza, 1994: 34). Essas narrativas transitaram livremente na fronteira entre o mundo real e o extraordinário sem nenhum constrangimento, mas foi graças a esses primeiros relatos que escritores, cientistas e pesquisadores tiveram acesso a registros dos primórdios da história da hiléia, ela que sempre esteve fadada a uma divisão fundamental entre o que é e o que projetará ser. Esses relatos que tinham por objetivo

registrar, escrever, documentar, mas que foram além e embarcaram no mundo fantástico, representam a primeira forma de expressão típica da região e isto foi de uma força tal que essa tradição, como uma espécie de maldição, persegue aos que se aventuram no cosmo da literatura que adota, como temática, a poderosa Amazônia com direito a todo o seus recursos fantasmáticos. Esta que acaba devorando de modo voraz personagens e tudo aquilo que ouse tentar ser maior do que ela, nesse cosmo de palavras onde, quase sempre, protagoniza sublime e inabalavelmente.

### **2.1.3. Fronteira e diásporas**

O vocábulo “diáspora”, de origem grega, significa *dispersão* e serve para conceituar deslocamento, em sua maioria, compulsório ou estimulado, de grandes aglomerações de pessoas, oriundas de uma determinada região para muitas localidades diferentes. Geralmente é utilizado para referir-se à viagem dos judeus que se espalharam pela Terra a partir do século VI a.C, impelidos de seu espaço de origem pela intolerância religiosa. Em suma, é palavra cujo significado aponta para o movimento dispersivo de um povo ou etnia pelo mundo. O que parece ser simples escamoteia interrogações infinitas a respeito desses movimentos de raças, culturas, línguas e credos, num romper fantástico de fronteiras geográficas e temporais. A diáspora, fada diabólica, utiliza a força dos cataclismos para vencer as barreiras temporais, invade todos os territórios, esparramando sobre eles outros povos e outros imaginários. Sua ação tira tudo do lugar, mas ela permanece pacientemente ainda na “terra prometida” interferindo maquiavelicamente nos pensamentos e nos sentimentos dos que chegam e no daqueles que já estavam lá. Ela alimenta-se, numa atitude vampiresca, daquilo que surge desse

encontro/confronto. Seu poder destruidor confunde-se com o seu poder criador, ou melhor, re-criador. Escritores e pensadores ingenuamente pensando que estão a explorá-la, nada mais fazem que atender a seus caprichos indelévels, pois, ao se deterem nessa temática de *viagens* imersas em outras viagens, podem perder a segurança das certezas, da coerência, da dita autenticidade, podem se dar conta de que suas identidades são como uma planta que sobrevive da morte, desprovida de raiz, de coerência, que se espalha por todos os lados como um parasita que se sustenta de outra que não é ela, embora esteja entrelaçada ao seu tronco e galhos, nem nunca poderá ser, pois ao viver significa matar aquela que lhe sustenta.

A diáspora, a partir do período das grandes expansões, como um grande vendaval mudou irremediavelmente o rosto e a mente do planeta, este que se encontrava mais ou menos “arrumado”, entediado, é bem verdade, pela falta de novidades. Um novo mundo, localizado no além-mar, supostamente habitado por lendas, monstros, riquezas e fantasias, deu um novo impulso ao movimento humano pela Terra. E a diáspora sedutora e devassadora, no seu infinito processo de composição, lançou mão de poderes distintos para “estimular” a mobilização desse homem, principalmente o europeu, já completamente seduzido por ela. Ora utilizou as mudanças ecológicas e climáticas, promovendo verdadeiras calamidades naturais, ora apegou-se aos conflitos, às guerras civis, ao desejo de conquista, à colonização, à ambição desvairada, à busca de força de trabalho barata, à escravidão, dentre outros. Entretanto, de acordo com a estudiosa Bella Jozef, o próprio desbravador, o conquistador, portador das concepções, pensamentos, sentimentos e preceitos éticos da sociedade do período vigente, se encontrava justamente numa fronteira de subjetividades conflitantes, entre sua ligação com a Idade Média e a experiência da diáspora marítima que o conduziu por águas nunca antes navegadas, que o fez repensar o mundo e o futuro da humanidade. Nesse período de grandes expansões ultramarinas, ele vivia atormentado diante das mudanças de concepções e valores

difundidos pelo continente europeu. Desse modo, o descobridor, diante de tantas e tão diversas culturas e numa transição temporal e cultural, não encontrando outra saída, acabou assimilando o individualismo renascentista, sem, contudo, abandonar de todo a bagagem moral e religiosa da Idade Média (11). Tudo isto constituiu-se em fator preponderante nesse período dos grandes encontros e choques culturais, entre civilizados e ameríndios, uma vez que balizou todas as relações estabelecidas entre o povo colonizador e a nação subjugada.

Enquanto durou a conquista, a colonização e a miscigenação do espaço amazônico, além das viagens literais, ao mesmo tempo ligados a elas, também entraram em marcha deslocamentos espirituais, míticos e sobrenaturais, provenientes do continente europeu e que, chegando ao espaço verde, entraram em processo de mutação, motivo pelo qual desde os primórdios fez com que a identidade do homem amazônico surgisse como problema insolúvel, predestinado à instabilidade, com bem define Jozef:

Não pode ser europeu nem índio. E não pode sê-lo porque os propósitos de resistência dos conquistados, assim como a decisão, por parte do conquistador, de que o índio se assimilasse integralmente à cultura hispânica, não tiveram êxito. Daí a inadequação entre mentalidade e realidade, o que provoca, por um lado, as superposições culturais, que dificultam em grau crescente o descobrimento da identidade real e, por outro lado, a busca incessante de identificações alheias, igualmente negadoras da possibilidade de reconhecer-se. No caos produzido pelo choque cultural, na modificação dos esquemas mentais resultante do encontro de cosmovisões diferentes, perde-se a estabilidade das certezas e surge uma auto-imagem nova. (18)

Assim, essa mobilidade, esse deslocamento de idéias, das escolas européias, promulgou o grande encontro desses elementos com as diversas culturas íncolas e ambos num processo de simbiose produziram o modo de ser e de pensar que escapa ao simbólico e descamba para o real (o impossível da linguagem), uma vez que a impossibilidade de defini-lo é capaz de dizimar os esforços do mais intrépido pensador que se dedique a decifrar tão

impérvia e, ao mesmo tempo, apaixonante questão. Ser ou não ser nativo, ser ou não ser europeu, não é a questão crucial, pois o que se evidencia nesse complexo processo de reflexão é uma forma de expressão amazônica que se apresenta sempre singular, exatamente por ser plural, fragmentada, diluída. Desse modo, como consequência dessa mobilidade e da conquista de novas terras, seguida do processo de colonização, o mundo transformou-se em cenário no qual se deu a consolidação de novos impérios, em sua maioria, multiculturais. Resulta desse contexto, homens e mulheres repartidos, esses que jamais poderão se ver por inteiro, pois que, aquilo que se encontra no campo visual de suas memórias, só permite uma visão pela metade de si mesmo.

No momento em que foi extinto o antigo sistema imperial europeu e foram encerradas as lutas em busca da independência que pôs termo à colonização, surgiram os “novos” estados-nação. Porém, a situação de dependência desses novos estados, principalmente econômica e militar, ainda faz lembrar a do período colonial. O fim deste período, infelizmente, não implicou na superação dos problemas da época precedente. Contudo, mesmo nas condições de debilidade em que se encontram ainda são capazes de conduzir sociedades cuja marca é uma diversidade rica e fértil, seja no aspecto étnico, cultural ou religioso, uma herança da diáspora, ao mesmo tempo, algoz e re-criadora.

Essa idéia de movimento, de transposição de fronteiras (principalmente das imaginárias), de viagens, casa-se muito bem com o objeto da presente pesquisa, pois, à medida que ela avança, cada vez mais surge a necessidade de utilização desses conceitos para um maior desvelamento das construções identitárias no espaço amazônico. Nesse sentido, a expressão *entre-lugares* utilizada por Homi Bhabha muito contribui para o desenvolvimento deste trabalho:

A globalização cultural é figurada nos *entre-lugares* de enquadramentos duplos: sua originalidade histórica, marcada por uma obscuridade cognitiva; seu "sujeito" descentrado, significado na temporalidade nervosa do transicional ou na emergente provisoriedade do "presente". (297)

*Entre-lugares*, então, surge com o sentido de fronteira, de ponte, de um lugar onde não existe demarcação de território, onde o tempo se faz no presente, uma vez que nele se inicia algo novo e isso não é possível no passado. É justamente aí que o sujeito tem o poder de expressão, pois, partindo do pensamento de Bhaba, o lugar de onde o sujeito fala não é capaz de determinar quem ele é. O homem contemporâneo vive numa sociedade de movimento, por isso é difícil defini-lo em sua identidade, desse modo, é algo que se realiza nos interstícios, nesses “*entre-lugares* deslizantes” (Bhabha: 20) através de um processo de cisão e hibridização que caracteriza a identificação por meio da diferença cultural.

As diásporas, as viagens, o cruzamento de fronteiras, esta idéia de movimento, surgem neste contexto como elemento que vem subverter a formação da identidade, em oposição aos mitos fundadores utilizados pelo nacionalismo que intentam a sua essencialização. Em face disto, a viagem é adotada como elemento metafórico para evidenciar o caráter instável da identidade, uma vez que ela obriga o viajante a conviver com seus fantasmas interiores, a sentir-se “estrangeiro” e a posicionar-se no lugar do “outro”, mesmo que provisoriamente. É através dela que é possível experimentar os prazeres e as inseguranças oriundos do caráter instável da própria identidade. Ela, portanto, desmascara a artificialidade das identidades ilusoriamente estáveis. Assim, na Amazônia, povoada de acordo com os caprichos diaspóricos, essas viagens tanto conspiraram para a construção da retórica amazônica como também para a formação identitária na vasta região



Portanto, o povoamento da hiléia, um dos capítulos da história das grandes diásporas, esteve sempre à mercê das migrações, estas que foram perpetradas por judeus, asiáticos, nordestinos, africanos, dentre outros, seja, principalmente, com o intuito da ocupação ou mesmo como mecanismo de defesa de sua vasta região fronteiriça. Mas o espaço não estava vazio, nele havia um número incontável de tribos indígenas que sobreviveram e/ou foram dizimadas pelo processo colonizador ibérico com suas ordens religiosas que colocavam em xeque seus costumes, culturas e línguas. Esse capítulo da ocupação da Amazônia é marcado sobremaneira por dois fenômenos que incitou tantas diásporas: o apogeu da borracha e os grandes projetos adotados por governantes brasileiros, em nome da tão sonhada e divulgada integração nacional, são fatores que sem sombra de dúvida proporcionaram à cultura da vasta região um aspecto marcado pelo dinamismo, sempre em ebulição, num processo de mutações sem fim.

A partir de Samuel Benchimol, escritor, pesquisador e professor emérito da Universidade do Amazonas, autor de *O cearense na Amazônia*, ao longo da história da Amazônia, em particular, no caso da história acreana, ocorreram várias diásporas nordestinas que, em alguns aspectos, lembram a diáspora africana. Os nordestinos, assim como os escravos negros, tiveram, em boa parte, suas vidas ceifadas por doenças e fome durante a experiência diaspórica. A diferença entre as duas situações é que enquanto os navios negreiros cortavam as águas de grandes oceanos, os barcos e navios deslizavam pelas águas barrentas que irrigam a grande selva. Enquanto os nordestinos carregavam em seu ser a esperança da riqueza e o retorno para o solo que lhe serviu de berço, os negros escravos encontravam-se diante da perda da liberdade. Tanto num caso como no outro, o sonho do retorno, na maioria dos casos, se tornou uma grande frustração.

O nordestino que, antes das experiências diaspóricas, era um pequeno agricultor com uma forte ligação com a terra, numa relação telúrica na qual estavam inseridas inscrições simbólicas e que acabaram consolidando sua identidade, de repente viu-se diante da vasta planície verde. Esse homem estabeleceu-se nesse espaço por força dessas várias diásporas nordestinas e no *continuum* deu origem à comunidade acreana e porque não dizer, acabou participando das construções identitárias de boa parte da Amazônia, principalmente a partir do apogeu da borracha. Neste contexto, tanto a água quanto as trilhas, as estradas dos seringais podem ser vistas como fortes e intensas metáforas que servem para determinar uma fronteira paradoxal, entre a região seca de vegetação rara e rasteira e aquela entrecortada por rios caudalosos, chuvas torrenciais e cenário verde com suas árvores gigantescas, próprios da Amazônia. Assim, a sinuosidade de rios remete o viajante a compará-la metaforicamente com os momentos de dificuldades, de contradições culturais e identitárias, com a sensação de saudade, de solidão, de recordações, de grandes temporais constituídos de chuvas e de sentimentos. Do mesmo modo as trilhas, os caminhos, as estradas tortuosas são índices das identidades fronteiriças, que conduzem geralmente à questão cultural e às inéditas identidades em formação. Trata-se de símbolos da efervescência diaspórica que marcou toda a história da região. E se fosse possível ir além desta perspectiva aqui levantada, para pensar que o homem nordestino também teve, antes da viagem para a hiléia, a sua identidade atravessada por outras tantas diásporas, talvez fosse possível chegar à idéia de que o habitante da grande planície verde, atualmente, solta a sua voz desde uma diáspora múltipla, portuguesa/africana no Nordeste e nordestina/indígena na Amazônia. O mesmo talvez se dê com qualquer autor de literatura de expressão amazônica.

A diáspora sempre arranjou maneiras de continuar agindo sobre as formações identitárias, pois que camaleonicamente vai passando por metamorfoses extraordinárias em

busca de uma existência que me parece descambar para o infinito. Destarte, nestes primeiros anos do século XXI, a crescente convergência tecnológica tem sido seu principal meio de veiculação para transportar e dispersar homens e idéias pela superfície terrestre. A Internet, ao mesmo tempo que agrega textos e registra documentos, também consegue promover o deslocamento virtual das pessoas que a acessam para lugares totalmente desconhecidos. Nessas viagens, assim como as levas de migrantes, ao saírem de seu lugar de origem, precisam exercer o poder de barganha, fazendo acordos com os novos meios culturais onde passaram a habitar. Estes combinados, utilizados como instrumentos legitimadores, visam à convivência do seu modo de viver e pensar com o dos nativos, evitando o desaparecimento de um deles, apesar de que isto implica também em transformações inevitáveis para ambos. Desse modo, o argonauta virtual, ou melhor, o internauta, ao se deslocar da morada de sua linguagem e de suas “comunidades”, estaria sob os “efeitos” de uma experiência diaspórica, rompendo fronteiras semióticas, epistemológicas, dentre outras, uma vez que ele necessita se tornar autônomo nessa busca pela informação no universo da hipermídia e da interatividade, além de enfrentar os desafios impostos pela instabilidade e pela ambigüidade, próprias das traduções. Neste contexto, surgem complexidades advindas de aspectos econômicos, sociais e políticos que resultam em infra-estruturas e artefatos tecnológicos, que, por sua vez, geram mudanças nos processos de comunicação e informação que nem sempre estão claros aos remetentes e destinatários. Neste sentido, a diáspora virtual, permanece com essa força estratificadora dos processos de informação, o que de certa forma serve para reforçar esse caráter de divisão em retalhos inerente às construções identitárias.

A partir do final do século passado e início deste, as diásporas vêm passando por uma espécie de adensamento de suas artimanhas subjetivas, conseqüentemente cabe ao estudioso dessa temática, não havendo talvez outra alternativa, pensá-la cada vez mais a partir do modo

como ela influencia esse sujeito de hoje composto na fronteira da fragmentação, construída dessa presença e ausência, vida e morte, simultâneas, o que remete ao quase-conceito que Derrida chamou de rastro. Esta presença-ausência de um tempo que nunca foi e jamais será vivido na presença.

Derrida também discorre sobre um processo de metáfora da própria metáfora, pois apenas ela é capaz de promover um deslocamento de novos registros de valores científicos e de verdades (304). Trata-se do signo sobrepujando o próprio homem (177). Neste sentido, a metáfora foge ao controle de quem a produziu, uma vez que após algum tempo o leitor ou o ouvinte dessa metáfora pode inferir-lhe novas leituras que poderão divergir daquela tentada por quem a criou. Desse modo, a metáfora segue caminhos imprevisíveis, espalhando-se livremente, uma vez que ela rompe as fronteiras estruturais do texto, mantendo-se indiferente às vontades de quem a gerou. Ela pode seguir, errantemente, recebendo novas interpretações infinitamente. Portanto, um texto, um romance, no caso, também tem essa possibilidade de ser criado nos interstícios, haja vista que toda produção literária é disseminante, pode ser comparada a um errante que vagueia pelo tempo, sem a menor possibilidade de retorno ao ponto inicial de sua criação. Este pensamento derridiano, a meu ver, casa-se com a perspectiva de que a diáspora possa talvez ser o sustentáculo da própria estrutura romanesca, como força de estruturação inclusive das personagens. Derrida também se volta para a questão da totalização, de sua impossibilidade mais precisamente, mas o faz desprovido da idéia de fragmento como algo inferior, contrariamente define-o como sendo importante e livre da responsabilidade de responder pelo seu poder de representar o todo de forma eficiente ou ineficiente. Em face disto, o fato da totalização ser algo impossível se deve à essência da linguagem, uma vez que ela está sempre à mercê de permutações infinitas.

Diante disso, a literatura surge não apenas como uma oportunidade de tudo revelar, mas também, permite ao escritor revelar-se. Paradoxalmente a literatura que confere ao escritor o direito de tudo expressar, no mesmo instante, se mantém aberta, já que ela é regulamentada, regida pelo leitor. Porém, o próprio leitor também é um errante, uma vez que experimenta uma historicidade repartida. Assim, o texto literário está sempre fugindo do controle da voz, pois que sua leitura pode se dar mesmo após a morte do autor, havendo também a possibilidade da leitura de seus retalhos. Ele, portanto, vive também à deriva.

Neste sentido, o texto literário apresenta-se ao leitor aos pedaços, de modo fragmentado. Cada capítulo, cada parágrafo, cada frase, surge diante dele fortuitamente, sempre insinuando, prometendo algo, seduzindo. O leitor, por sua vez, quer controlá-lo com a sua leitura, feita a partir de sua experiência, de sua historicidade, ele quer captar o que vem das fronteiras entre esses fragmentos de compreensão do texto, quer encontrar algo que o acalme, que o conduza de volta à tranquilidade de seu mundo de representações. No entanto, ele está sempre escapando, sendo arrastado nesse movimento errante. Concluo, por fim, esta parte com um poeta fragmentado por excelência, Fernando Pessoa:

E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova,  
que não existe no espaço, em naus que são construídas  
'daquilo de que os sonhos são feitos'.

E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos  
navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-  
á divinamente.

## **2.2 As vozes de ocupação na literatura de expressão amazônica**

### **2.2.1 Ficção amazônica no Brasil**

A Amazônia primeiramente foi inventada pelos viajantes desbravadores através de seus relatos, frutos da mistura entre o fantástico e o registro documental. Em seguida, ela foi mapeada e estudada por geógrafos, naturalistas, além de estudiosos e curiosos de toda ordem, numa tentativa titânica de tentar desvendar ao menos os seus segredos físicos e nem isto conseguindo de forma ainda satisfatória, pois a região, com suas dimensões gigantescas, produz freqüentes incursões apropriativas e, no fundo, talvez nem precise ser de fato decifrada. Assim, ela permanece nos dias atuais enigmática como parte do seu charme e continua sendo inventada e reinventada discursivamente por diversas vezes, provando sua grande aceitação no imaginário da humanidade, fato justificado pela existência de uma mitologia particular que compreende uma cosmogonia própria, por meio de mitos fundadores e de formação.

Essa Amazônia que tem alimentado espíritos aventureiros, também experimenta os dissabores dos sonhos frustrados, principalmente os de riqueza fácil tão almejados por inúmeros conquistadores. Entretanto, é interessante observar que mesmo depois de tanto tempo e de tantas frustrações, e após a ocupação de boa parte de seu vasto território, a selva continua ocupando o lugar de musa inspiradora, com o poder de despertar anseios, desejos e ambições. João Carlos de Carvalho foi feliz ao afirmar que “se a América foi inventada por um sonho expansionista europeu, a Amazônia poder-se-ia constituir, talvez mais que qualquer outro lugar do mundo, como a continuidade desse devaneio.” (66) Deste modo, além das velhas quimeras, das utopias delirantes, que nas últimas décadas ganharam novos matizes, permanece o homem diante dela completamente assombrado, vitimado por um novo espanto,

desta vez por acreditar na possibilidade da destruição da hiléia, a última fronteira do devaneio, do devir eterno e nunca conquistado.

Do século XVI ao XIX, a misteriosa hiléia esteve quase que completamente sob o julgamento assombrado do olhar europeu que a percorreu com sua pena pronta para registrar incríveis aventuras. Dentre esses “vitimados” pelo grande espanto estão Frei Gaspar de Carvajal, Cristóvão de Acuña, Luiz e Elizabeth Agassiz, Alfred Russell Wallace, Carl Friedrich Phillip von Martius, Johann Baptist von Spix, Charles-Marie de La Condamine, dentre alguns dos mais citados. Desse modo, quase todas as narrativas da Amazônia, numa fidelidade à velha tradição, voltam-se para a temática das viagens, fazendo relação principalmente a Carvajal, o único a afirmar que viu a aldeia das lendárias amazonas. Diante disso, a compreensão mais aprimorada desse conjunto de obras que recebe a denominação de literatura de expressão amazônica torna-se impossível sem uma viagem no tempo e nas páginas construídas pelas primeiras letras das narrativas de viagem, tema já abordado na presente pesquisa. O que se traz na bagagem, ao retornar de tão encantadora aventura é a certeza de que aqueles que se dedicam a pensar e a escrever sobre a hiléia quase nunca conseguem se desvencilhar da tradição que não é somente privilégio da Amazônia como da América como um todo e que tem marcado os textos imersos nessa temática de remansos e temporais que se constrói de quimeras, exageros e utopias sem, contudo, abrir mão da preocupação muitas vezes obsessiva de registrar realisticamente fatos e paisagens.

Após esse período, a vasta planície verde despertou a curiosidade de brasileiros de outras regiões, é o caso do fluminense Euclides da Cunha com o seu projeto que ele intitulou “Paraíso Perdido” e do pernambucano Alberto Rangel com seu *Inferno Verde*, no início do século XX, dentre tantos outros. Entretanto, a Amazônia também serviu de berço e de força

motivadora para os que nela nasceram. Iniciou com o primeiro livro de contos amazônicos *Cenas da Vida Amazônica* (1886) de José Veríssimo, passando por autores talentosos como o paraense Dalcídio Jurandir, um romancista de muita habilidade ao utilizar técnicas modernas de narrativa, chegando a Márcio Souza, que foi e permanece como um marco na história da ficção da região, sem falar de inúmeros outros escritores que, com muita qualidade, vêm surgindo nos últimos anos.

O predomínio dessa temática da viagem na literatura de expressão amazônica pode ser confirmada por produções de ensaístas e ficcionistas, nascidos na região ou não, como, no caso, Euclides da Cunha, Alberto Rangel, Jules Verne, Conan Doyle, Gastão Cruls, Mário de Andrade, Márcio Souza, Miguel Ferrante, Dalcídio Jurandir ou Florentina Esteves. Alguns com grande apelo nacional, outros nem tanto, mas todos seguindo uma linha muito parecida de produção e diálogo com as raízes de nossa formação regional. Deste modo, a intenção é, a partir dos livros que estes escritores produziram, chegar a uma compreensão mais minuciosa do processo de construção desta ficção que não consegue se desvencilhar desse retorno às épocas primevas, numa fidelidade obstinada a essas imagens que, de uma forma ou de outra, foram responsáveis pelo surgimento deste cosmo constantemente em processo de reinvenção. Fadada à transitoriedade, está sempre disponível a todos os olhares que por ventura ambicionem desvendar os seus enigmas, o que a torna alvo de tantas perspectivas que a criam e recriam constantemente. Entretanto, nenhuma delas consegue ultrapassar os primeiros gestos de perplexidade, numa repetição que aparentemente não tem fim.

João Carlos de Carvalho reconstruiu um longo percurso literário regional amazônico, partindo de Carvajal e chegando a ficcionistas contemporâneos como Márcio Souza. Dessa longa e trabalhosa jornada, como poucos aventureiros das palavras, conseguiu captar de forma



contundente essa aura que permeia a vasta planície com mistérios e sortilégios. O olhar e o escrever a partir da perspectiva de observador é algo que não se desvincula jamais da mente de quem se dedica à tamanha aventura, pois a Amazônia acabou se transformando numa espécie de resultado de diversas visões, idéia também defendida por Carvalho: “A região nada mais foi, durante séculos, do que um produto de criativas visões, muitas vezes delirantes, outras convenientes ao sabor econômico dos ventos. O inferno ou o paraíso dependia de uma certa forma de lidar com o desconhecido.” (20)

Carvalho, numa linguagem portadora às vezes de um tom poético, permeada de certa dosagem de agressividade e de paixão discursivas, oferece a oportunidade de conhecer e estudar, com profundidade e minúcias, sobre a produção literária da vasta planície, desde sua origem, constituída pelos primeiros relatos de viagem, até as criações da atualidade como as de Márcio Souza, refazendo assim, principalmente, um percurso ficcional. Confesso que passei por uma fase de amadurecimento até chegar à compreensão desse livro que tende, cada vez mais, a ser uma fonte bibliográfica essencial a todo aquele que tenha pretensões de ingressar nesse vasto campo de estudo que é a ficção amazônica. Estou seguindo minha própria sugestão, tendo em vista que a criação de Carvalho foi uma das principais referências utilizadas para meu embasamento na construção deste trabalho.

Como é de costume ocorrer a todo aquele que ousa tentar desvendar os mistérios da hiléia, em que o observador é de certo modo consumido pela exuberância observada, o referido autor não escapou das armadilhas e tentáculos da encantadora região. Carvalho, já no início de seu livro declara de forma incrivelmente sincera e original: “Comecei a lidar com a Amazônia mais visceralmente do que durante o meu próprio processo de vivência dentro dela, e o aprendizado se tornou doloroso e prazeroso, numa relação pornográfica com todos os meus

fantasmas.” (19) A distância, a viagem em si, proporciona ao viajante a possibilidade de “ver” de longe, o que facilita a constatação de fatos e sensações que dificilmente são percebidos quando se está inserido no ambiente, diretamente ligado a ele, muitas vezes completamente cego pelas atividades cotidianas. Na solidão, afastado de tudo que poderia distrair o seu olhar e o seu sentir, obriga-se a conviver de modo “visceral” com sua subjetividade, num exercício de conhecimento e de desvelamento que, ao mesmo tempo o fortalece e o consome, resultando desta experiência, uma maturidade que surge na fronteira da dor e do prazer. Desta maneira, ao tentar desvendar os segredos da Amazônia, o estudioso, em face deste abismo de interrogações desafiadoras que ela representa, corre o risco de ser sugado, devorado por eles.

Euclides da Cunha veio em 1904 à Amazônia a serviço, como geógrafo e engenheiro a fim de demarcar fronteiras. Nesse período ela constituía mais um ponto de tensão do Brasil, mediante o conflito de fronteiras entre os países vizinhos Peru e Bolívia. Porém, havia também, a partir desta experiência, o objetivo de produzir *Um paraíso perdido* e assim dar continuidade às denúncias iniciadas em seu primeiro livro intitulado *Os sertões*, romance que o tornou conhecido e respeitado como o escritor. Infelizmente não conseguiu concretizar tal desejo devido à morte prematura. O sonho de Euclides só se tornou realidade graças à publicação póstuma de suas produções e cartas da época da viagem pelo ambiente selvático.

Como já foi mencionado anteriormente, Euclides da Cunha utilizou uma linguagem que conseguiu captar a realidade na Amazônia, esta que esteve até então sob tantos olhares, principalmente de europeus, e foi por intermédio dela que nasceu uma poética desejosa de encontrar uma identidade nacional. Tal anseio é visível no prefácio que escreveu para o livro *Inferno Verde*:

Antes de o exercitar em trabalhos desta espécie, cuja aparência anômala lhes advém de uma profunda originalidade, cumprenos não esquecer o falso e o incharacterístico da nossa estrutura

mental, onde, sobretudo, preponderam reagentes alheios ao gênio das nossa raça. Pensamos demasiado em francês, em alemão, ou mesmo em português. Vivemos em pleno colonato espiritual, quase um século após a autonomia política. (Rangel: 19-20)

Mas como encontrar uma conciliação entre tantas situações distintas e opostas? Como encontrar a tão almejada unidade de um país tão diverso? O Brasil dos nordestinos seria o mesmo dos que habitavam a imensa Amazônia? Ele, portanto, encontrava-se nessa busca incessante de imagem unificada de um país que ainda não havia se encontrado, miscigenado, e todos aqueles ecos de teorias vindas da Europa, contraditoriamente defensora das raças puras, segundo a qual isto se configurava como garantia de progresso e evolução. De volta da longa viagem, percebe que “Aquele Brasil ansiado acabava de se fragmentar diante de uma relação de impossibilidade dialógica.” (Carvalho: 105) Diante de tantas complexidades, a existência da totalidade estava condicionada ao paradoxo ou ao hiperbólico e, afinal, o país “insurgindo-se desses fragmentos foi seu grande espanto” (Carvalho: 106).

Segundo Nicolau Sevcenko, Euclides da Cunha buscou incessantemente a fusão da linguagem literária que foi recebida como herança e o modo de expressão científico de sua época, o que explica uma linguagem utilizada por ele repleta de oposições, comparações, embates etc. O resultado de tal postura é uma linguagem marcada pela ânsia, pela agonia que acabou sendo a força motriz de uma escrita angustiada em virtude da busca de alianças impossíveis. Em meio à tamanha barafunda é possível encontrar o escritor, o engenheiro e o determinista e que, segundo Carvalho, esses “três euclides representam a síntese de um momento de nosso país, que oscilava entre duas formas de seriedade, uma possível como idealismo, outra conveniente aos sabor do pragmático da urgência econômica. O que se

desenhava para ele, então, era uma oposição irremediável resolvendo-se paliativamente na sugestão de imagens.”(106-107)

Euclides da Cunha adotou um narrador colocado na postura de viajante, respeitando a tradição que guia os aventureiros do verbo desde Carvajal e através dele o leitor tem acesso a essas imagens que, por sua vez, apontam para a solução dessas questões inconciliáveis num futuro remoto. Isto me faz recordar da esfinge, uma das metáforas preferidas por Euclides da Cunha. João Carlos de Carvalho também a aborda de modo bem instigante:

O domínio do todo é o gozo metafórico e aponta para a impotência do próprio discurso. Para sobreviver precisa antever a sua própria morte, portanto a elucidação da esfinge, outras das imagens favoritas de Euclides, faz parte de uma retórica que percebe a sua própria fragilidade e sobrevive, ainda, e só porque, reivindica o inusitado numa reação hiperbólica. (109)

Alberto Rangel é autor de *Inferno Verde*, livro construído de “linhas nervosas e rebeldes” (Rangel: 5), composto por onze contos portadores de uma linguagem em que há o predomínio da paisagem, em detrimento do homem que se vê sem saída diante de um ambiente hostil. É o próprio Euclides quem descreve Rangel, seu primeiro discípulo, como um “assombrado diante daquelas cenas e cenários [...]” (Rangel: 18).

Apesar de o claro objetivo de encontrar um sentido de Brasil por intermédio de “uma compreensão intertextual”, o responsável pelas narrativas não deixa de revelar o olhar apropriador e o seu desconforto diante da hiléia, fato observado, por exemplo, no conto intitulado “A teima da vida”: “Dez intermináveis dias me demorei nesse pávido casarão, que se debruçava carrancudo à borda do longo e fundo corte do desolado igarapé.” (180) Nesse texto, a criança que morava no citado casarão era paraplégica, louca e cega, simboliza, sob o meu olhar, a Amazônia em fase de transição, de mudança, em que o homem branco ou o mestiço se encontra, como direi, numa fase de adaptação ao ambiente adverso.

Da primeira à décima narrativa, os microcosmos amazônicos são apresentados ao leitor por um narrador em terceira pessoa, mas no final do último texto, cujo nome é o mesmo do livro, a bela surpresa a quem se entrega à deleitosa leitura dessas páginas amazônicas é deparar-se com a personificação da floresta por meio de um narrador em primeira pessoa, é o discurso da selva quem assume o comando vitorioso:

Perdô-te e compreendo o estigma que me lanças. Fui um paraíso. Para a raça íncola nenhuma pátria melhor, mais farta e benfazeja.[...] Diante os insucessos da avidez do ‘branco’, o nativo murmurará: ‘contudo aqui se sofre, mas ainda se agüenta...’ Se não paraíso, ser-lhe-ei um purgatório, no qual ele expia conformado a sua impotência, na dilatação impiedosa da Justiça, que o esmagarão completamente. Inferno é o Amazonas... inferno verde do explorador moderno, vândalo inquieto, com a imagem amada das terras d’onde veio carinhosamente resguardada na alma ansiada de paixão por dominar a terra virgem que barbaramente violenta. Eu resisto à violência dos estupradores...Mas enfim o inferno verde, se é geena de torturas, é a mansão de uma esperança: sou a terra prometida às raças superiores, tonificadoras, vigorosas, dotadas de firmeza, inteligência e providas de dinheiro, e que um dia virão assentar em meu seio a definitiva obra de civilização, que os primeiros imigrados, humildes e pobres [...] Não se me vence a sorrir... Exijo os sacrifícios que os antigos deuses reclamavam: sangue e morte. (Rangel: 281-2)

Paraíso e inferno, dependendo de quem observa, são imagens que se alternam demonstrando a transição de uma Amazônia que saía do atraso para prosperidade devido ao desenvolvimento da empresa gomífera. Resulta desses fragmentos textuais, que compõe o livro de Alberto Rangel, uma visão também composta de retalhos do todo amazônico. O homem terá que pagar um preço pela civilização com as moedas da violência inevitável da penetração no meio hostil.

Enquanto Euclides da Cunha buscou ardentemente o sentido do todo do país por meio das partes, Alberto Rangel fez o contrário, buscou as partes de um todo que nem ao menos é lembrado no ambiente discursivo marcado por imagens caóticas (de vida e de morte) e

infernais. Carvalho descreve bem essa distinção entre os dois ficcionistas: “Poderíamos dizer que o esforço sinedóquico de Euclides de fazer do todo e das partes elementos auto-assimiláveis, em Alberto Rangel torna-se aqui insustentável, justamente porque sua ficção mostra um país que não precisa ser afirmado ou negado, ele sequer existe como pano de fundo do drama amazônico. Saindo, porém do paraíso, entramos num caos infernal.” (112)

Tanto Euclides da Cunha quanto Alberto Rangel acabou influenciando sobremaneira a trajetória literária sobre a Amazônia brasileira, o que explica o fato da mesma encontrar-se embebida de determinismos. Os dois engenheiros e escritores, contemporâneos da República Velha, herdaram por assim dizer o cientificismo (parco, diga-se de passagem), próprio do século XIX. Euclides apresenta ao Brasil um novo mundo e Rangel provoca um embate a respeito da verdadeira identidade amazônica. Euclides foi leitor de narrativas de viagens, o que justifica o fato de este autor acreditar que, mesmo diante do ambiente hostil (úmido, quente, com chuvas torrenciais e rios caudalosos, próprios da vasta planície), isto não seria impedimento para que o brasileiro a ocupasse. Seu sonho, portanto, se constitui em ver a Amazônia integrada à nação. Os dois escritores viveram num Rio de Janeiro republicano, marcado pelo enfrentamento dos Liberais influenciados pelos ideais cosmopolitas com os conservadores, grupo constituído pela vanguarda republicana de cunho positivista e militar. Porém, de fato, não havia entre os dois grupos um asseveramento que impedisse os acordos entre ambos e não fazia diferença se um representante de um grupo ou de outro assumia o poder. Em suma, Euclides encontrava-se entre uma sociedade caótica e as ideologias do ultramar que nela desembarcavam, muitas vezes eram repassadas de forma ineficiente.

Essa dicotomia, paraíso e inferno, é ambígua na medida em que cabe ao leitor optar por uma ou pela outra imagem ou ainda, quem sabe, pelas duas simultaneamente. Um dos “causos” de Alberto Rangel que me chamou atenção foi “O tapará”, lago pantanoso que se

forma a partir das vazantes dos rios após o período das chuvas devido às irregularidades do solo. Nesse ambiente de lama, as vidas pequenas surgem como promotoras da morte: “Água prisioneira. Na raiva d’essa situação parece filtrar um olhar de ódio [...]. Vinga-se o poço, gerando uma baixa vida de algas e micróbios venenosos. Quem nele chegar a abeberar-se, ajustará contas mais tarde com o baço e o fígado [...] é o laboratório alquímico da microfauna e microflora palúdicas.” (33-34) Trata-se de um jogo no qual a morte e a vida alternam-se, nesse contexto onde o homem, que é apresentado como um intruso, pode ser castigado de modo fatal, pois é a vingança da natureza exuberante diante de seu frágil espoliador. Com o conto “Obstinação” a temática social vem à tona, colocando em destaque a revolta interior do caboclo que, diante da invasão de sua terra por um latifundiário, e como uma forma de não perdê-la, comete suicídio enterrando-se vivo.

Nesse ambiente de fragmentos de vida criado por Alberto Rangel, surge o sujeito civilizado, representado por mamelucos, cafuzos, mulatos e indo-europeus, que precisa vencer a selvageria (a floresta e os silvícolas). Diante disso, cabe à floresta desempenhar um papel determinista, já que expõe os intrusos a toda ordem de provações. O nordestino, por exemplo, que em Euclides é o ser capaz de promover a integração nacional, num ideal claramente republicano (embora o escritor tenha se decepcionado com o mesmo), em *Inferno verde* é apresentado como um pobre infeliz, incapaz de mudar a sua condição de vítima diante das intempéries provenientes de sua relação com o ambiente selvático. É o caso, portanto, da linguagem impondo-se em nome da continuidade de sua existência.

Nem todos os que se aventuraram pela ficção amazônica a visitaram de forma literal. O talentoso escritor francês de ficção-científica Júlio Verne, grande devorador de livros, pesquisador incansável, escreveu *A jangada: oitocentas léguas pelo Amazonas* (1881) e utiliza, quase de modo inaugural, esse conhecimento adquirido a partir dessas viagens ao

mundo literário amazônico como um todo, construído a partir de Carvajal, estendendo-se através de outros viajantes e naturalistas como Cristóbal de Acuña, Charles Marie de La Condamine, Alexander von Humboldt, Spix, Von Martius, Henry Bates, Agassiz, entre outros. Diante disso, constata-se que a Amazônia sempre esteve fadada a se transformar num cosmo de fantasias e imaginação, fonte de inspiração e de informação precisa aos argonautas do verbo. O narrador de *A Jangada*, fundindo ficção e realidade, expõe ao leitor, quase fielmente, os detalhes sobre a fauna, a flora e o clima relatados e registrados pelos viajantes. O livro de Verne conta a viagem da família de Joam Garral (cujo nome verdadeiro era Dacosta), um fazendeiro bem-sucedido, residente em Iquitos que pretendia sair de lá rumo a Belém para o casamento de sua filha Minha e, além disto, em segredo pretendia rever sua sentença de morte há vinte seis anos atrás, devido à acusação de furto de diamantes que não cometera nas minas imperiais brasileiras. A jangada era, pois, uma grande aldeia flutuante transportada pela correnteza do imenso rio, para cumprir uma “necessidade” de mobilidade, deslocamento que salta da hiléia, numa passagem da civilização ao ambiente selvagem “por meio de uma certa obrigatoriedade de constatação” (Carvalho, “A floresta e a imagem na ficção de expressão amazônica”: 4, ensaio inédito). A face ficcionista se apresenta em um cenário amazônico real, rico em detalhes, o que propicia ao leitor prazer e informações sobre a história e a natureza exuberante.

Outro célebre escritor que jamais pisou em solo amazônico, mas inspirou-se na aura de mistérios propagada pela vasta planície verde foi Sir Arthur Conan Doyle (1859-1930), o criador do detetive mais famoso de todos os tempos, Sherlock Holmes, foi apenas um dentre vários outros que se dedicaram à escrita sobre a vasta planície tomando por base os relatos de viajantes, dando continuidade a essa prática de utilizar a Amazônia como cenário de criações literárias fantásticas, se bem alicerçadas pelo crivo racional-cientificista. Conan Doyle criou *O*



*mundo perdido* (1912) que, depois de adaptado para a arte cinematográfica, inspirou a produção da primeira versão de *King Kong*, tentativa de romance que aborda o tema do renascimento da pré-história, em que o professor Challenger, cientista renomado que dizia ter encontrado seres pré-históricos e que, diante da desconfiança dos que ouviam o relato de suas façanhas, resolveu ir para Amazônia, acompanhado por Lord John Roxton, um aventureiro disposto a realizar qualquer trabalho, Malone, o jornalista, e o professor acadêmico Summerlee. Juntos esses homens viveram ficticiamente aventuras de toda sorte no ambiente selvático, transmutado em idade perdida. Doyle, portanto, sabiamente adota a Amazônia, já imersa no imaginário mundial como o lugar que permite o devaneio, como cenário de suas aventuras não menos estimulantes deste imaginário, pois essa procura do elo perdido na história, esse desejo de retorno às origens, também se constitui numa busca que perpassa todo ser humano.

Gastão Cruls, nascido no Rio de Janeiro, além da medicina também encontrou tempo para dedicar-se à escrita de ficção-científica. Primeiramente, percorrendo os caminhos semelhantes aos de Verne e Doyle, foi a fundo nos estudos sobre a grande região verde (narrativas de viagem e as de expedições naturalistas) e a partir dessa empreitada conseguiu escrever *A Amazônia misteriosa* (1925), influenciado principalmente por Herbert George Wells, obra na qual o narrador percorre o rio Amazonas numa aventura alucinante, da qual faziam parte índias guerreiras, homens gigantes, hominídeos horrendos e cidades sobrenaturais, como uma forma de ser fiel à fantasmagoria projetada pelos imaginários dos colonizadores e viajantes anteriores. Passados alguns anos resolveu ir à Amazônia acompanhando o famoso General Rondon e a partir dessa viagem, numa espécie de expiação de seus equívocos, tenta sua redenção com a publicação em 1930 do relato biográfico *A Amazônia que eu vi*, obra que se encaixa como uma luva no caso daqueles que, devido ao

estranhamento do ambiente selvagem, não conseguem, a certa altura, esquecer a vontade de voltar para casa (Carvalho: 157).

Mário de Andrade nasceu em São Paulo e também homenageou a região com “o herói sem nenhum caráter”, o famoso *Macunaíma* (escrito em 1926 e publicado em 1928), romance construído a partir da conciliação de suas experiências próprias com os estudos etnográficos e também sobre o folclore brasileiro. Um aspecto curioso é que o protagonista movimentou-se em sentido inverso ao das lendárias amazonas de Carvajal. Enquanto o mito das mulheres guerreiras veio da Grécia para a Amazônia, Macunaíma, em busca do muiiraquitã, saiu da Amazônia para as grandes cidades e países vizinhos. Em outras palavras, ele saiu do mundo primitivo para o civilizado. Essas viagens, esses deslocamentos de Macunaíma, assim como foram os dos europeus conquistadores, ocorreram com um propósito: a busca do desconhecido através do reconhecimento. O fato é que o romance de Mário acabou promovendo uma subversão dos romances de cavalaria, pois, enquanto que nesses o herói que busca o “Santo Graal” é leal, honesto, cheio de virtudes, o protagonista de Mário de Andrade - e que busca o muiiraquitã, uma espécie de talismã da sorte - é justamente o oposto. Além disso, enquanto nos primeiros o amor é o cortês, platônico, em *Macunaíma* esse sentimento tende ao sadomasoquismo. Sem mencionar que é livro que se encaixa na primeira fase do Modernismo, a fase demolidora, isto por adotar uma estrutura de romance e uma linguagem que ia de encontro aos padrões tradicionais e acadêmicos da época. As peripécias de Macunaíma acontecem num espaço fantástico, onde se encontra completamente envolvido numa espécie de magia, representando o povo brasileiro, fruto da mistura entre índios, negros e brancos, e que nesse período buscava uma identidade nacional jamais encontrada. O muiiraquitã é o símbolo dessa procura.

Como é possível observar até aqui, muitos escritores, sejam brasileiros ou não, nascidos na Amazônia ou não, beberam na fonte inesgotável de imagens fabulosas, tecido que a compõe quase que totalmente. Mas os autores que nela nasceram, para ter uma chance de projeção, tiveram, muitos deles, de procurar os grandes centros. Um desses bem aventurados foi Márcio Souza que conseguiu, logo após a sua primeira grande criação, sobreviver de sua produção literária, o que lhe permitiu construir a sua vasta e rica bibliografia (Carvalho: 164)

Márcio Souza, concordando com João Carlos de Carvalho, é o ficcionista amazônico “que mais enfrentou as vozes de formação regional do Norte” (Carvalho, “A floresta e a imagem na ficção de expressão amazônica”: 6, ensaio inédito). O escritor amazonense bravamente colocou em cena um número incrível de imagens, ressuscitando vozes distintas e contraditórias capazes de remontar, de forma bem-sucedida ou não, as diversas realidades, tanto humanas, históricas quanto políticas da vasta planície. Desse modo, ele realizou um resgate discursivo da região, desde os primeiros relatos de Carvajal até a sua contemporaneidade. O folhetinesco *Galvez, o imperador do Acre*, seu romance mais famoso e mais estudado, responsável pelo seu reconhecimento, não somente em âmbito brasileiro, como também internacional, o fez subir os degraus da fama acompanhado da sedutora Amazônia e ambos, num estilo bastante provocador, acabaram colocando em questão toda uma história passada, o que o transformou em marco do regionalismo do Norte. Galvez, juntamente com um exército formado por um grupo de artistas de teatro e boêmios, liderou a ocupação do território do Acre em 1889 e chegou a institucionalizá-lo como Estado independente. Assim, aquele que inspirou o protagonista de Márcio Souza tornou-se o imperador da nova nação, mas foi deposto no mesmo ano. A obra picaresca, marcada pela carnavalização, aborda, por meio de intricados focos narrativos, de forma debochada e irreverente, o momento da anexação do atual Estado do Acre ao território nacional, motivada principalmente pela

exploração da borracha, em pleno período chamado Ciclo da Borracha. A personagem Galvez, de fato existiu, Luiz Galvez Rodrigues de Arias, cuja história, entrelaçada à ficção, foi apresentada recentemente numa minissérie na Globo, numa busca de proporcionar à região uma legitimidade mais séria e, desta maneira, ganhar maior credibilidade por parte das demais plagas nacionais.

Miguel Jeronymo Ferrante, autor acreano, publicou *Seringal*, um livro que também contempla o período do apogeu da Borracha. O autor trabalhou com um narrador que revela por intermédio de vários painéis, as controvertidas relações mantidas no seringal, esse espaço que até hoje habita o imaginário do povo acreano. Embora o objetivo não seja o da denúncia social, isso acaba acontecendo, justamente por ficar em evidência a figura do dominador assumido pelo Coronel Fábio, dono do seringal e detentor de todo o poder local, e a dos dominados encarnada principalmente por Toinho, seu afilhado que quase chega a ser seringueiro ao final do romance. Na narrativa, percebe-se o conflito entre o mundo civilizado, representado pelo afilhado do Coronel proveniente da capital, e o habitante da floresta, encenado pelo próprio Toinho que nunca viu uma cidade. Nesse contexto, o protagonista, assim como o homem que habita a selva, não tem muitas saídas e ao final “a alma se lhe fugiu como um pássaro feliz” (Ferrante: 165) De maneira geral, estas e outras narrativas amazônicas são obras que em sua maioria têm seu tecido narrativo construído a partir de painéis, de retratos, de pequenos contos que desvelam o cosmos amazônico. A produção de Florentina Esteves é mais um exemplo de produção que carrega consigo essas características. Em *Direito e Avesso*, os vários contos dialogam com os vários mundinhos amazônicos. O que confirma que tanto essa autora como a maioria dos escritores inspirados na hiléia alimentam, há séculos, “a mesma obsessão, a de explorar o cenário amazônico como um reservatório de surpresas inesgotável, mesmo revivendo eternas fórmulas de imobilismo do personagem diante do

impacto ambiental.” (Carvalho, “A floresta e a imagem na ficção de expressão amazônica”: 4, ensaio inédito)

Todos esses autores, viajantes do imenso mar literário, acabaram construindo a ficção de expressão amazônica, motivados por essa busca incessante de dominar todos os aspectos da vasta região, para lhe proporcionar caráter totalizante. Entretanto, esta procura a produziu na travessia de fronteiras, nos interstícios entre os fatos históricos e a ficção, entre o texto jornalístico e o literário, entre o real e o fantástico, entre o possível e o utópico. Sua mobilidade, sua transitoriedade, talvez, se deva ao fato de ter sido escrita na maioria das vezes, desde a sua origem, por pessoas em trânsito, nas suas idas e vindas, com as quais se moveram também línguas, valores, culturas, mas que acabaram produzindo identidades e uma literatura que verdeja por dentro e por fora. A busca de uma metáfora itinerante marcou e marca todos esses viajantes-escritores, de alguma maneira pertencendo a este chão, nascidos ou não aqui, pois o destino dessa literatura é procurar sempre um apaziguamento para um destino incerto e no qual a região reflete especularmente o inacabamento de cada um, por isso mesmo tornando-a sempre mais e mais sedutora para os desafios da tradução. Na próxima parte, procurarei ver como isso se desenrola para explicar *Makaloba* e como *Makaloba* explica a Amazônia, até certo ponto.

### **2.2.2. *Makaloba*: o quase-romance e as vozes de ocupação**

A narrativa *Makaloba: diário lítero-alucinógeno de brancos e índios*, de Edílson Martins, jornalista e cineógrafo de documentários, foi publicada no início da década de 80, mais precisamente no ano de 1983 e, em face disto, ainda muito influenciada por tendências e fatos da década de 1970, o que a torna bastante interessante em relação à discussão feita até

agora. A partir de uma pequena biografia que se encontra no próprio livro, esta criação de Martins é o resultado, até então, de 16 anos de vivência na Amazônia, em virtude de sua participação em expedições anuais pela região, o que lhe proporcionou um profundo conhecimento sobre quase todas as nações indígenas do Brasil, principalmente dos interiores amazônicos como as colocações, os varadouros, os seringais, e, no caso, as aldeias indígenas. Além dessa relação de sua criação com seus dados biográficos, assim como o narrador, ele viveu os primeiros anos de sua vida num seringal chamado Esperança. Aliado às diversas pistas fornecidas ao longo da narrativa, poderia nos levar a crer que o responsável pelo enredo funcione como um *alter-ego* do escritor acreano, que mora há muitos anos no Rio de Janeiro, tal como o próprio narrador. O que é enganosamente simples, já que toda a contextualização, facilmente detectável no texto, compreende um mecanismo que funciona de acordo com algumas necessidades diegéticas que procuram implementar uma dinâmica e um didatismo dependentes de certas ações estratégicas das personagens em questão. O próprio narrador, nesse caso, funcionaria dentro de um prognóstico facilmente perceptível, o que ele e os seus companheiros de viagem poderiam representar dependeria da maneira como respondem a certos estímulos. E estes estímulos estão ligados a todo um confronto de verdades inevitável, que diz respeito à maneira como os valores de toda uma geração foram sendo urdidos ao longo das décadas de 60 e 70. *Makaloba*, nesse sentido, se torna um livro que quer colocar em questão uma maneira de avaliação do passado e o que nos reserva o futuro: a Amazônia se tornará o grande palco onde desfilarão várias faces negadas ou afirmadas, dependendo da ótica em confronto, e que vão muito mais longe do que as crises descritas e datadas que o narrador nos faz entrar em contato de maneira tão radical.

*Makaloba* é um teste de memória, sem dúvida. Desde o início percebe-se que a narrativa se arrisca a um salto abissal em torno de questões chaves e das quais, até hoje, não

temos respostas prontas, por mais que a consciência ecológica, que perpassa boa parte da narrativa, procure nos dar a impressão que certas verdades estão aí e apenas precisamos abrir a nossa consciência para elas. O texto imprime um ritmo que, aparentemente, se quer alucinante, mas a maneira como os relatos se encaminham, o que o fundamenta realmente, muitas vezes, são traços bastante conservadores na forma de colocar os pontos de vista. O que nos leva a pensar sobre aquela máxima de que não há romance revolucionário sem forma revolucionária. De fato, *Makaloba* está longe de ser um romance que abra para um diálogo mais profundo com as marcas da composição imaginária da Amazônia, porém, sobretudo, resta-nos observá-lo como um sintoma de um período riquíssimo, pois concentrador de tantas questões cruciais que pareciam merecer receber um tratamento e uma solução de urgência. Mas, como veremos, as idéias em questão no enredo também acabam tendo um tratamento conservador, tanto quanto a sua forma. Pois aparentemente a defesa de algumas causas populares não significa a efetividade de realização disso no plano artístico. A literatura, nesse caso, sempre surpreende porque reverte as expectativas de um universo em que causas e efeitos se encontram de forma harmoniosa. Esta desarmonia é o ingrediente que me interessa aqui examinar, pois as questões que foram trazidas estão sempre abrindo novas feridas sobre outras. *Makaloba* nos interessa, sobretudo, no efeito que provocará em relação aos pontos que estarão sempre abertos enquanto a Amazônia estiver sob o jugo de uma tradição secular que se reproduz em marcas e marcas que parecem não querer cessar.

Em relação aos pontos de que tratarei, muitos permanecem como indagações capazes de nos provocar uma suspensão dos sentidos, isso porque, na verdade, imprimem outras necessidades que vão além do próprio contexto da obra. Sendo assim, as fronteiras que surgem em torno do romance dizem respeito a outras questões já aqui tratadas neste trabalho, mas que promoverão uma necessária desarticulação do texto em voga. *Makaloba* funcionará mais como

um pretexto para que se possa colocar em andamento um processo de compreensão capaz de despir algumas verdades “prontas”. As fronteiras que se articulam em torno da narrativa surgem sempre como uma possibilidade diagnosticável de um mundo em formação. A Amazônia nada mais é que o produto de uma visão de mundo que a deteriora a partir dos investimentos sógnicos que nela se alocam. A postura do narrador traz a condução de certas questões de maneira a aliviar a tensão central que move o romance como um todo. Ele não economizará argumentos para fundamentar esta ou aquela atitude, o que não impedirá o esvaziamento dos próprios valores em xeque. Todas as fronteiras entram em confronto com as possibilidades imagéticas ali projetadas, sejam elas literárias, geográficas, étnicas, humanas ou históricas. *Makaloba* quer ser uma grande síntese e talvez seu lucro ou prejuízo dependa de instrumentos que nem sempre estarão bem afiados para o combate que ele intenta executar.

Num plano mais ambicioso, *Makaloba* procura tocar em pontos fulcrais da construção identitária da região, atrelada a toda uma articulação de pátria que se relaciona mal e porcamente com um todo. Neste sentido, estamos envolvidos com questões que dizem respeito a toda uma tradição colonizadora, ou neocolonizadora, que enfraquece ainda mais as nossas faces negadas. *Makaloba* se apresenta como um triturador, ou liquidificador, capaz de trucidar ainda mais o amálgama que nos formou, de tal maneira que somos sacudidos em pontos sempre divergentes, imprecisos, quase nunca inteiros, porque o pedaço que falta nunca se justifica por si só. A Amazônia se torna o espaço pronto a receber os sentidos sógnicos capazes de redimensioná-la para o campo de confronto que mais lhe interessa diegeticamente. É a região abandonada pelos nossos mandatários, com séculos de defasagem ecoando de todos os seus poros e ausências. É a região saqueada predatoriamente por todos os tipos de discursos, prontos a amoldá-la neste ou naquele ponto intersticial. E o romance vai sendo esse grande eco de séculos de desperdício, do qual a força imprimida pelo narrador não consegue nunca dar



conta da defasagem. *Makaloba* não tem outra saída, é obrigado a seguir velhas fórmulas de narrativa de viagem, que assolaram a região desde a primeira expedição de Francisco de Orellana, traduzindo ecos e ecos apropriadores através de outros tantos viajantes, – Acuña, La Condamine, Von Martius, Bates, Wallace, Alberto Rangel, Euclides da Cunha, Eustasio Rivera, Ferreira de Castro etc. – tornando-se a súplica repetida de um tempo que parece não querer terminar. *Makaloba* é a viagem dentro da viagem, a que procura uma Amazônia perdida no coração ou na memória de cada um de nós e qual aquela que vamos escolher?

Num certo ponto nevrálgico, que ajuda a articular a narrativa no seu movimento cíclico, podemos perceber que todo o trajeto nada mais faz do que responder a um universo de apelos insustentável. O romance, na verdade, é insustentável no seu processo de promover uma compreensão a partir das próprias teses em que se ancora, mas sobrevive justamente na parte que melhor lhe cabe: as personagens surgem como indivíduos maltrapilhos de si próprias, sombras daquilo que foram ou que pretendem ser, acenando, como última esperança, o gesto agônico da utopia definitiva. Por isso, o sentido de diáspora perpassa sutilmente cada um deles, imprimindo às suas vozes conceitos e valores que nunca encontrarão correspondência no real. Estão longe da sua “terra prometida”, mas sobrevivem justamente na possibilidade do aceno derradeiro. Perdidas dentro de si próprias, o que ecoa são vozes de outros tempos, outras eras, ritos que obrigam a um torneio cíclico e incomensurável do seu modo ser, da possibilidade de redenção a qualquer custo, pois qualquer questão poderá ser resolvida por alguma atitude ou um posicionamento extremo que reflita o caos em que todos se encontram mergulhados. O beco sem saída se apresenta como uma dolorosa façanha que não tem nada de novo, mas que precisa ser repetida por algum apelo atávico ou sádico que imprimiu em suas consciências a dor do repartir. Eis a Amazônia sendo parida num velho e

suplicioso parto, filha de todas as voragens, orgulhos e medos que contaminam aquelas personagens que apenas provam um milímetro de sua grandeza.

*Makaloba*, neste sentido, atravessa uma longa tradição, consciente ou inconscientemente, este romance quer ser ouvido, talvez seja a sua maior qualidade. E assim promove um pequeno concerto na selva onde suas vozes ecoam muito mais como um lamento. Ele fala, na verdade, do seu próprio ocaso, pois seus personagens não cessam de se repetir, presos na própria angústia da voz, do ritmo modorrento que a selva insiste em trazer de uma maneira ou de outra, e a desolação é sempre mesma, e quando se avistam sinais de civilização ela já está corroída e as esperanças se esfumam porque já fazem parte de uma utopia que não pode mais existir no horizonte em que as opções se reduzem de maneira drástica. Na tradição ficcional de expressão amazônica, *Makaloba* tem uma longa linhagem onde se ancorar, não como uma obra que veio trazer rupturas decisivas no panorama regional local (caso de Márcio Souza), ou com ousadias estilísticas que permitissem um diálogo importante entre o narrar e o contar, entre tradição e modernidade (como por exemplo, Dalcídio Jurandir ou Milton Hatoum). *Makaloba* é um livro incômodo, de certa maneira, difícil de se catalogar e talvez por isso não mereceu da crítica maior atenção, já que lida diretamente com as marcas que enovelaram um modo de ver a região. No entanto, insere-se dentro de um processo do qual todas as produções regionais da Amazônia não deixam de partilhar.

O universo narrativo de *Makaloba* é habitado por um grupo de viajantes composto por “este narrador”, (cuja função é a escrita do roteiro e orientação geral dos trabalhos), o índio Mutum Azul (pajé, mateiro e guia), o alemão Klaus (diretor idealista do documentário), Mineiro Maia (mateiro também e guia que afirma que mamou em cobra), Nariá (acompanha a equipe de filmagem, tem caso com Santos, mas pretendia ter uma experiência homossexual com Noshua), Pilar (filha do boto, prostituta, companheira de Mineiro Maia que jamais se

perdoou por tentar abortar sua filha), Noshua (uma espécie de filósofa *underground*), Nonato (membro da equipe de Klaus que pretendia escrever um livro sobre a Amazônia) e Santos (um fotógrafo que guarda os maiores impulsos do desejo de superação utópica). Algumas dessas personagens são provenientes da própria região, outras do Sudeste do Brasil, todas perdidas em busca de uma razão para suas existências no meio da floresta. O objetivo da viagem é produzir um filme sobre a Amazônia. O livro divide-se em quatro partes: “Gênesis”, “As rodovias”, “Os rios” e “A selva”. Esta articulação imprime um ritmo claro de percorrer um trajeto ritual que se anuncia resolver com uma ânsia de superação apocalíptica.

Na parte do “Gênesis”, onde o narrador revela como tudo começou, como surgiu o convite para a produção do documentário, quase ao acaso, mas, percebemos, que esse convite não vem tão gratuitamente assim, pois responde a todo um movimento do qual, de alguma maneira, ele já era iniciático. A curiosidade que o leva a essa viagem, na verdade, já vem preparada de antemão por meio de várias conjecturas e promessas de contato com o exótico. A viagem se dá através das empoeiradas rodovias amazônicas; em seguida, ao longo de rios e, por último, através da selva, quase como se tivesse obedecendo a um ritual ou a um roteiro de um filme. O ritual é um desafio que perpassará o sagrado e o profano de um universo que necessariamente terá de se abrir para uma nova forma de apropriação. Quanto ao leitor, este vai viajando junto, através de um diálogo facilmente perceptível, onde quadros são mostrados cinematograficamente, onde ele tem de partilhar os apelos que o próprio narrador exhibe como uma última oportunidade de presenciar um mundo em agonia. Além disto, existem outras *viagens* graças ao fumo de cigarro feito de *caapi* e à ingestão de uma bebida chamada *hauaska*, feita a partir da infusão de uma folha e de um cipó, acompanhada quase sempre de *makaloba*, esta uma bebida produzida a partir da fermentação do milho ou da mandioca. Essas

*viagens* dentro da viagem são mais intimistas, carregadas de reflexões e de descobertas interiores.

O romance, ou o quase-romance, como tentarei mostrar mais adiante, obedece, num plano geral, a um projeto ambicioso onde diversos temas são tratados. O próprio percurso das personagens convida a uma reflexão inicial que propõe saber em que situação fronteira elas de fato se encontram. O que ocorre é que elas, apesar de se oferecerem de maneira bastante esboçadas, estão sofrendo uma carga sígnica de agressão que as tornam necessariamente dialógicas, a certa altura. Ou seja, por mais que se queira exibir uma relação razoavelmente estabelecida entre texto e contexto, as personagens não fogem a um campo de confrontos extremamente perceptível, e nesse caso o que avulta de maneira mais forte é o abismo que se abre entre as compreensões do universo amazônico e o que cada personagem deve representar. O diretor alemão, Klaus, do documentário, apresenta-se como signo detentor de uma certa responsabilidade, repetindo chavões, velhos conhecidos: “As expansões mundiais, daqui pra frente, só podem ocorrer em quatro espaços: Antártida, desertos, oceanos e a Amazônia. Isto aqui, agora, é de responsabilidade mundial, é o último grande bem da mãe natureza.” (49) Este chavão, que volta e meia parece assombrar as nossas consciências patrióticas, tinha ainda, àquele período, um forte apelo denunciativo, diante dos prognósticos catastróficos da década de 70. O estrangeiro europeu, tal como alguns dos seus antepassados argonautas, propõe-se a estabelecer um elo de ligação essencial entre o documentário e a razão que o leva a tal empreitada, que se apresenta a partir de uma causa “nobre”. Esta causa se vê, no entanto, já esvaziada pela própria maneira de composição da personagem, que, reduzida em sua perspectiva unilateral de mundo, não poderá sobreviver ao teste da própria viagem em curso, a viagem que deveria ser reveladora para todos e no entanto ela nada mais vai representar que um percurso de constatações *a priori*. A fronteira que Klaus ocupa é extremamente permeável,

por ser dialógica, mas ao mesmo tempo previsível, pois ele pode ser o que tem os “bons propósitos”, como o anteriormente apresentado, ou o que, na voz do próprio narrador, representaria o signo antagônico a ser inapelavelmente submetido ao rancor ou ressentimento dos demais:

Klaus vive ansioso, só fala em retornar, replica que foi um equívoco essa expedição a pé, alega que o seu material de filmagem está sendo corroído pelos fungos, que é possível perder tudo o que já filmou. Revela-se um europeu, enfim, ansioso, frágil, dependente, constitui o pólo de censura geral. É através de Klaus que conseguimos, eventualmente, nos unir; falando mal dele junto aos outros. Uma expedição sempre precisa desses bodes expiatórios. (124)

Klaus é o que se submete de maneira mais radicalmente explícita a um drama de fronteiras, por ser estrangeiro, em primeiro lugar, e por não conseguir adequar o seu discurso aos propósitos da viagem. A viagem é o teste de provações. Para se ser é necessário abdicar da sua origem. Negar o que foi, se despir dos atavios que o constituíram como ser civilizado, por exemplo. Mas, antes de tudo, a viagem representa um esforço de redefinições, a partir da própria herança discursiva que cada um carrega em si próprio. Não há como fugir ao que se é, mas também não se pode deixar de tentar ser o que não é. Todos são provocados nesse sentido e Klaus é o mais facilmente detectável dentro de um processo que não poderá levar a nenhum outro lugar que não seja o próprio vazio da expedição, como todas as outras personagens. Pois a renovação, a uma certa altura, apresentar-se-á inócua, pois nenhuma personagem, na verdade, conseguirá ultrapassar a própria perspectiva do seu esboço inicial. O campo dialógico, nesse sentido, é o das possibilidades, do crivo fronteiriço, da ultrapassagem sempre por se fazer, do gesto redentor por se esperar. O romance de Martins, faminto por explicitar uma coragem impositiva de denúncias, reproduz uma carga sígnica que pertencerá muitas

vezes a uma espécie de imobilismo secular, reproduzindo, mais das vezes, imagens sobre imagens já vistas, clichês e clichês, que desarticulam a própria força do seu teor expositivo. A exibição de um mundo em agonia se compreende a partir da agonia das próprias personagens, fadadas a transitar num mar dialógico do qual todos os mundos serão repartidos sempre pela metade. Nesse caso, entre o estrangeiro e o nativo, também as diferenças são poucas em termos de inadaptação, pois na visão das personagens, o medo possui a mesma cor, e isto é perceptível por meio da voz de Mutum Azul que sai do tom manso adotado até então e de modo exaltado revela:

- Quero dizer isso; *pro* índio é muito difícil também a vida no mato. Minha tribo era um grupo. Mas havia outros. E esses grupos vivem se guerreando, se matando, o tempo todo. O verde *pro* índio é perigo. A selva é cheia de perigo. É um pesadelo. Meus avós por parte de meu pai foram mortos por outro grupo rival. É isso aí. É fácil? É fácil? (124)

Uma das principais fronteiras étnicas de *Makaloba* é ocupada por esse índio, “sertanista de *yara*”, que somente após o cumprimento de sua missão, amansar *yara* (branco), teve a oportunidade de aprender os costumes de seu povo. É personagem dividida, repartida, como todas as outras, não sabe se é índio ou civilizado e isto acaba sendo revelado no momento de dificuldade por meio do ambiente selvático que se torna hostil justamente por conta de um “desaprendizado”, já que ele foi obrigado a aprender a ser índio novamente depois do contato civilizacional. A maneira exaltada de contar a sua história, as imagens dolorosas que surgem daí, a cor verde que ganha uma tonalidade ameaçadora, os questionamentos que se repetem quase doentamente, tudo evidencia o desejo de encontrar alguma saída para uma situação insolúvel. De certa maneira, a falta de saída para Mutum representa aquilo que ocorre com todas as personagens de *Makaloba* porque todas as vozes

presentes na narrativa são atravessadas por diferentes formas de discursos apropriadores, de dentro e de fora, algo que jamais parece poder ser apagado. A contaminação entre as personagens se torna, a certa altura, inevitável e faz com que o romance caminhe inexoravelmente para confrontos cada vez mais reveladores. As fronteiras nesse caso ganharão o matiz que melhor aprouver às idiossincrasias de cada universo próprio a ser revelado pelas próprias personagens.

Mutum, que foi transformado em pajé por Mamaé (espírito da selva), também está inserido em um outro espaço fronteiroço que fica entre a realidade e o mundo fantástico, juntamente com Pilar, a “filha do boto”, e Mineiro Maia que “mamou em cobra”. As histórias dessas personagens, imbricadas às lendas folclóricas e imagens fantásticas já bastantes conhecidas e batidas, não só na Amazônia como em outras regiões brasileiras, são inseridas na narrativa sem nenhuma pretensão de que sejam encaradas como verdadeiras, mas para que fique evidente a maneira como elas fazem parte efetivamente da constituição dessas identidades que se movem no universo de *Makaloba*. Neste sentido, a história de Mineiro Maia chama a atenção com relação a esse aspecto e Pilar vai ao cerne da questão quando percebe o compromisso que cada um tem com a realidade inventada:

Se alguém quisesse escrever um livro, um grande romance, bastaria contar a vida do *Mineiro*, seus delírios, suas fantasias amazônicas. Com uma diferença; é um homem incapaz de acrescentar uma vírgula, que não seja verdadeira, quando conta uma história. É, enfim, um homem torturado pela verdade. (93-4)

Assim, essas lendas são apresentadas ao leitor de uma maneira que o leve a perceber, sem nenhum embaraço, que elas fazem parte da construção das identidades no espaço amazônico. Assim, desse universo diegético em que tudo é possível, emergem verdades torcidas num jogo de representações capaz de reproduzir seres que transitam entre os

desvarios e o tormento das realidades, das verdades que não são outras senão aquelas que precisam existir na voz de cada um.

Neste sentido, a técnica utilizada pelo autor é a de revelar, por intermédio da própria ordenação ficcional (cada personagem tem a sua vez e a sua hora de falar), que o homem nascido na hiléia, como o de qualquer outro lugar, é fruto desse imbróglio de coisas reais e irreais e que essas identidades se formam justamente nos interstícios das próprias fronteiras que estão se formando no contato entre tão diversas formas de expressão e visões de mundo:

- Mas essa história é folclórica, já ouvi, já li, ela é contada em outras regiões, intercede o Nonato.
- Pouco importa, pouco importa inclusive que tenha sido inventada pelos seus pais, pondera este narrador. O que conta é que ela está viva dentro dele. (94)

Diante dessa constatação, é irrelevante a busca de alguma veracidade na história de Mineiro Maia, pois o que interessa mais é o que ela tem a contribuir para a compreensão da subjetividade, da identidade que numa certa altura funciona de modo especular, refletindo a ânsia de superação por meio de particularidades e contradições, dessa forma a identidade se afirma diante da diferença, ou seja, nada pára de repetir, cada um acabará sendo o algoz ou o defensor do outro mediante as regras que se inventam, pois o que importa é a necessidade de que os territórios sejam demarcados, em que o real reflita o irreal e vice-versa, a verdade brotará do que a região sugerir, ou melhor do que estará sempre em julgamento, e nesse caso o homem civilizado se encontrará, de maneira direta ou indireta, na berlinda. Por isso, a realidade bate à porta, de uma maneira ou de outra, e esta revela sempre o lado mais pérfido das questões:



As famílias chegam às dezenas: gaúchos, paranaenses, catarinenses, capixabas. Surge a partir de 70 uma geração de amazônidas de cabelos loiros e olhos claros.

- Os projetos de colonização implantados pelo governo, nos informa um alto funcionário do INCRA, estão dinamizando e colonizando a Amazônia e naturalmente melhorando a raça. Vejam que bela mistura teremos no futuro. Homens mais fortes, mais altos, mais inteligentes. Os descendentes de europeus, não podemos negar, são mais inteligentes. (34)

As vozes de ocupação acabam revelando as fronteiras do imaginário de conquista e lança o grupo brutalmente à absoluta sensação de impotência diante de fatos que insistentemente têm sido revividos por tantos outros argonautas. O discurso do funcionário do INCRA traz à tona novamente, de maneira mais despuorada, o discurso do colonizador, carregando em seu bojo o velho sonho de “branqueamento” do povo e a visão da Amazônia sempre predestinada a um futuro promissor que nunca se concretizou. São questões que se movem ciclicamente e que vão criando no entorno dos viajantes de Martins uma espécie de prisão, cujas forças aos poucos são minadas pelas circunstâncias perversas. Talvez a frustração do grupo possa ser comparada ao sentimento inicial de um Euclides Cunha quando se deparou com uma Amazônia pronta a ser ancorada significativamente por tantos imaginários de conquista. Os movimentos diaspóricos, internos ou subjetivos, mostram uma Amazônia sendo formada através de uma grande dispersão. Ao se afastar do país, a grande planície talvez seja a maior de todas as diásporas.

O discurso da conquista torna-se necessariamente exuberante, claramente mais denotativo, e podemos ver isso por meio de um proprietário de uma fazenda onde viviam mais de 500 índios até a década de 60 e que emprega os que sobreviveram, aproximadamente 50. Ele reencarna, como numa vigorosa tradição secular, o discurso do conquistador de modo ainda mais explícito, e, neste sentido, *Makaloba* vai cumprindo particularmente o seu papel

informacional, pois a ficção se coloca à disposição do leitor por meio de vários retalhos de uma realidade indomável, de forma monológica, pronto a servir de farol de alerta para os desavisados que não sabem o que está acontecendo no grande e aparente “deserto verde”:

– Vejam bem, diz ele, antes eram selvagens, viviam no mato feito bicho. Agora têm roupas e uma casinha que forneço para todos que trabalham em minha fazenda; não comem mais larvas e professam o cristianismo. Como não me sentir um pioneiro? Tenho em minhas veias o sangue dos bandeirantes, a saga dos meus antepassados, que anexaram toda essa região ao Brasil.”(32-3)

A modernização tem uma outra cara em *Makaloba*, pois como um filme que se repete infinitamente, mostra como uma fatia do Brasil continua imersa e ignorante de si mesma, ensaiando as velhas justificativas como se fossem nascidas de gestos meramente pessoais. Velhas bandeiras ressurgem como grandes novidades, legitimadoras dos novos movimentos expansionistas, e um eco parece se propagar indefinidamente, através de fronteiras temporais. Na voz do fazendeiro, o que se descortina não é somente o despudor de exhibir uma forma cruel de olhar a questão, mas a possibilidade de que cada vez mais resta muito pouco a ser feito e *Makaloba* vai cumprindo o seu destino de trazer mais um aspecto banal do que já está “concretizado”. É um romance faminto por informações, devorador de imagens já prontas, por isso não poderá ultrapassar, na maioria das vezes, a sua fronteira denotativa de expressão.

Isso tudo, claro, levará a um beco-sem-saída, a uma situação de impasse em que as personagens apenas se deixarão levar, mas a viagem real, o que justifica o documentário propriamente dito, promoverá outras viagens internas e uma coisa se confundirá com outra, o que pode ser constatado facilmente e de modo especial no episódio em que o narrador relata sua experiência alucinógena propiciada pela ingestão da *hauaska* :

Lenta ou rapidamente as imagens de minha vida vão-se passando; infância, adolescência, vitórias, fracassos.[...] Vejo o alemão da equipe de filmagens cercado de nativos [...] ele propõe trocar o artesanato local por seus produtos tecnológicos. Fica a imagem do *escambo*, iniciado pelos seus antepassados europeus já no século XVI. Aos poucos em forma de *replay*, as imagens vão-se repetindo. São imagens que se perdem em 40 dias de viagens, junto a um outro mundo, a uma outra gente. Lá está a mulher parindo uma criança no meio do areal maldito, no trecho entre Jauru e Vilhena, na BR-364 [...]. (29)

É um percurso discursivo construído por *flashes* em que os fatos reais ganham a importância da medida da denúncia pretendida, por meio de analogias entre presente e passado que dão uma velocidade quase cinematográfica à narrativa. Nesse imbróglio de referentes, o mundo alucinado parece trazer uma agudização da consciência que denuncia de maneira ainda mais contundente aspectos, que sob essa ótica, devem surgir de forma ainda mais escabrosa, pois o que está em jogo é a perversidade de um sistema que enlaça a todos, indistintamente. A alucinação, a viagem dentro da viagem, não é mais que um outro modo de investir no seu campo de percepção das vozes que assolam e determinam o que a Amazônia se tornou. No exemplo abaixo, fica claro o que quer ser narrado, quais as tragédias que merecem ser elencadas, porém de maneira sempre enunciada, nunca, de fato, exibidas plenamente:

Estamos diante do choque entre processo civilizatório e as minorias étnicas deste continente. As imagens vão-se atropelando e fico contemplando os índios nos supermercados da beira de estrada, vendendo a preço de banana sua riquíssima produção artesanal, e em troca comprando refrigerantes em plástico, plenos em aditivos químicos, que saem sorvendo desconfiadamente, exibindo roupas de tergal com vinco, ludibriados criminosamente pelo comércio, pelos agentes da civilização que somos todos nós. (31)

As diversas imagens surgem numa espécie de transe controlado, mas nunca são desnudadas, desvendadas completamente fora do crivo racional, pois o narrador mantém sempre uma distância estratégica, mesmo quando se inclui entre os “predadores da civilização”. Mesmo também que o responsável pela narrativa deixe em evidência as suas pretensões de desabafar os anos de encarceramento provocados pelo regime militar, como vai ficando cada vez mais claro, à medida que vamos contextualizando a obra. Nesse sentido, a hauaska ou a própria makaloba, ou qualquer outra forma de viagem alucinógena, não consegue imprimir a essa narrativa o poder de revelação que estaria muito além das sensações epidérmicas. Desse modo, uma imagem se sobrepõe à outra de maneira enumerativa e acaba entrando numa espécie de ritual enunciativo de algo mais profundo que possa ser mostrado ainda, por meio de um mundo que está sempre potencialmente pronto a ser descoberto de verdade, mostrando o lamentável estado de coisas em que a Amazônia se tornou depois de quase duas décadas de silêncio.

Esse silêncio vai sendo quebrado paulatinamente, tanto no decorrer das viagens promulgadas pela força alucinógena das drogas quanto na literal, que atravessa fronteiras geográficas e culturais. Assim, de acordo com um foco narrativo que deixa bem claro que tudo se move ao sabor de ventos sinistros ou agourentos que indicam o fim das grandes ilusões:

Estamos na BR-364, a famosa Cuibá-Porto Velho, que já alcançou Rio Branco, a capital do Estado do Acre e se dirige para Lima, capital do Peru. O clima é de bang-bang, daqueles filmes que narram gloriosamente a saga americana da ocupação do oeste dos Estados Unidos. As cidades vão-se criando à beira da rodovia, numa rapidez alucinante. Elas se constroem com segmentos populacionais oriundos das mais diferentes regiões do país, principalmente paraenses, capixabas, gaúchos, catarinenses, maranhenses e nordestinos de um modo geral. Os homens chegam, com suas famílias, na expectativa de encontrar um “eldorado”, a terra prometida, já

que isto lhes foi acenado. Encontram poeira, calor insuportável e uma disputa violenta pela terra. (15-16)

Como vamos percebendo, *Makaloba* é perpassado por uma cosmovisão, voltada para as grandes preocupações ambientais, que começava a ganhar uma certa mobilidade no meio intelectual brasileiro nos anos 70 e 80 e que vislumbrava a ocupação humana como a grande vilã da luta em defesa dessa grande causa. Nesse sentido, Martins e outros cronistas de viagem pela Amazônia<sup>4</sup>, naquele período, adotaram essa linha denunciativa para demonstrar que a vinda do homem implicaria no fim da última grande floresta do mundo. Obviamente, guarda-se muito ainda do espanto secular que acompanhou a tantos outros viajantes pela grande planície, quase como se fosse uma marca sempiterna da produção literária regional daquelas paragens. Desta maneira, se a Amazônia é o “inferno verde”, de Alberto Rangel, pela ausência da civilização, em *Makaloba* ocorre justamente uma inversão de pólos, uma vez que a vinda de levadas de pessoas de outras regiões para a hiléia, a construção de novas cidades, de acordo com a perspectiva do narrador, era a garantia da transmutação desse recanto num lugar infernal. No trecho citado acima antes deste parágrafo, é possível perceber o tom ainda mais fortemente informativo adotado pelo narrador, preocupado em situar geograficamente o leitor e de lhe passar detalhes de uma época através de imagens que surgem em ritmo acelerado, numa tentativa evidente de querer expressar um clima de tensão, na sua concepção, promovido pelos movimentos migratórios na região, não se poupando de utilizar termos genéricos transplantados de outros contextos (clima de bang-bang) a fim de acentuar ainda mais o processo de corrosão interna a que a Amazônia está submetida.

---

<sup>4</sup> Não podemos deixar de relembrar a já citada *Transamazônica*, ou, publicado no final dos anos 80, *O mundo em Chamas* de Alex Shoumatoff, que veio a ser o primeiro relato sobre o assassinato de Chico Mendes.

Assim, a ocupação humana passou a ser associada a um sentido voltado para a devastação, em que as previsões escatológicas vão surgindo através de um narrador que apresenta um ponto de vista que descamba claramente para uma postura misantrópica e que vai sendo evidenciado lentamente ao longo da narrativa, principalmente no momento do encontro do grupo de viagem com a Alyne Junot, cientista francesa que realiza pesquisa sobre o macaco sauíim:

- Estão ameaçados de extinção?
- É, diz Alyne de forma pensativa, senão tristemente. Discutia isso recentemente com um colega meu, também pesquisador.
- Você, pergunta o Klaus, trabalha para alguma fundação européia?
- Não. Trabalho para o INPA (Instituto de Pesquisas da Amazônia) [...]. Discutia com esse colega, que ele não está assim tão ameaçado, já que pode ocorrer em matas secundárias.
- Mas a verdade é que, segundo você, completa Santos, ele ocorre em áreas muito restritas, e sem maiores concentrações populacionais humanas.
- Certo, confirma Alyne com sofreguidão. Manaus, Itacoatiara, o vale do Uatumã, tudo isso está sendo invadido.[...]
- Não perde tempo, acentua Santos, senão eles acabam antes de concluir suas pesquisas. (159-60)

Desse modo, por meio de um diálogo estabelecido entre a cientista e o grupo de viajantes, com algumas intervenções do narrador, é possível perceber que há em *Makaloba* um esforço em fazer com que brote o homem civilizado como um ser ameaçador, um predador voraz capaz de pôr termo à fauna e à flora amazônicas. Destarte, o que predomina nessa passagem é o aspecto dramático e, por conseguinte, o que está em jogo é aquilo que se quer representar, a maneira como a cosmovisão do romance precisa se encaixar nas falas das personagens, tanto para o bem como para o mal. Então, para que haja mais contundência ao que se quer expressar, enquanto o narrador quer dar conta das impressões da pesquisadora, o utópico Santos, por exemplo, fala por ela, de modo que fica evidente o desejo de conduzir o

enredo para um caminho onde não há soluções possíveis e, nesse sentido, a atmosfera apocalíptica, de acordo com essa perspectiva, será inevitável e predominará até o final da narrativa.

Diante disto, à medida que o leitor vai tomando conhecimento dos dramas da região pela voz do narrador, é possível perceber que *Makaloba* realiza, por intermédio de uma concepção cada vez mais pró-ambientalista, antecipando algumas das discussões que ganharam voga nos dias de hoje, tornando esse *tour* pela Amazônia uma grande busca do “espanto” perdido, reativando motivações já traduzidas de outros argonautas:

Quando vejo a vegetação ao longo da estrada, num raio de 100, 200 metros, morta, por causa do pó que se levanta da rodovia, fico a imaginar o que está acontecendo com os nossos pulmões. As plantas, os arbustos vão morrendo, certamente porque as folhas deixam de respirar. A camada de pó é total, e tudo adquire uma feição pardacenta, cor da terra. Os 700 mil habitantes de Rondônia vivem agora a expectativa do asfalto, que o Banco Mundial prometeu implantar, de Cuibá até Porto Velho. (19)

Percebe-se o carregamento nas descrições hecatômbicas dos espaços amazônicos, principalmente quando passa ao longo das rodovias, ganhando um peso monocromático, impregnando o imaginário dos viajantes, cujo narrador, cada vez mais, se torna o seu portavoiz. É a volta ao espanto que acabou inventando várias “Amazônias”: a dos mitos, por meio dos primeiros cronistas, a dos liberais que se deslumbravam diante de um vazio portentoso pronto a ser preenchido por uma nova concepção de trabalho e exploração da terra, a dos geógrafos assombrados pela grandiosidade de suas florestas e de seus rios caudalosos, a dos naturalistas pela impressionante diversidade entomológica e ornitológica e, agora, a dos proto-ambientalistas diante do horror perpetrado pela iminência de um fim que, na visão deles, está cada vez mais próximo, com o povoamento, com a chegada da civilização, com tudo que

há de pior nela. Assim, nesta passagem de *Makaloba*, o relato (especialmente pelo uso do verbo flexionado “vejo”, indicando um tom de testemunho), como nas velhas crônicas de viagem, é ressuscitado por meio deste romance. Então, o responsável pela narrativa opta por reproduzir para o leitor imagens desoladoras, de morte iminente, de volta a uma origem inorgânica. Dessa maneira, tudo vai seguindo um ritmo seqüenciado, gradativo, que pretende conduzir o espectador-leitor a perceber que tudo aquilo que compõe o espaço verde vai adquirindo um tom pardacento, estendendo o fim, descrevendo lentamente, passo a passo, o processo de decomposição, como o próprio ritmo da narrativa propõe.

A narrativa prossegue pelos tantos caminhos de *Makaloba* sempre acenando para essa linha de pensamento infernal e assombrado, alternando-se, em alguns poucos momentos, em contraponto com algumas imagens paradisíacas, mas que não chegam a configurar propriamente uma dialética “paraíso x inferno”. O que temos é cada vez mais uma constatação inapelável de um processo irreversível. Em face disto, em plena selva, onde o narrador se encontra completamente isolado, sem os confortos do mundo civilizado, após um dado momento caótico:

Estamos assistindo ao início do grande dilúvio. Isso vai ficando absolutamente claro. Não se ouve nenhum outro ruído, salvo o ruído da destruição, dos gritos da mãe-Natureza que nesse momento realiza uma limpeza de área, ela que fornece a vida, nesse instante transmite a morte. Só os fortes, os espertos, os *safos* resistirão.[...] Viver! Eis o desafio desse mundo singular. Todos buscam a vida, mas quem espreita a todo instante é a própria morte. (151-2)

Desta maneira, a linguagem, como num despertar dos sentidos, surge como ferramenta capaz de recriar um cenário bíblico, apocalíptico, portanto, de onde partem os sons da própria seleção natural, da luta pela sobrevivência nesse ambiente selvático em que a morte impera,



sempre pronta a entrar em ação, diante da vida verdejante. Neste sentido, o responsável pela narrativa intenta uma euforia em “Viver!”, principalmente pelo uso da exclamação, porém, logo em seguida utiliza a conjunção “mas” impondo uma oposição em favor da morte que, na sua perspectiva, será a grande vencedora, ou seja, a morte pode ser vista como o fracasso do processo civilizacional na Amazônia.

Depois da tormenta, por outro lado, a narrativa movimenta-se em favor do surgimento de um ambiente edênico que parece ainda mais condicionado a uma saída da realidade :

Aos poucos a chuva vai cessando. [...] Os pássaros retomam seus ninhos, voltam a cantar, a claridade domina novamente, uma alegria cósmica explode, contagia. Os rostos de Mutum e Mineirão estão iluminados, tudo está iluminado, um grupo de araras corta o céu, alegremente, aos gritos no que são seguidas, logo mais, por outros bandos, de outras aves. Após o vendaval a vida retorna buliçosamente, e esse espetáculo ninguém pode narrar, traduzir. Sinto-me leve, solto, e não se assuste, amável leitora, um sentimento transcendente me une ao cosmo. (153-4)

Diante desta alternância de imagens, o leitor é conduzido de um universo angustiado para um outro, quase celestial. O cenário que estava sob as trevas, por onde transitava a morte, agora está iluminado, pronto para que entre em cena a vida com toda a sua mobilidade, e para representar toda essa movimentação o narrador emprega um número significativo de verbos que recorrem insistentemente na ação continuada, num primeiro momento, até a tentativa infrutífera de traduzir sua extasia. Isso acontece, principalmente, porque a descrição quer mostrar a exuberância pela exuberância, ou um aspecto primitivo que a própria linguagem não quer ultrapassar. O recurso de entabular uma conversa mais íntima com a leitora apenas traduz o pouco que ele tem a oferecer. A dialética está impedida justamente porque tudo já está

decidido, por isso, o que predominará é a visão de um inferno que às vezes cede lugar a uma ou outra sensação agradável. A saída, como fica claro, só existe numa outra atmosfera.

Neste universo de sensações contraditórias produzidas por Martins, em que tudo conflui para uma triste constatação, onde os sentimentos se encontram embaralhados e as relações pessoais entram em crise, o mecanismo do processo em que todos se inseriram se vê claramente desgastado, pois nada, a partir de uma certa altura, será capaz de amenizar os dramas das personagens, levando as suas discussões ou dilemas a lugar nenhum, como bem mostra o fragmento abaixo da carta de Pilar, uma prostituta que pensava ter encontrado seu espaço no meio do grupo:

Estamos todos nos enganando. O mundo é outra coisa, não é essa viagem. Essa viagem, esse grupo, é apenas um *tempo*, uma *parada*, quem sabe uma retomada na fé perdida do mundo. Com vocês fui e sou uma *Mulher*. Fora sou uma *perdida*. Pagando uma *sina*. [...] Quem, de sã consciência, *maninha*, tem a petulância de exigir que eu continue? Partida, quebrada, machucada, deixo vocês. Deixo vocês porque não posso ser *nós*, já que *vocês* não são o mundo. O mundo *tá* aqui fora. (170)

O que sobra começa a fazer faltar. O que se situa é o que não se encontra. É o que se constrói à beira do abismo, quando todos são obrigados a tangenciar o seu próprio limite. Pilar traz para si a responsabilidade de traduzir o nada, a falta de sentido, pois, numa certa altura, ser mulher decente ou prostituta já não faz muita diferença nesse espaço de neutralizações. Esse espaço se permite todas as desilusões pois nele habita o início e o fim, a utopia e a realidade. Nada poderá ser por inteiro, senão a morte (Pilar mais adiante se suicida). A Amazônia é a região demarcada no coração de cada personagem, e cada um terá a sua tragédia para ser relatada, mais cedo ou mais tarde, a viagem guardará um duplo sentido radical. E o que acentua as questões é justamente a possibilidade de todos terem entrevisto um outro lado.

O que se apresenta é um mundo em franco processo de decomposição no qual ocorrem as intrigas que se dissolvem em si, onde as fraquezas humanas ocultas florescem e tudo conspira para que caiam por terra todas as utopias. A viagem sugere outra viagem, sempre, e o que se conhece de si é muito pouco diante da grandiosidade e da miséria que se presencia. O grande propósito do romance é destruir, portanto, qualquer ilusão. No fundo, as personagens vão se tornando incapazes de sustentar qualquer tipo de relacionamento projetado no princípio da narrativa, pois, num certo momento, vigorarão as normas de um incansável processo de depuração dos valores em jogo. Nada pode ser o que aparenta, pois todos estão em dívida consigo mesmo e prisioneiros de um espaço que os consome, inelutavelmente, todos têm que pagar o seu tributo pela dor alheia:

Dentro de mim [...], há uma dor de 300 anos. Uma dor que nenhum homem, nenhuma pessoa, nenhuma religião, jamais arrancará. É a dor de minha avó, de minha mãe, de minha bisavó, de todas as mulheres das quais me origino [...] das quais herdei o meu corpo e a minha alma. (170)

Num movimento que rompe os limites da realidade e do tempo, capaz de remontar uma aventura espiritual, subjetiva, a voz de Pilar é fruto de tantas outras marcadas por infortúnios, os quais essa viagem não poderá resolver. Essa viagem constata a sua própria impotência justamente por ser viagem, por ter que cumprir o seu rito. O que se constata é um processo de mudança irreversível a que o espaço está condenado, arrastando todas as personagens e seus dramas pessoais.

Embrenhar-se pela Amazônia, portanto, é penetrar em fronteiras que existem entre o mundo civilizado e a selva, entre a modernidade e a antiguidade, entre culturas distintas, entre homens e mulheres que são obrigados a se conhecer no drama da sua insuficiência, onde o imaginário não consegue vencer o real. Nessa viagem perpetrada pelo heterogêneo grupo de

viajantes, percorrendo os diversos ambientes amazônicos por terra, céu e rios, pelas vielas da alucinação, nas idas e vindas às profundezas de suas almas atormentadas, no contato entre pessoas tão diferentes entre em si, projetos pessoais que aparentemente parecem se aproximar no desejo utópico de superação, tudo isso acaba se encaminhando para uma reflexão sobre identidades em franco processo de colisão:

No mato não há nada. Apenas você, a selva, os animais, os insetos, as folhas, o ruído que nunca cessa, o vento, o silêncio. Essas coisas existem, são belas, mas não querem saber de nossas carências. (168)

A existência da identidade, na tradição filosófica ocidental, está condicionada à integração entre o sujeito e o objeto, através da idéia de um absoluto, o que torna a identidade, na trajetória de fragmentação da modernidade e a chamada pós-modernidade, algo improvável se não se estabelecer valores que se prendam a uma projeção racional-iluminista da realidade e mesmo assim se garantindo através de uma idéia de transcendência. Em *Makaloba*, a Amazônia é apresentada, pelo narrador, como uma região degradada, quando em contato com o processo civilizatório, destruída lentamente pelas forças “ocultas” que vão sendo desveladas, ganhando tintas cada vez mais trágicas porque acentua essa divisão entre sujeito e objeto. Desse modo, não lhes restam saídas possíveis, a não ser por meio das idiossincrasias das próprias personagens. Então, se no início de *Makaloba* havia, por parte destes viajantes, a crença da ação “verdadeira”, (ação é uma coisa; agitação é outra) (20), ao final do romance o que ocorre é que a grande aventura se torna uma constatação de falências. O objeto, aqui, grita pelo corte que perpassa cada uma das personagens, acentuando a sua dissolução nos próprios valores que os impulsionava na origem da aventura. O que resta é o romance tomar uma clara

posição cada vez mais documental, onde o que está em jogo apenas limita o trânsito entre uma ou outra vontade. A ação, dirimida na sua própria iniciativa, revela uma Amazônia saqueada e vilipendiada e que representará a própria frustração de uma época, de um período encarcerado nos seus ideais, vitimizando-se para poder ainda sobreviver na sua agonia. *Makaloba* é o quase-romance porque a sua trajetória, na verdade, não se cumpre, apenas se enuncia e, na sua longa narrativa, sobram denúncias, especulações, frustrações que nos dão a sensação de um mundo que precisa se compor dos retalhos de outras tantas trajetórias, de outras viagens que ecoam nas suas entrelinhas. Sua forma revela, sem dúvida, uma condição diaspórica, desmembrada não por uma ousadia estilística, mas para carregar sobretudo na percepção desse mundo em dissolução. A identidade, neste sentido, é algo formulado e discutido nas próprias brechas da narrativa. Ela é a convidada de honra, mas não se sente muito à vontade. A diáspora vivida particularmente por cada uma das personagens revela que suas resistências se esfumam na constatação de um mundo previamente condenado. Vivem à flor da pele cada uma das suas decepções, mas elas precisam ser ainda mais afloradas. É essa vontade de falar que caracteriza *Makaloba* e nos revela um pedaço do Brasil em que já não cabem sutilezas maiores:

Imagens em *feed-back* vão-me lembrando a Amazônia como último reduto viável da terra, a cobiça internacional, o *Garanhão* enrabando o porquinho ultrajado, as tentativas frustradas de amar Noshua ou Nariá, e finalmente o delírio meta-amazônico de *Mineiro Maia* garantindo que o Scania voa. (53)

Este mosaico de visões súbitas, por meio de sentimentos contraditórios, a metáfora da passividade ultrajada, a possibilidade de superar todos os vazios e convenções, momentos de êxtases e fantasias, tudo embaralhado de modo a acentuar ainda mais a decepção, com a

finalidade de repassar ao leitor um retrato da hiléia construída através de retalhos e partes que são muito mais importantes do que o todo, e que acaba por mostrar a principal função articulatória diegética de *Makaloba*. O isolamento das personagens caracteriza esta literatura que quer contar, à sua maneira, sem muito requinte, e em alguns momentos chegando próximo do grotesco, a sua versão de um período da história desse país do qual o autor sente pulsar até as suas entranhas. O que acaba se revelando não provoca grandes transformações, mas que, pelo fato de isolar-se para tal empreitada, acaba cumprindo o seu papel de denúncia, de desabafo. Este, na verdade, é um quase-romance que deseja evidenciar-se por sua postura de enfrentamento, de maneira muitas vezes literal, onde, em momentos estratégicos utiliza qualquer argumento que possa justificar o percurso, que como sabemos se torna incompleto na sua própria gênese:

Há seis dias que chove sem parar. Dia e noite. Estamos exaustos, temos comido o mínimo, e eu pessoalmente, só Noshua o soube, joguei fora todo o açúcar refinado. Estamos, portanto, sem ele, o que significa mais resistência, mais disposição, mais saúde enquanto durar essa expedição. (140)

A clara inversão, uma distorção evidenciada pela mudança da função original do alimento, faz com que o açúcar surja como imagem de uma civilização corrompida, cujo sentido energético torne-se o símbolo de um processo de conspiração inevitável e que corromperá também o espaço empírico da natureza bruta. Equiparada, na visão do narrador, a uma droga extremamente maléfica à saúde, o produto representa a última ponte de ligação com a realidade. A sua brancura pode trazer a idéia de uma origem. É a volta ao primitivo, o antes do homem-indústria, visado, no fundo, como meta do inalcançável, pois o que importa, a uma certa altura, é manter a viagem pela viagem, afastando-se dos princípios motivadores que já não encontram sua razão de ser. Deste modo, o que deveria ser fonte de energia para o

grupo é descartado secretamente e faz surgir um dos maiores paradoxos da narrativa, já que a viagem continua porque as personagens movem-se pelo que resta da utopia de toda uma geração que, como sabemos, não pode mais existir pelo próprio encaminhamento que a narrativa vai tecendo por não mais poder se sustentar num ensaio de pureza ansiado inicial. Logo, cada um tomará o seu rumo e a sua verdade como se ela existisse apenas para cumprir o seu papel de constatação. A Amazônia, nesse caso, será cada vez mais produto de um imaginário catastrofista, incendiado por uma realidade que terá de se projetar em planos impossíveis de realização, por isso mesmo, mais vivos, porque constitui o último flerte com o absurdo. Resta pouco para o grupo como um todo e o quase-romance não completa a sua trajetória porque não foge ao drama da sua própria constatação, da sua insuficiência como linguagem, de não poder ultrapassar as barreiras que esta lhe impõe:

Mas eu vivo de testemunho. Minha vida toda é um testemunho. Não posso escancarar e dizer: “quero o quarto de minha casa, quero água quente *pra* tomar banho, quero comida *pra* mim”. Não dá mais. Tornei-me um militante. Que saco! Vivo morrendo de pena de mim mesmo. (153)

O uso de “mas” indica uma restrição, uma impossibilidade de sair do plano denotativo, e o narrador rende-se, admite as suas limitações, para ele “não dá mais”, seu grande óbice foi fabricado com palavras e circunstâncias avassaladoras. Se, antes, a boca estava amordaçada pela ditadura, agora, no tempo narrativo de *Makaloba*, as vozes podem se soltar, ritmadas pela liberdade de expressão recém-conquistada. Mas, infelizmente, elas não conseguem ir além da necessidade de atestar ou de confirmar o que vem sendo denunciado sobre a Amazônia. Neste sentido, é possível entender que Martins, como tantos outros escritores, manteve-se dentro da tradição ficcional amazônica de prender-se à necessidade de utilizar a literatura como um meio de preencher as lacunas da história, quase sempre assumindo uma postura de viajante que quer

dar o seu testemunho. Assim, apesar da nova roupagem, do uso de uma linguagem “moderna”, desprovida de maiores cuidados, com o intuito de transgredir, assumindo uma postura típica de sua época, percebe-se claramente que ainda impera o desejo de decifração da esfinge, essa vontade utópica que nutre o seu discurso acerca da preservação do meio ambiente.

Como já foi mencionado, a ficção de expressão amazônica é fruto de um aglomerado de visões que a transformaram, ou melhor, que a inventaram como o último espaço para os delírios oníricos, herdeira de um processo de expansão do Velho Mundo que lhe impôs um imaginário de conquista resistente às ações seculares do tempo. No caso particular de *Makaloba*, sua existência está condicionada ao olhar daqueles que, sob o impacto de um novo espanto, ajudaram a cultivar as primeiras sementes de um preservacionismo que se tornaria vigoroso em pouco tempo. Dessa maneira, sendo um romance que responde pesadamente ao contexto de um período, quando a Amazônia abriu suas fronteiras em vários sentidos, consegue, nesse percurso, confrontar as vozes de alerta que se fazem presentes em virtude de perigos de todos os lados, de dentro e de fora, antecipando muitas discussões que se tornaram freqüentes a partir dos anos 90 em diante. Em face disto, sua localização na região fronteiriça entre o texto jornalístico e o literário é outro indício de que Martins também segue, neste aspecto, a tradição das produções amazônicas, onde, de toda maneira, se reproduz o espanto e a tentativa de decifrar o enigma, o que as remete para um mundo paradoxal desde a sua gênese.

As personagens, inseridas numa certa estrutura mecanicista, encontram-se encarceradas diante de circunstâncias que funcionam como uma cadeia confeccionada por meio de uma complexidade toda própria, cujas marcas lembram ainda um insistente determinismo que marcou as letras regionais da hiléia. As questões idiossincráticas que envolvem as personagens não são propriamente deterministas, mas obedecem a um todo estrutural da própria teia



narrativa da qual não consegue fugir. O espanto surge desse ambiente de aflições insuperáveis, para as quais a perspectiva de Martins não oferece soluções, por meio ainda de uma imagem infernal que nos remete a uma poderosa tradição, fato que também comprova uma postura costumeira no meio ficcional amazônico, principalmente a partir de Alberto Rangel que, em *Inferno Verde* (1907), deixa claro que a ausência de civilização implicava no próprio inferno, embora isto já estivesse implícito desde as literaturas de viagens. *Makaloba*, como uma espécie de resposta a essa tradição, traz à tona o recado informando que a civilização fracassou e que é ela mesma que produz o inferno. Márcio Souza, em *Mad Maria* (1980), já havia anunciado isto anteriormente de maneira mais contundente. Contudo, Martins, por meio de uma narrativa predominantemente ensaística, segue uma tendência informativa muito marcante em toda a extensão do enredo, produzindo uma espécie de diálogo visceral com estratos mais facilmente verificáveis da formação literária local. Isso não significa que *Makaloba* tenha se tornado um clássico como *A viagem* ou *A selva*, mas se aproxima bastante destes de tal forma que chega a surpreender pela insistência denunciativa.

Neste sentido, *Makaloba* é o quase-romance por apenas enunciar o projeto da viagem como revelação, mas, infelizmente, ele não consegue sair do próprio espanto provocado pelo excesso de constatação, e nisso arrasta todas as personagens para o mesmo universo de situações insolúveis. Deste modo, enquanto produto de um processo de confrontos internos e externos, *Makaloba* cumpre o seu papel. Produz os seus próprios fantasmas e ajuda a inventar a Amazônia do século XXI tal como a vemos sendo discutida nos dias de hoje.

### 3. CONCLUSÃO:

A Amazônia tem sido alvo de observação, de estudos realizados por cientistas, escritores, pesquisadores e jornalistas, devendo a esses toda a sua existência como região fabulosa ou como local da barbárie. No entanto, ainda que marcada por esses olhares, ela continua, em pleno século XXI, como uma incógnita, uma vez que a pergunta sobre quem de fato a conhece permanece sem resposta. Neste sentido, há a crença enganosa de que o habitante da planície verde a conhece melhor e que, a partir desta perspectiva, conta a história da região de modo mais eficiente que a própria História. Talvez isto explique o fato da maioria dos textos que constituem a ficção de expressão amazônica travar uma verdadeira competição com ela, na tentativa de preencher os seus vazios, ou até mesmo de se construir a partir deles.

Por outro lado, a literatura de expressão amazônica sobrevive do poder de realizar traslados metafóricos, deste eterno retorno às imagens primevas, ao lugar do espanto. Contraditoriamente, este repetir, que tem se configurado até o momento como infundável, constitui-se em sua originalidade. Assim, mesmo quando uma produção literária se apresenta como filha de um novo espanto, como no caso de *Makaloba*, no momento da análise vêm à tona, por meio das vozes de ocupação, um vigoroso e contumaz imaginário de conquista, herança sempiterna deixada pelo processo de expansão do Velho Mundo. Martins, movido por esse assombro diante da possibilidade do fim trágico desse espaço que ainda permite ao homem adentrar num universo guiado pelos caprichos da imaginação, quis, pela força da palavra literária, desabafar os anos de repressão ditatorial, ao mesmo tempo demonstrando preocupações com relação às questões ambientais numa época em que começavam a florescer

no meio intelectual, sinais de um movimento preservacionista que se tornaria cada vez mais vigoroso até os dias atuais.

As personagens de Martins, numa espécie de fidelidade às narrativas de viagem, realizam viagens literais e alucinógenas em busca de um sentido para suas existências. Entretanto, perdidas, atravessadas por um sentido tênue de diáspora, cada uma ocupando um espaço fronteiro, sob um impacto de carga signíca que as tornam dialógicas e diante do abismo que há entre as compreensões acerca da Amazônia e aquilo que cada uma representa, encontram-se, nesse caso, num beco sem saída e acabam se tornando vítimas das voragens e medos que as consomem.

Finalmente, após essa longa jornada em busca do sentido da identidade e da ficção da literatura de expressão amazônica, oscilando entre a compreensão dessas e o autoconhecimento, percebo que atualmente compreendo melhor o porquê de tantos sentimentos contraditórios mencionados no início deste trabalho. Entendo agora que cada pessoa, assim como eu, é o resultado de relações afetivas, de convivências interculturais, sociais e que a Amazônia, assim como a identidade, não é una, ela é ao mesmo tempo nativa e civilizada, campo e floresta, simples e sofisticada, moderna e ultrapassada, cidade e vilarejo, negra, branca, indígena, mulata. Do mesmo modo que um indivíduo é, a um só tempo, religião, família, razão, sentimento, profissão, filho, mãe ou pai, constituindo-se em uma variedade na unidade repartida, em um verdadeiro poço de complexidades que jamais são resolvidas, assim também se dá com a hiléia, como também com as suas construções identitárias e ficcionais.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACUNÃ, C. *Novo descobrimento do grande rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Agir, 1994.
- AGASSIZ, L., E. C. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- ALBUQUERQUE, G. R. *Trabalhadores do Muru: o rio das cigarras*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- ANDRADE, M. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 30. ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1997.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 2. ed. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BATES, H.W. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.
- BENCHIMOL, Samuel. *O cearense na Amazônia*. Belém: SPVEA, 1965
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BATISTA, D. *O complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Conquista, 1976.
- BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARVAJAL, F. G. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río grande de las Amazonas*. México: Fondo de Cultura económica, 1955.
- CARVALHO, J. C. *Amazônia Revisitada: de Carvajal a Márcio Souza*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- COSTA, C. *A conquista do deserto ocidental*. 2. ed. Rio Branco: Fundação Cultural do Acre, 1998.
- CUNHA, E. *Os sertões: campanha de Canudos*. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Um paraíso perdido: ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- DERRIDA, J. *Margens da Filosofia*. Campinas: Papyrus, 1995.

- DOYLE, C. *O mundo perdido*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.
- ESTEVEVES, F. *Direito e avesso*. Rio de Janeiro: Oficina do Livro, 1998.
- FERRANTE, M. J. *Seringal*. 2. ed. Rio Branco: UFAC/FUNDAPE, 2003.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: RABEINOW, P; DREYFUS, H. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade e verdade: a hermenêutica do sujeito. *Resumo dos cursos do colégio de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. P. 109-34.
- \_\_\_\_\_. Outros espaços: conferência. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: estética, literatura, pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- GARRARD, G. *Ecocrítica*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2006.
- GILROY, P. *O Atlântico negro*. São Paulo: 34, 2001.
- GLISSANT, E. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- GONDIM, N. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- GOODLAND, R. J., IRWIN, H. S. A. *A selva amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho*. São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1975.
- HALL, S. *Identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z., CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- HARDMAN, F. F. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HATOUM, M. *Relato de um certo Oriente*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HUMBOLDT, A. *Quadros da natureza*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950. (vol I).
- JURANDIR, D. *Marajó*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Ribanceira*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- JOZEF, B. Memória e identidade cultural da pan-Amazônia. In: *Unamazônia: órgão noticioso, crítico, cultural consagrado à integração latino-americana*. - v. 1, n. 0. Belém: SECULT, 1998.
- LACAN, J. *Escritos*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- LA CONDAMINE, C.-M. *Viagem na América meridional descendo o rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Epasa, 1944.
- LEITE, M. L. M. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

- MARTINS, E. *Makaloba: diário lítero-alucinógeno de brancos e índios*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MEGGERS, B. J. *Amazônia: a ilusão de um paraíso*. 2. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987.
- Miller, J.-A. *Recorrido de Lacan*. Argentina: editado pelo Tercer Encuentro del Campo Freudiano, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Percurso de Lacan: Uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- MORAIS, F., GONTIJO, R., CAMPOS, R. de O. *Transamazônica*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- MOSCA, G. A doutrina do super-homem e as teorias racistas. In: *História das doutrinas políticas*, pp. 289-305, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1975.
- RANGEL, A. *Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas*. 4. ed. Manaus: Typographia Arrault e Cia, 1927.
- REIS, A. C. F. *A Amazônia e a cobiça internacional*. 4. ed. Rio de Janeiro: Americana: 1972.
- SANTIAGO, S. Por que e para que viaja o europeu. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P.189-205
- SEPÚLVEDA, L. *Um velho que lia romances de amor*. 4. ed.. São Paulo: Ática, 1995.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SHOUMATOFF, A. *O mundo chamas: a devastação da Amazônia e a grande tragédia de Chico Mendes*. São Paulo: Best Seller, 1990.
- SILVA, T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SOUZA, M. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Galvez: imperador do Acre*. 4. ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.
- SPIX, J. B., MARTIUS, C. F. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d. (Vol. III)
- VENTURA, Z. *Chico Mendes: crime e castigo: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos povos da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- VERÍSSIMO, J. *Cenas da vida amazônica*. Lisboa: Tavares Cardoso, 1886.

VERNE, J. *A jangada*. São Paulo: Editora Planeta, 2003.

WALLACE, A. R. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)